



Nos braços DO INIMIGO



AUTORA BEST-SELLER DA AMAZON

ALINE RUBERT



PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Copyright © Aline Rubert, 2019

Todos os direitos reservados. É proibido o armazenamento, cópia e/ou reprodução de qualquer parte dessa obra — física ou eletrônica — sem autorização prévia da autora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº.9.610./98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Esta é uma obra de ficção, nomes, lugares e acontecimentos aqui descritos são produtos da imaginação da autora, toda e qualquer semelhança com eventos reais são mera coincidência.

Revisão: Barbara Pinheiro

Capa: Jessica Macedo

Imagem: Romance Novel Covers

Diagramação: Aline Rubert

2019

1ª Edição

PERIGOSAS NACIONAIS

UM CONDE ENTRE PAREDES

Série Amores Irresistíveis – Livro 3

© Todos os direitos reservados a Aline Rubert

PERIGOSAS ACHERON

[Nota da autora](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

PERIGOSAS NACIONAIS

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

PERIGOSAS ACHERON

Nota da autora

Este livro é uma obra de ficção. Muitos dos costumes que aparecerão nele são baseados nos da época, mas com adaptações para o necessário, incluindo a existência de um castelo, que só foi construído dois séculos depois, e algumas mudanças nesse castelo. As histórias dos países e famílias reais também foram adaptadas, para se encaixarem nas propostas que o livro pedia.

Algumas peças de vestimentas foram um pouco alteradas para melhor se encaixarem no momento ou na imaginação da autora.

Peço, por favor, que entendam essas pequenas adaptações de coração aberto, e perdoem qualquer errinho que possa ter pelo meio da história. Foi escrita de coração, direto do meu para o de vocês.

Agora, vou deixar vocês lerem em paz. Aproveitem!

Beijinhos, Aline Rubert.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

*“Essas alegrias violentas, tem fins violentos.
Como fogo e pólvora, que num beijo,
Se consomem.”*

— Romeu e Julieta, William Shakespeare.

PERIGOSAS NACIONAIS

Dois reinos, de igual prestígio, na bela Europa, onde se passa esta história.

De uma antiga rixa, a batalha se inicia, mais uma vez, em que o sangue de civis deixa mãos civis sujas.

Do seio fatal dessas duas famílias, nasce um par de amantes destinados, cujas vidas desventuradas desfazem, com sangue e dor, a guerra travada por seus pais.

Em uma história marcada por desavenças e inimizades, o amor nasce onde menos se espera e, resta ao tão jovem casal, cumprir com os papéis dos quais lhes são esperados, ignorando seus próprios corações.

E quando a matança chega a um ponto crucial, esse amor fadado à desgraça vê seu último suspiro, enquanto o mundo desmorona ao seu redor.

PERIGOSAS ACHERON



Arystelle, rainha de Portugal, estava frustrada em enviar as duas filhas para território germânico por meses, mas era o mais seguro a se fazer. A esposa do Imperador estava certa em ceder uma temporada de festas para os mais novos, algo com que os ocupar em tempos de guerra. Ainda assim, a rainha não estava nada contente em enviar as duas filhas, disfarçadas, até chegarem a Navarra para atravessarem a Espanha em segurança.

Suspirou, observando suas duas meninas. Beatrice tinha agora vinte anos, já havia passado da idade de casar há muito, mas não havia aparecido uma aliança digna dela, ainda, e o pai só cederia a

PERIGOSAS ACHERON

mão da filha para alguém que merecesse se tornar rei consorte de Portugal. Ela era a imagem idêntica da mãe, com olhos num azul-esverdeado extremamente claro, lábios cheios e traços portugueses típicos. A mais nova, Theresa, se parecia bastante com a irmã, porém, com traços mais acentuados, parecidos com o pai. Estava com dezoito anos.

A mais velha suspirou, entediada.

— A carruagem ainda irá demorar? — ela perguntou à mãe, detestando as roupas de plebeia que estava usando. Beatrice havia sido criado para ser uma lady, uma dama de melhor categoria e honrar o título que tinha.

— Você perguntou isso há dois minutos, Bea — a irmã respondeu, rindo.

Não era a primeira vez que Theresa se vestia de mulher comum, costumava escapar do palácio e viver aventuras secretas nas aldeias, sem que ninguém a notasse. Era uma das muitas vantagens de ser a mais nova e não ter nascido com o peso de uma coroa sobre a cabeça.

— E perguntarei de novo, até que essa maldita carruagem chegue — Beatrice resmungou. — Já basta estar vestida como uma qualquer, para

cruzar aquele país maldito.

— Preferia ser atacada e estuprada pelos Montello?

— Theresa! — a mãe repreendeu.

— O que foi? Estou apenas dizendo a verdade. — Thessa deu de ombros, vendo a mãe balançar a cabeça, em reprovação.

— Neste caso, eu concordo, mas no que dependesse de mim, nós iríamos de navio até a França.

— E iria demorar ainda mais, seria ainda mais perigoso, com a quantidade de piratas espanhóis rondando por aí. Carruagem é o modo mais seguro, ainda que, complicado — a rainha explicou, pelo que parecia a milésima vez.

— Eu sei, mamãe, eu sei. — Beatrice suspirou. — Apenas não me agrada ter que cruzar aquele lugarzinho horrível, como menos do que eu sou.

— É só por um dia, minha filha, assim que chegarem a Navarra você poderá se vestir adequadamente. A Imperatriz Consorte já providenciou tudo para a sua recepção, o regente de lá já está avisado.

— Espero que não estejam enganadas. — A

princesa balançou a cabeça, ouvindo o barulho de cavalos se aproximando. — Ah, finalmente.

O dia só agora começava a clarear, haviam se levantado cedo, para saírem o mais breve possível e ter a maior parte de tempo claro para atravessarem a Espanha. Com um pouco de sorte e força dos cavalos, chegariam em Navarra na mesma noite. Era quase impossível, mas ela tinha o luxo de poder sonhar.

Em alguns minutos, a carruagem já estava carregada com os baús de roupas e acessórios das duas princesas, Bea carregando dois a mais do que a irmã mais nova e, assim, as duas embarcaram, acenando em despedida para a mãe.



Já era final da tarde quando a carruagem parou em uma hospedaria em Logroño. Estavam próximas de Navarra, mas não o suficiente para os cavalos aguentarem até lá. Os pobres animais já estavam ofegando demais e Beatrice foi voto vencido quanto a continuar, já que Thessa, o cocheiro e a criada, que as acompanhava, concordaram em parar.

Beatrice suspirou, descendo da carruagem, ainda em suas roupas de plebeia, e entrando na

PERIGOSAS ACHERON

estalagem. A criada, uma mulher mais velha chamada Martha, se passaria por mãe das duas, apenas uma família portuguesa — já que o sotaque era impossível de se esconder — viajando pela Espanha, indo visitar parentes em Navarra. Se o homem da estalagem estranhou aquela família ter ouro para pagar por dois quartos e um nos estábulos para o cocheiro, ele preferiu não comentar.

Os quartos seriam um para a “mãe” e outro para as meninas. Martha estava vivendo um momento de luxo em sua vida, mas como havia sido ama de leite das duas e as criado tanto quanto a verdadeira mãe, Beatrice achou mais do que justo. Bea era uma boa pessoa, ainda que um pouco arrogante às vezes, devido ao nascimento nobre.

Seja como for, as duas se arrumaram para dormir, sem o direito nem a um banho essa noite.

— Nós podemos pagar por um banho, então, por que não? — Beatrice resmungou, acostumada com luxos.

— Porque irão estranhar se tivermos tanto dinheiro assim. Fique tranquila, Bea, é apenas mais um dia sem banho, imagine os verdadeiros pobres, que tomam banho uma vez por mês e já consideram um luxo?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Deus me livre! Deve ser por isso que nasci na realeza, não saberia viver sem meus pequenos luxos.

— Você é mimada demais.

— Nunca disse que não era. — Beatrice riu, se deitando e puxando os cobertores. Era final de março, mas as noites ainda eram bem frias, e ela sabia que na Germânia o frio seria ainda maior.

Beatrice não gostava de frio. Nascida e criada em Portugal, cresceu acostumada com o calor em seu rosto e o mar aos seus pés. Passavam os verões em um castelo à beira mar e, por mais que fosse impróprio para uma princesa entrar na água, ela burlava as regras, erguia as saias e molhava os pés, numa caminhada silenciosa todos os dias de manhã. Era uma garota de verão, do calor. Talvez fosse a única coisa que a nação dela tinha em comum com os inimigos vizinhos, o sol.

— Bea? Está acordada? — Thessa perguntou, também encolhida com o frio, apenas os olhos e os cabelos visíveis pelas cobertas.

— Estou.

— Como acha que vai ser lá, nas terras germânicas?

— Sei que vai ser frio, o castelo fica nas

PERIGOSAS ACHERON

montanhas...

— Não isso, tolinha. As pessoas. Acha que vamos conhecer muitos príncipes? Ouvi dizer que a Imperatriz Melody é uma casamenteira de primeira, e que o único objetivo desta temporada de festas é encontrar uma esposa para o filho mais velho, Klaus.

— E posso saber quem te disse isso? — Beatrice ergueu uma sobrancelha, rindo baixinho. A irmã adorava boatos.

— Uma das ladies do castelo tem uma prima que mora lá, e recebeu uma carta com essa informação no dia em que os convites chegaram para nós. — Thessa deu um sorriso. — Já imaginou, uma de nós, esposa do próximo Sacro Imperador Romano Germânico?

— Já, e se fosse eu, o casamento não passaria de mais uma aliança política para expandir os domínios deles. Quer dizer, toda a região germânica, Hungria, Croácia e Boêmia pertence a eles, sem falar de que o Imperador é arquiduque da Áustria e rei Consorte de Navarra. Comigo no trato, teriam mais de metade da Europa. — Beatrice era calculista quando se tratava de alianças, havia aprendido muito com o pai e já sabia que não se

casaria por amor. Não era tola o bastante para nutrir sonhos impossíveis.

— Pare de falar como papai, seja mais romântica, Bea. E se você se apaixonar por algum príncipe? Não quer viver um conto de fadas?

— Contos de fadas são para princesas de mentirinha, que tem o luxo de se casar por amor. Quando eu me casar, se eu me casar, será por uma aliança com algum país do qual precisemos. Eu já aceitei isso e não me incomodo. Se até hoje não me apaixonei, é porque não vai acontecer mesmo. — Ela deu de ombros.

— Você é fria demais, sabia?

— Sou realista. Você tem a vantagem de ser a mais nova, não ter tantas responsabilidades. Você, sim, pode se casar por amor e viver todos os sonhos de um conto de fadas. Inclusive, eu recomendo aproveitar todos os príncipes que teremos disponíveis nesta temporada para, quem sabe, se apaixonar por um deles. — Beatrice sorriu, sabendo que era errado encorajar a irmã, mas adorava o modo desafiador de regras e sonhador de Theresa.

Thessa sempre foi duas em uma. Sonhadora apaixonada e aventureira, ao mesmo tempo que

sonhava com um amor de conto de fadas, ela se envolvia em paixões passageiras para gastar o tempo. Enquanto a irmã nunca havia sido beijada, ela tinha o hábito de se encontrar às escondidas com o filho do cavaleiro. Deus sabe como ela ainda não estava arruinada, se é que não estava e ninguém sabia.

Fosse como fosse, elas precisavam dormir. Amanhã seria mais um longo dia de viagem e precisariam estar prontas para o que viesse.



Beatrice não sabia expressar sua felicidade quando, ao meio-dia, chegaram em Navarra, na cidade de Pamplona. Tinham acomodações as esperando no castelo, providenciadas pela Imperatriz Melody. Ficariam lá por dois dias e, então, seguiriam para o castelo de Neuschwaisten, na Alemanha. Levariam quase uma semana para chegar lá, mas, ao menos, dali em diante não precisariam mais se esconder e seriam acompanhadas por uma escolta de Navarra. Tudo finalmente seguiria bem.

— É uma gentileza sua nos receber aqui, regente — Beatrice agradeceu, com um sorriso, enquanto conversava com o regente e sua esposa.

PERIGOSAS ACHERON

Arthur e Nicole, melhores amigos da rainha, haviam sido apontados como regentes quando ela se mudou permanentemente para o palácio germânico com o marido.

— Qualquer inimigo dos espanhóis é nosso amigo. — Ele sorriu, enquanto a esposa revirava os olhos.

— Exagero dele. Vocês são muito bem-vindas em quaisquer circunstâncias, minhas queridas. — Lady Nicole sorriu.

— Estou apenas dizendo verdades, minha lady. — Ele sorriu para a esposa e, qualquer um presente ali, podia notar a forma como os dois se amavam. Eram um casal bonito, pensou Beatrice. Mal pareciam ter começado graças a um escândalo. — Ainda não acredito que Mel convidou os filhos dos Montello, mas imagino que seja justo, já que a irmã do marido se casou com Carlos. — Arthur franziu o cenho, dando de ombros.

— Espere, o senhor disse que o príncipe e a princesa da Espanha foram convidados também? — Beatrice engoliu em seco, empalidecendo. Um calafrio lhe percorreu a espinha, como um aviso de que aquilo significava algo que ela ainda não sabia.

— Sim, Thiago e Jennifer. Eu fui contra, os

Montello só trazem problemas e eu tenho uma cicatriz nas costelas para provar, mas Melody — ele só conseguia se referir à amiga pelo primeiro nome — insistiu em dizer que os mais novos não podiam ser responsabilizados pelos erros dos pais, então, sim, eles foram convidados. Devem chegar antes das senhoritas, inclusive.

— Ah, que ótimo. Era só o que nos faltava. — Havia acidez e ironia na voz da princesa. A irmã, em um raro momento, concordou com ela.

— Já estamos indo para nos distanciar dos Montello, e eles estarão lá também. — Theresa bufou. Lady Nicole deu uma risadinha, balançando a cabeça.

— O castelo é enorme, meninas. Não precisarão falar com nenhum Montello, se não desejarem, podem ficar tranquilas. — Ela sorriu, e as duas se acalmaram um pouco.

— Muito bem, nós iremos partir mais cedo do que o esperado, então. Gostaria de chegar antes deles, para saber seus rostos desde o início e me manter afastada. — Beatrice ergueu o nariz, assumindo sua pose real.

— Superioridade. Essa é das minhas. — Arthur sorriu, enquanto a esposa revirava os olhos.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Já que vão mais cedo, talvez possam acompanhar nossos filhos, Daniel e Katherine. Eles têm a sua idade, princesa, e são seus primos.

— Por mim, sem problemas, nesses tempos perigosos é até mais seguro viajar em grupo, e com um homem acompanhando, além da escolta, estaremos mais seguras — Beatrice concordou, em seguida, começando a organizar os planos para a viagem.

Partiram no dia seguinte.



— Eu estou entediada! — reclamou Katherine, que estava dividindo a carruagem com as meninas. Daniel, naquele momento, cavalgava ao lado, até se cansar ou começar a chover.

— Leia um livro — Beatrice disse simplesmente, sorrindo. A garota balançou a cabeça.

— Não gosto muito de ler. Nenhum livro ou quase nenhum livro, tem um final verdadeiramente feliz. Você já leu o poema de Romeu e Julieta? — As duas meninas negaram com a cabeça. — É uma história linda, baseada em Tristão e Isolda, então, já podem imaginar o final trágico. São amantes proibidos.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu gostaria de um amante proibido. — Thessa sorriu, sonhadora. — Um homem bom e forte, um verdadeiro guerreiro por quem eu me apaixonaria e viveria ao seu lado o resto de meus dias, lutando contra todos que tentassem nos impedir.

— Tristão e Isolda morrem no final, Thessa. Você saberia se passasse mais tempo na biblioteca e menos tempo nos estábulos — Beatrice alfinetou a irmã, com um sorrisinho no rosto. Thessa deu de ombros.

— Você é que não se aventura o bastante.

— Estábulos? — perguntou Katherine, curiosa. Thessa deu um sorrisinho, corando.

— Ela tem um caso com o cavaliário — Beatrice expôs a irmã, que deu um gritinho.

— Bea!

— É verdade, oras. Lady Katherine é de confiança, ou se esqueceu de que ela é nossa prima?

— Ah, verdade. Eu sempre esqueço que mamãe e Lady Nicole são meio irmãs. — Ela deu de ombros, mais uma vez, enquanto as outras duas balançavam a cabeça e riam.

— Não ligue para isso, Thessa tem o

costume de ser avoada nos assuntos que dizem respeito à família e parentesco. Veja bem, não foi ela a obrigada a estudar sobre todas as linhagens reais e afluentes desde pequena. — Bea sorriu. — E raramente nos lembramos de mamãe ter sido uma bastarda de nosso avô. — Ela deu de ombros.

Lorde Louis de Condé, seu avô, havia tido quatro filhos legítimos e uma bastarda, futuramente legitimada e que viria a se tornar rainha de Portugal. Quase todos os filhos se tornaram realeza, na verdade. Arystelle havia se casado com Thomás, de Portugal; Brian, com Louise, da Inglaterra; Phillip, com Anita, da Itália e Nicole, com Arthur, regente de Navarra. Só Emilly não havia entrado para a realeza, se casando com o Barão de Bayard, mesmo após os escândalos do suposto caso dele com a Imperatriz Melody, antes desta se casar com o Imperador.

— Tudo bem, é uma árvore genealógica enorme para se decorar. — Katherine riu, dando de ombros. — Somos primas, mas nunca nos conhecemos antes, é compreensível que ela não se lembre. Mas me fale mais sobre o cavaliário. — Ela deu uma risadinha.

— Ele e eu somos apaixonados. Bom, ao

menos, ele é. — Theresa sorriu. — Eu não sei. É uma aventura divertida, mas ainda não é aquele amor forte e arrebatador, me entende?

— Nunca tive um amor arrebatador, mas imagino como seja. — Ela suspirou, dando de ombros. — Talvez nossos amores estejam nesta temporada na Alemanha.

— Talvez... soube que muitos príncipes estarão lá.

— Sim, e alguns reis também. O rei russo, por exemplo, ou o polonês. — Katherine deu um sorrisinho, animada. — E o príncipe da Irlanda, o príncipe do império, obviamente... Dizem que Klaus é um libertino de primeira!

— Dizem que todos os homens são libertinos — Beatrice comentou por alto, tentando não atrapalhar muito a conversa das duas sonhadoras.

— Alguns mais do que outros. Você deveria se divertir mais, Bea, se arruinar um pouco. — A irmã riu, enquanto a outra revirava os olhos.

— Única princesa que eu vejo dar este conselho. — Katherine riu. — Mamãe sempre me disse o contrário, nada de ruína, nada de me arriscar sem amor. Ela sabe bem o peso que um escândalo

pode ter em uma mulher, hoje em dia, ela e papai são um casal feliz e bonito, mas um dia já foram melhores amigos, que se envolveram, por acaso, numa série de ruínas. — Ela balançou a cabeça, se lembrando da história.

— Eu já havia escutado boatos, mas não sabia que era verdade que seus pais se arruinaram, antes de se casarem — Bea comentou, curiosa. — O que aconteceu?

— Mamãe engravidou, sem estar casada. Acabou perdendo o bebê, mas o estrago já estava feito, depois de todos terem a visto enjoando na viagem de barco da Inglaterra para a França, após o casamento de tio Brian... Bem, ele hoje é rei da Inglaterra, talvez eu devesse chamá-lo de alteza. — Ela deu uma risadinha. — Aliás, ele tem um filho. Bastardo, mas, ainda assim, é sangue real e, se não fosse nosso primo, eu juro que não me continha. — Ela riu. — Brandon, o nome dele. Lorde Brandon, nomeado Barão de Sussex. Me lembrem de recomendar ele para as outras garotas. — Sorriu.

— Não me diga que quer ser a casamenteira da temporada? — Thessa riu e a prima deu de ombros.

— Se não conseguir um casamento para

PERIGOSAS NACIONAIS

mim, consigo para alguém. — Elas riram, se divertindo com comentários sobre isso durante o resto da viagem.

PERIGOSAS ACHERON



Thiago revirou os olhos, pelo que pareceu ser a milésima vez, naquele dia. Estava enfurnado dentro de uma carruagem, ouvindo a irmã tagarelar. Nessas horas pensava que talvez fosse melhor seguir viagem a cavalo, na chuva mesmo, porque é claro que tinha que chover justo no dia em que eles estariam viajando. Bem, no primeiro dia. Ainda tinha aproximadamente uma semana, se o tempo melhorasse. Com essas chuvas poderiam demorar de três a cinco dias a mais.

— Thiago, você está me ouvindo? — Jennifer perguntou, acenando uma mão em frente ao rosto do irmão.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sinceramente? Não. — Ele deu de ombros, rindo da expressão zangada dela. — Me poupe dos seus dramas, Jenny. “*Será que vou conhecer um príncipe?*” “*Será que vou me apaixonar?*” Sim, Jenny, você conhecerá vários príncipes e, não, não importa se vai se apaixonar, pois somos realza e a realza não se apaixona.

— Nossos pais se apaixonaram — ela resmungou e o irmão revirou os olhos, mais uma vez.

— Nossos pais são um caso raro, tiveram guerras complicadas por causa disso. Ou se esqueceu de que só fomos convidados, por sermos sobrinhos do Imperador, mas que nossos pais ainda não são bem-vindos em território germânico?

— Detalhes. Somos o primeiro passo de um acordo de paz, eu sinto isso.

— Somos o primeiro passo da pena da esposa de tio Rudolf. — Ele deu de ombros, olhando pela cortininha da carruagem para a lama ao redor deles.

— Lady Melody, a versão atual de Helena de Tróia. Você já deve ter ouvido a história sobre o casamento dela com tio Rudolf.

— Tenho certeza de que você vai me contar.

PERIGOSAS ACHERON

— Ele suspirou, desistindo de argumentar com ela. Não perderia o seu tempo ou sua saliva discutindo com um caso perdido.

— Vou mesmo. Mamãe me disse que era importante saber. Diz ela que tio Rudolf e lady Melody não eram noivos inicialmente e, que, ela estava noiva do barão de Bayard. — Thiago murmurou um “*uhum*”, sem prestar realmente atenção. — Dizem que ela, depois disso, foi prometida ao Imperador, mas antes já haviam sido vistos juntos nos jardins, perto de algumas árvores. Criadas juram que ela se arruinou com ele, mas não se pode confiar em criadas. — Ele agora murmurou um “*é mesmo?*” sem muito ânimo. Não se importava com fofocas. — Continuando, depois disso, o pai dela morreu, eles se casaram e havia toda uma questão de ele não gostar de dizer que a amava, somente dizia em alemão. Acho que ele não queria que ela soubesse, mas mamãe estragou a farsa, esperando causar problemas... infelizmente eles se entenderam melhor ainda depois.

— Mamãe é boa em causar problemas fora da família, mas com o irmão, ela nunca teve talento. Parece até que ela tem medo dele. — Thiago se virou para a irmã, com uma sobrancelha

erguida e um sorrisinho de escárnio. — Se ela fosse um pouco mais forte, ele teria morrido naquele ataque, quando estavam na Itália.

— É o irmão dela, Thiago. Eu não conseguiria enfiar uma adaga em você, nem mesmo se você se bandeasse para o lado dos portugueses.

— Algo que nunca irá acontecer, como nós dois bem sabemos. — Ele deu de ombros, com um sorriso. — Mas se acontecer, pode me enfiar uma adaga, com todo o prazer.

— Vou me lembrar disso. — Ela riu, sem falar sério. Jenny não parecia ter tanto sangue Montello quanto a família gostaria que tivesse. Era amorosa, calma e, por mais que gostasse de vencer batalhas, ela não gostava de ver ou de causar sofrimento. Tinha muito dos Habsburg em si, para a infelicidade dos pais e do irmão.

Thiago era um Montello completo, não havia dúvidas. E para piorar — ou melhorar, dependendo do ponto de vista — havia sido criado à imagem de Carllos. Ele não era bom, calmo ou piedoso. Ele era firme; cruel, quando necessário, sentia prazer em ver os inimigos derrubados, adorava ver sangue na espada... era um Montello, não havia mesmo como negar.

Fisicamente ele e Jenny eram como água e vinho. Ele se parecia muito com o pai, os olhos num tom aveludado de castanho esverdeado, os cabelos castanho escuros, a pele bronzeada pelo sol. Era um típico espanhol, qualquer um podia ver. Já Jenny havia puxado os traços germânicos da mãe, o cabelo loiro e os olhos azuis, as feições delicadas que formavam o disfarce perfeito para qualquer besteira que pudesse vir a fazer. Mal pareciam ser irmãos, se não fosse terem o mesmo nariz.

Algumas pessoas poderiam desconfiar da descendência deles, muitos espanhóis ainda não confiavam na rainha germânica, mas um dos laços mais fortes que ele já vira na vida era o dos pais. Rainha Christine, mãe deles, não trairia o marido nem em pensamento. Eram um dos raros casos de amor na história dos Montello, que viveram com ódio e alianças por longos anos, desde que tomaram o poder em 1300. Mais de duzentos anos no poder da Espanha, dezenas de reis, e as histórias com a palavra “amor” podiam ser contadas nos dedos de uma mão.

Carllos e Christine foram uma exceção bela de se ver, não faziam questão nenhuma de esconder

que a rainha havia se arruinado com ele, e ficaram noivos no mesmo dia. Diferente de certas damas bem-educadas e envergonhadas, Christine tinha orgulho em ter sido arruinada, em ter ido contra tudo o que a sociedade impunha. Ela tinha orgulho em agir por impulso, em agir com a emoção. Era, inclusive, a primeira Montello — mesmo que através do casamento — a não ser fria e calculista. Ela e o marido tinham um equilíbrio admirável, a calma e o furacão. Thiago sabia que nunca teria aquilo e estava bem com isso. A única fraqueza do pai era a esposa e Thiago não teria fraquezas.



É claro que a chuva havia piorado. Maldita fosse sua repentina falta de sorte, ficaram presos em Logroño por duas noites, até conseguirem seguir viagem. Nesse tempo, Thiago teve que aturar as tagarelices da irmã, que havia feito amizade com uma inglesa hospedada lá, a qual ele não se importou em aprender o nome. Alguma coisa com L.

Ele aproveitou que estavam em uma estalagem de luxo e foi treinar numa pequena área de combate que havia na lateral dos estábulos. OS bonecos de treino eram de péssima qualidade e sua

PERIGOSAS ACHERON

espada os cortava facilmente, mas, ao menos, era algo para não ficar parado. Aproveitou a privacidade de ser o único ali com coragem de sair na chuva, treinando para manter a mente ocupada.

Thiago era um exímio guerreiro, musculoso, treinado em todas as formas de combate conhecidas na Espanha. O pai havia feito questão de que ele se aperfeiçoasse para, um dia, comandar as tropas espanholas em batalha, quando Carlos já não o fizesse. Havia acompanhado o pai em várias batalhas e conhecia a história da invasão ao castelo francês. Foi antes de ele nascer, antes mesmo de seus pais se conhecerem, mas foi uma das únicas batalhas perdidas pela Espanha. Teriam ganhado, se não fosse o exército do Imperador.

O pai e ele ainda não haviam engolido esse convite amistoso do Imperador, diziam que tinha algo por trás. Por mais que a Imperatriz tivesse fama de boazinha, de caridosa e o que mais fosse, eles não confiavam em pessoas boas demais. Acreditavam que bondade fosse uma fraqueza ou uma mentira, e ele estaria de olhos abertos o tempo todo. Mas planejava se divertir um pouco também.

Ele deu um sorrisinho de canto, enquanto atingia o boneco com mais um golpe, já

imaginando as mulheres de todos os tipos e formas que encontraria na Alemanha. Ladies com a pele translúcida e sem marcas de sol, ladies tão bronzeadas quanto ele, morenas, loiras e ruivas... Ele teria um verdadeiro banquete de mulheres e pretendia aproveitar. Fosse como fosse, ele aproveitaria muito bem sua estadia em território germânico, afinal, para algo, aquela viagem tinha de servir.



Depois de mais dias e dias, que pareceram uma eternidade, eles finalmente chegaram à Alemanha. Era sexta-feira e seriam iniciadas as festividades aquela noite. Chegaram tão em cima da hora, que não houve tempo nem para serem anunciados formalmente, foram apenas levados aos seus quartos. Cada um recebeu um aposento privativo, com quarto de banho anexo. Estavam longe do calor absurdo da Espanha, então, não precisariam tomar banho com a mesma frequência absurda de quando estavam em casa. Poderiam relaxar um pouco, o que era a única vantagem.

O castelo de Neuschwanstein era esplendoroso, isso não havia como negar. Com suas torres altas, sua entrada em arco com duas torres

PERIGOSAS ACHERON

laterais, se impondo entre as montanhas. Havia vastos jardins no caminho para cima, cobertos com lagos e, até mesmo, um labirinto de arbustos. Ao passar dos portões, o castelo tinha um pátio amplo, que levava à entrada para a sala principal. A sala do trono era ampla, com janelas de topo arredondado que iam do chão ao teto e era ricamente decorada com pinturas e detalhes dourados.

O palácio inteiro seguia esse padrão rico de decoração, sem nenhuma economia nos detalhes, consequência de gerações e mais gerações dos ricos Habsburg que passaram por lá. OS quartos eram exuberantes, com murais nas paredes, de todas as temáticas possíveis. O de Jenny era deusas grega. O de Thiago, de uma representação de Tristão e Isolda, a cama ficava encostada contra a parede, com lençóis azuis escuros e havia uma cômoda, uma escrivaninha, uma poltrona macia e várias decorações aleatórias ao redor. Era um quarto bonito. Arrumado demais para o seu gosto, mas agradável o suficiente para sua estadia.

O castelo também tinha uma vasta biblioteca, onde ele viu pela porta algumas garotas lendo em silêncio. Nem se atreveu a entrar, continuando a explorar o lugar. Era um castelo

enorme, mas não parecia haver muitos segredos para se localizar nele. Só saber por onde andava, aprender os caminhos e não teria problema algum.

Voltou ao seu quarto, ordenando a uma criada que lhe preparasse um banho. Já estava há tempo suficiente sem um bom banho quente e era mais do que necessário, depois de passar dias na estrada. Quando tudo estava pronto, ele dispensou a criada, sem querer perder tempo com serventes no momento. Talvez outro dia.

Mergulhou na banheira, sentindo a água morna. Suspirou, revirando os olhos. Teria que dar ordens para a água vir mais quente da próxima vez. Seja como for, tomou seu banho, saindo alguns minutos após a água começar a esfriar. Thiago gostava do frio, costumavam dizer por aí que era o clima da alma de um Montello e não estavam errados.

Vestiu-se, prendendo o colete, botão por botão. Thiago não gostava de ter a ajuda de criados para se vestir, era um homem adulto e, não, uma criança, podia muito bem abotoar as próprias vestes. A calça bufante, as meias e os sapatos. Estava pronto, o cabelo despenteado mesmo, no qual apenas passou as mãos. Os Montello gostavam

de ter um ar selvagem, mais um fato conhecido sobre a família espanhola.

A festa dessa noite seria nos jardins, mais especificamente no labirinto, e ele se perguntou se a Imperatriz estava planejando ter moças arruinadas em seu castelo. Ninguém, em sã consciência, celebraria uma festa à noite, num lugar cheio de esconderijos para casais indecentes. Sabia que ele e todos os homens ali presentes se aproveitariam desse fato para desonrar as damas mais afoitas, talvez uma criada ou duas. Ele deu um sorrisinho só de imaginar.

Quando chegou ao jardim, parou na primeira mesa de bebidas que encontrou, pegando um copo com uísque escocês e bebendo em um gole só, sacudindo um pouco a cabeça com o impacto da bebida. Agora, a noite podia começar.

Começou a andar sem rumo pelo labirinto, deixando que seus pés o guiassem, até que parou em um beco sem saída, mas não era o único lá. Havia uma morena de costas para ele, o vestido em tons de rosa escuro reluzindo na pouca iluminação, a saia exuberante em volta dela. Ele deu um sorrisinho de lado, vendo nela sua primeira vítima da temporada e se aproximando, em silêncio, não

falando nada, até estar a poucos centímetros dela.
— Se perdeu, milady?



Beatrice se assustou com a voz atrás de si, se virando para dar de cara com um homem moreno e bonito, com olhos que ela não podia ver bem no escuro, cabelos despenteados e um sorriso galanteador. Seus instintos automaticamente o decretaram como uma ameaça.

— Não, estava apenas... olhando as flores.
— Ela fez um sinal para a parede de folhas floridas à suas costas e ele deu um sorrisinho de canto, erguendo uma sobrancelha.

— É mesmo? E o que tem de tão importante nas flores? — Ele deu um passo à frente.

— São bonitas — ela respondeu
PERIGOSAS ACHERON

simplesmente, sabendo que não tinha para onde recuar, se ele pretendesse algo desonroso. Era bonito, sim, e ela sabia o que homens bonitos faziam com garotas distraídas. Sua irmã costumava adorar este tipo de homem, sem dar a mínima importância para a reputação.

— Não são mais do que você. — Ele manteve o sorrisinho e ela percebeu o sotaque. Era forte, carregado, diferente de qualquer um que ela já tivesse escutado.

— Obrigada. — Ela não queria responder, mas a educação mandava que o fizesse. Estava se sentindo nervosa, dando um pequeno passinho para trás, as costas batendo no arbusto.

— Está assustada, senhorita? — Ele se aproximou com o mesmo sorrisinho que parecia estar colado em seu rosto, a encurralando. — Não precisa agir assim... Eu não mordo. — Um canto dos lábios dele se ergueu mais, o sorriso agora mostrando os dentes. — Bem, só se quiser.

— Não...

— Não quer, ou não está assustada?

— As... as duas coisas.

— Agora, veja só, uma delas é mentira. — Ele deu um pequeno passo à frente, a deixando

mais encurralada. — Ou você está assustada e fingindo o contrário, ou deseja que eu a morda e está fingindo o contrário. Qual dos dois será?

— Você está enganado, cavalheiro.

— Eu nunca me engano. — Ele deu de ombros, dando outro passo em direção a ela. — Você está tremendo, milady. Ou é de desejo ou de medo, disso eu tenho certeza. — Ele deu mais um passo. — A julgar pelos seus olhos, eu diria que é medo. Uma pena.

— Não tenho medo de você, senhor... — Ela não sabia o nome dele, então, apenas parou a frase pela metade. Ele se aproximou mais um pouco, ficando a centímetros de distância dela.

— Então, é desejo? Bom saber. — Ele deu um riso, a observando dos pés à cabeça. — Cabelo bem arrumado, roupas caras... realeza, estou certo?

— Não está errado. — Ela tentou se afastar mais, sendo impossibilitada pelos galhos do labirinto. Maldita fosse a Imperatriz por ter construído um labirinto tão bem fechado.

— E sem coroa, o que significa que é uma princesa. Prazer em lhe conhecer, alteza. — Ele deu um sorrisinho de deboche e ergueu uma mão, tocando o rosto dela. — Me diga, vossa alteza, de

onde você vem?

— Po-portugal. — Ela se amaldiçoou por ter gaguejado, mas a proximidade dele a apavorava. Ele não parecia que a atacaria, mas homens não eram confiáveis, a mãe já havia lhe ensinado isso.

— Ah, tem sangue ruim, então — ele provocou e ela arregalou os olhos, percebendo, finalmente, de onde era aquele sotaque.

Ele era espanhol.



Thiago desconfiou desde que a viu, de que era a princesa portuguesa, e ela havia acabado de confirmar suas suspeitas. Ele deu um risinho de lado, a chamando de sangue ruim, imaginando, pela expressão dela, que ela entenderia, ao menos, de onde ele vinha. Ótimo.

— Você é...

— Sim — ele confirmou. — Espanhol, com muito orgulho. — Não diria seu nome ainda, não daria a ela motivos para fugir... ao menos, não antes de ter sua pequena conquista portuguesa.

Agora que estavam mais próximos, ele podia ver que ela era apenas um pouco mais baixa do que ele, não mais do que dez centímetros, talvez quinze. Era baixa, na medida certa para ele.

— Neste caso, somos inimigos, passar bem, senhor. — Ela tentou sair, mas ele a prendeu, um braço de cada lado de seu rosto, segurando nos galhos do arbusto atrás dela, criando uma pequena jaula, da qual ela só escaparia se ele deixasse.

— Tudo o que é proibido é mais gostoso, alteza. — Ele deu mais um sorrisinho, se inclinando na direção dela, até seus lábios estarem roçando a sua orelha. — E se for comigo, pode ser muito gostoso.

— Você é um pouco convencido, senhor *sem nome*. — Ela engoliu em seco e ele notou a voz dela tremer. Estava mesmo assustada.

— Apenas digo verdades, *mi princesa* — ele sussurrou em espanhol, sentindo-a se arrepiar. Bom. — *Tengo un secreto para usted, princesa. Soy muy bueno en lo que hago.*

Ele sabia que ela só entenderia parcialmente, devido à similaridade do espanhol com o português, mas não queria realmente que ela entendesse, apenas que se arrepiasse mais e ficasse menos arisca, cedendo aos encantos dele.

— Eu... não entendi.

— *Deja que te muestro.* — Ele deu um sorrisinho de lado, sabendo que essa ela entenderia,

e tirou uma mão dos galhos, tocando a cintura dela. O tecido do vestido era grosso, mas ele ainda podia sentir as curvas dela por baixo. E que curvas.

Beatrice não tentou se afastar novamente, talvez paralisada, e ele começou a subir os dedos, roçando a lateral dos seus seios. Ela usava um vestido num estilo tudoriano, com o decote nem tão fechado e nem tão aberto. Thiago se aproveitou disso, roçando os lábios no pescoço dela.

— Quer que eu pare? — sussurrou, voltando a morder a orelha dela.

— Eu...

— Se me pedir, eu paro, mas acho que não quer isso, sangue ruim... — ele provocou de novo, levando a outra mão a cintura dela e a puxando contra si. — Nunca provei uma sangue ruim. *Cual és su gusto, princesa?* — ele sussurrou e, então, fez o que tanto queria, testando os limites da tolerância dela, a beijou.



Beatrice nunca havia sido beijada antes. Não era como a irmã, que se dava ao luxo de ser desfrutada por qualquer homem bonito que aparecesse. Bea sempre quis que seu primeiro beijo fosse mágico e, nesse momento, estava beijando

PERIGOSAS ACHERON

um inimigo, o qual não sabia nem o nome, mas mentiria se dissesse que não foi mágico.

Ele beijava estupendamente bem, ela sabia disso, mesmo sem ter com quem comparar. A sensação da língua dele na sua era estupenda, a forma como ele se impunha e ditava um ritmo para que ela seguisse. Sim, ele beijava muito bem, mesmo sendo um inimigo que ela deveria manter distância. Beatrice suspirou nos lábios dele, se derretendo, se esquecendo de honra e de dever, se esquecendo, até mesmo, de quem era. Só voltou a estar ciente quando um dedo dele escorregou por seu decote e tocou levemente a parte superior de seus seios. O arrepio que sentiu dessa vez não foi de medo, foi de algo diferente. Desejo, como ele havia provocado antes. Esse arrepio só podia ser de desejo.

— Pare... — ela sussurrou, dando um gritinho abafado ao sentir o dedo dele roçar seu mamilo. A sensação foi maravilhosa.

— Tem certeza? — Ele fez o mesmo toque de novo, o mamilo dela se enrijecendo em contato com a ponta do seu dedo, mordendo o lábio inferior dela e descendo um beijo por seu pescoço, lambendo a pele macia e salgada. Ela se arrepiou

mais ainda, segurando os braços dele por puro instinto.

— Eu...

— Não quer mais, princesa? Não quer saber que gosto tem o prazer, a entrega? — ele sussurrou, passando a língua por seu decote, enquanto uma mão apertava suas saias até alcançar a coxa, erguendo um pouco sua perna até estar em volta dos quadris dele.

— Eu não posso...

— Ah pode. — Ele deu um sorrisinho, puxando o decote dela com uma mão e liberando um seio de bico claro, não muito grande, na medida certa para ele fazer o que queria e o cobrir com os lábios, arrancando dela um arquejo alto, sugando todo o ar possível para os pulmões, enquanto ele sugava seu mamilo enrijecido, causando-lhe arrepios em lugares em que ela pensava não ser capaz de sentir nada.

— Isso é... ah! — Ela não conseguia formular uma frase, tocada pelo prazer. Queria dizer que não, sua mente dizia que era errado, mas seu corpo estava se divertindo tanto, que os pensamentos racionais foram abandonados.

Ele puxou as saias dela para cima,

deslizando uma mão diretamente por sua coxa e subindo. Ela arregalou os olhos quando entendeu até onde ele estava indo e balançou a cabeça negativamente, implorando com o olhar.

— O que foi, princesa? Quer parar pela metade? — ele sussurrou, o ar quente contra a pele dela, a deixando arrepiada. — Acredite em mim, você vai gostar muito disso.

E subiu a mão, a tocando exatamente onde queria.



Thiago sabia exatamente o que estava fazendo, experiente como era. Aproveitou que ela não estava com nenhuma roupa de baixo, além das saias de armação, e a tocou no cerne de seu prazer, acertando em cheio naquele pequeno e milagroso pedacinho de carne que a deixaria louca. Ela soltou um gemido abafado, cobrindo a boca com uma mão para abafar o som, enquanto ele a acariciava.

— Gosta disso, não gosta? — ele sussurrou, mordiscando e puxando o mamilo dela, arrancando mais gemidos abafados e choramingo, enquanto ela começava a se remexer nos dedos dele. — Veja só, princesa, está começando a se divertir? — ele provocou, com um risinho, aumentando a

PERIGOSAS ACHERON

intensidade do toque, agora mais rápido e forte. Ela suspirou, a perna erguida se apertando em volta dele.

— O que... o que está fazendo comigo? — ela sussurrou, ofegante, se remexendo no ritmo que os dedos dele ditavam.

— Estou lhe dando um pouquinho do gosto da vida, agora, fique quietinha e me deixe ouvir aqueles gemidos. — Ele a mordeu mais uma vez, arrancando um gritinho dela, enquanto aumentava a intensidade do que estava fazendo com os dedos. — Isso, Beatrice, se entregue. Pode despencar, que eu lhe seguro — ele sussurrou, entregando que sabia o nome dela, sem pensar racionalmente.

Como diabos poderia pensar de forma racional, enquanto sentia a umidade dela em seus dedos, os gemidos dela em seus ouvidos, seu membro duro e latejante dentro da calça? Bem que diziam que as portuguesas tinham fogo na alma, e não estavam mentindo.

Ele sentiu que ela estava perto e subiu os lábios, a beijando novamente, cobrindo a boca dela com a sua para abafar os gemidos altos de prazer, os ofegos e suspiros que vieram com o clímax dela, que ele teve certeza de ser o primeiro da vida de

PERIGOSAS NACIONAIS

Beatrice. Ele sorriu de lado, mordiscando o lábio inferior dela, sentindo-a tremer em seus braços enquanto se recuperava.

Beatrice suspirou, se soltando dele e se recostando nos arbustos, sentindo um cansaço que não era normal. Ele sorriu de lado, tocando o rosto dela.

— Como... — Ela ainda estava ofegante. — Como sabia o meu nome?

— Ora... — ele deu um sorrisinho de canto, se entregando —... um príncipe deve saber o nome de outros membros da realeza, principalmente de seus inimigos.

— Um... não! — Ela arregalou os olhos, ofegando, agora pelo choque.

— Sim. — Ele deu de ombros. — Thiago Montello, milady, ao seu dispor. — Ele deu um sorrisinho de canto, se aproximando dela novamente. — Agora, vamos continuar de onde paramos?

— Continuar, o que... está louco?! Não deveríamos nem ter feito isso, você é meu inimigo jurado, seu, seu... argh! — Ela não parecia encontrar palavras e ele deu um meio sorriso, rindo da reação dela.

PERIGOSAS ACHERON

— Não estava tão incomodada antes, gemendo nos meus braços, se remexendo nos meus dedos, aliás... — Ele levou os dedos que estavam nela aos lábios e os chupou, vendo-a arregalar os olhos. — Deliciosa, como eu imaginei. Mas eu gostaria de provar direto da fonte, se não se importar.

— Me importo, sim! — Ela balançou a cabeça, em choque. — Como pôde fazer isso, seu miserável?

— Não parecia me achar um miserável há cinco minutos... — Ele fez uma imitação fajuta dos gemidos dela, dando uma risada em seguida. — Vamos, princesinha de sangue ruim, me deixe terminar o que começamos.

— Nunca! — Ela pôs as mãos no peito dele e o empurrou para trás. A força dela era mínima, mas ele se afastou por conta própria. — Nunca conte para *ninguém* o que aconteceu aqui, está me ouvindo? Se eu sonhar que alguém sabe, seu reino sofrerá toda a ira de Portugal.

— Não já sofremos? Nunca me pareceu grande coisa. — Ele deu de ombros, ainda com a mesma risada de escárnio. Ela soltou um “argh” de ódio e saiu correndo, antes que ele a segurasse de

PERIGOSAS NACIONAIS

novo. Ele riu, parado ali, vendo as saias dela desaparecerem na curva do labirinto. *Tomara que se perca.*

Não parou de pensar nela em momento algum daquela noite. Nem quando saiu andando do labirinto com cara de paisagem, muito menos, quando voltou para seu quarto e aliviou seu membro com as próprias mãos, sua mente ecoando o doce som dos gemidos dela.

Quando se deitou, com ela ainda na cabeça, tomou uma decisão da qual não desistiria. Aquela princesinha de sangue ruim ainda seria dele, ou não se chamava Thiago Montello.

PERIGOSAS ACHERON



Beatrice havia se tornado um alvo. Claro como o dia, ela havia se tornado o objetivo de Thiago nessa temporada. Não perderia sua diversão com as outras, mas seu foco estava em ter aquela princesinha de sangue ruim aos seus pés, embaixo dele, de quatro para ele... de todas as formas possíveis.

Já fazia dois dias, era domingo, e sua mente continuava dando voltas com as milhares de coisas que gostaria de fazer com ela. Coisas deliciosas, coisas indecentes demais para serem ditas em voz alta, coisas absurdas... A tomaria de todos os jeitos, em todas as posições que conhecia. Ela seria sua

PERIGOSAS ACHERON

maior conquista, ele seria o príncipe a se deitar com a inimiga mortal. Estava um pouco obcecado com isso, mas passaria assim que a tivesse. O único problema estava sendo encontrá-la, parecia até que o estava evitando.



Beatrice estava se escondendo dele. Agora que sabia quem era seu estranho sedutor, não podia superar ter quase se entregado a um inimigo. Não sabia o que havia lhe ocorrido para agir daquele modo, tão diferente de seu normal, tão indecente. Ela não era a irmã, afinal de contas, não dormiria com qualquer um por pura diversão, ela se importava com a honra que tinha.

Nunca foi dada a libertinagens, nunca. Mas aquele estranho de olhos brilhantes a enfeitiçou e, mesmo sendo espanhol, ela se rendeu aos toques dele, sem nem imaginar que se tratava do príncipe. Se ele não tivesse falado, ela provavelmente teria entregado sua virgindade a ele, sem nem saber de quem se tratava, apenas tomada pelo momento. Ah, que momento.

Ainda sentia a pele formigar quando se lembrava do toque dele em seus seios, entre suas pernas. Nunca admitiria em voz alta que tentou

PERIGOSAS ACHERON

repetir os mesmos movimentos sozinha, desejando mais daquela sensação, mas não foi a mesma coisa. Não seria a mesma coisa sozinha. Suspirou, escondida na biblioteca, tentando ler um pouco para se distrair. Gostava particularmente de poemas, e o Imperador em pessoa havia lhe dado a liberdade de pegar o livro que quisesse.

Beatrice era prima distante da Imperatriz, algo comum na realeza. Sua mãe era bastarda do tio de Lady Melody, fazendo delas primas de... segundo, terceiro grau? Não sabia ao certo, mas o bom disso era que recebia pequenas regalias no castelo, como um quarto um pouco maior e o direito à biblioteca. Coisas pequenas, mas que ainda eram mais do que um hóspede comum tinha. E ela sabia quem mais tinha as mesmas regalias, *ele*.

Conhecia bem a história dos países, principalmente de seus inimigos, e sabia que Thiago era sobrinho do Imperador. Isso quase os fazia parentes, mas graças ao bom Deus, não havia ligação de sangue entre eles. Beatrice era fluente em história e ainda se lembrava dos boatos sobre a *quase* guerra com o império, quando a mãe dele se casou com o rei espanhol. Havia até um boato de

que uma vez ela quase matou o irmão em um ataque na Itália, e ninguém sabia o porquê de terem convidado Thiago e a irmã, cujo nome ela não lembrava. Estava começando a pensar que ele só estava ali para comprometê-la.

Era narcisista demais pensar isso? Talvez, mas era o que parecia. Ele sabia quem ela era, sabia seu nome antes que ela o reconhecesse e sem que ela o dissesse, não parecia coincidência ele ter conseguido seduzi-la. Parecia até que havia planejado, e ela nunca, jamais, de jeito nenhum se deixaria ser mais uma conquista daquele espanhol. Não se daria para ele de bandeja, nem para nenhum homem que a visse como menos do que era.

Beatrice não era uma conquista, ela era uma princesa, futura rainha e herdeira de Portugal, e ele estava muito enganado, se pensava que ela se deixaria desfrutar assim, sem mais nem menos. E, sim, ela estava sendo covarde em se esconder, mas antes ser covarde do que desonrada.



Thiago já estava cansado de pensar tanto naquela mulher. Precisaria fazer dela sua e logo, antes que enlouquecesse com a imagem de Beatrice gemendo ao seu toque, o seio em sua boca. Maldita PERIGOSAS ACHERON

fosse, estava impregnada nele e não queria sair por nada. Sua sorte foi, por acaso, passar pela porta da biblioteca e ver um vestido carmim lá dentro. Não demorou mais de dois segundos para, mesmo de longe, reconhecê-la.

Entrou, fechando a porta atrás de si e amaldiçoando a alma que havia tirado a chave de lá. Não arriscaria ser pego no flagra com ela, Deus o defendesse de ter uma dívida de honra com a princesa portuguesa, e não a deixaria desonrada publicamente. Balançou a cabeça, ao pensar que o pai adoraria ver isso acontecer. Thiago era como o pai em muitas coisas, mas era apenas um pouco menos cruel, ao menos, com quem não merecia. Não media limites com quem o provocava, mas ela, por mais que fosse sua inimiga declarada, não merecia ter a honra desfeita publicamente.

Afastou esses pensamentos e se aproximou dela, puxando o livro que tinha em mãos e lendo o título na página inicial, ouvindo-a dar um gritinho indignado.

— Tristão e Isolda... Tem um mural deles no meu quarto, se quiser dar uma olhada. — E ofereceu o livro a ela, com um meio sorriso no rosto.

— Está me perseguindo, alteza? — ela perguntou, os olhos o encarando com raiva, enquanto puxava o livro da mão dele, tentando evitar qualquer contato entre a pele dos dois.

— Perseguido? Não. Grato por ter lhe encontrado? Talvez. — Ele havia percebido que seu sorriso a afetava, e apelou para mais um sorriso largo de canto, mostrando os dentes. Ela bufou, se encolhendo mais no assento da janela onde se encontrava, para se afastar dele.

— Agora que já me viu, pode ir embora e me deixar ler em paz, então. — Ela voltou os olhos para o livro, tentando ignorá-lo e se focar na leitura. Ele puxou o livro da mão dela de novo. — Ei!

— Tenho algo muito mais interessante aqui para você do que um mero livro, princesa. — Os olhos dele brilharam com as possibilidades, enquanto se aproximava mais dela, mais uma vez, a encurralando.

— Não quero, obrigada. — Ela deu um sorrisinho, olhando em volta, provavelmente procurando um jeito de escapar.

— Não quer? Não foi o que pareceu naquele labirinto, gemendo e pedindo por mais... — Ele deu um risinho com o canto dos lábios, se inclinando na

direção dela. — Parecia querer muito que eu a fizesse minha.

— Eu não...

— Parecia querer que eu a tomasse, ali mesmo. Que eu separasse suas pernas e colocasse primeiro a minha boca em você, naquele lugarzinho que aposto que era desconhecido para si mesma, antes que eu o encontrasse. E depois, bem devagar, eu a possuiria. Entraria em você pouco a pouco, rompendo todas as barreiras até tê-la por inteiro e a marcaria como minha. Cobriria seu corpo com beijos e mordidas, até que não sobrasse um centímetro inexplorado. E eu a tomaria de novo e de novo e de novo até ter lhe tido de todas as formas e posições conhecidas pelo homem. E então uma última vez, para garantir que nunca se esquecesse da sensação de ser minha. — A voz dele não passava de um sussurro grave, cheio de desejo. Ele conseguia ver a pele dela arrepiada, conseguia sentir o calafrio que passou por seu corpo.

— Eu...

— Você...? — Ele deu um sorrisinho, o hálito quente tocando a orelha dela mais uma vez. — Não gostaria que eu fizesse isso, princesa? Não

gostaria que eu a mostrasse tudo o que pode sentir?

— Não. — Ela engoliu em seco, a voz trêmula.

— Pois eu acho que gostaria, sim. Acho que está lutando com todas as suas forças contra o desejo que sente, se fosse um pouco mais corajosa, já estaria em meus braços. — E mordiscou a orelha dela, descendo os lábios para seu pescoço. Ela suspirou, pondo as mãos no peito dele e o parando.

— Thiago, não. — Era a primeira vez que dizia seu nome e soou tão doce nos lábios dela. — Pare.

— Você ainda vai implorar por mim, princesa. — Ele deu mais um beijo no pescoço dela e se afastou um pouco, com um meio sorriso, se sentando na poltrona perto dela. Não a forçaria demais, nem a comprometeria sem que ela pedisse. *Ah, ela iria implorar.* Em breve.



Ela quase havia dito sim. Se ele insistisse mais um pouco, ela não seria capaz de se conter, tinha certeza disso. Suspirou, aliviada, quando ele se afastou, mas ainda ficou em alerta por ele estar sentado ao seu lado.

— Então, princesa, por que está lendo PERIGOSAS ACHERON

Tristão e Isolda? Gosta de amantes proibidos? — ele provocou, com um sorrisinho de canto.

— Gosto de histórias de amor, apenas isso. — Ela deu de ombros, se encolhendo um pouco no banco para ficar mais distante dele.

— Essa tem um final trágico, não imaginei que gostasse de tragédias. Me pareceu o tipo de mulher apaixonada por finais felizes.

— Realmente, prefiro os finais felizes e bonitos, mas, muitas vezes, a tragédia pode ser bela. Tristão e Isolda morreram juntos, ainda apaixonados. É um final trágico e que poderia ser evitado? Sim, mas não deixa de ser belo. Inclusive, eu soube de um poema inglês baseado nesta história e...

— Sim, já entendi. Tragédias são bonitas — ele cortou a falação dela, o que a magoou um pouco, mas ela jamais deixaria transparecer.

— São — ela disse simplesmente, se levantando e andando até a estante mais longe dele, guardando o livro e indo procurar a obra da qual falou. Ele ficou parado onde estava, a observando. — Vai ficar me encarando o dia todo, alteza?

— Não me incomodaria. Preferia lhe tocar o dia inteiro, mas não sei por que me parece que hoje

não é o dia. — Ele deu um sorrisinho de canto, provocando.

— Nem hoje nem nunca, alteza — ela disse, encontrando o título que queria. “A trágica história de Romeu e Julieta”, por Sir Arthur Brooke. O poema estava em inglês, mas graças a mãe, ela era fluente não apenas na fala, mas na leitura de vários idiomas, inclusive, o inglês comum, que era o idioma mais usado. — Agora, se me dá licença, voltarei ao meu quarto.

— Adiantaria de algo eu dizer que não dou? — Ele repetiu o sorrisinho, se levantando e andando até ela.

— Não, não adiantaria. Eu irei embora de qualquer modo, não preciso de sua permissão. — Ela ergueu o queixo, encontrando confiança, só Deus sabe onde, para encará-lo sem tremer, as mãos apertando o livro que segurava.

— Nesse caso, tenha uma boa noite, Beatrice. — Ele deu um sorrisinho de lado, se aproximando dela novamente e sussurrando em seu ouvido: — Sonhe com o labirinto, quem sabe, se desejar com força suficiente, eu não lhe faça uma visita. *Buenas noches, mi princesa.* — E se afastou, levando o calor com ele e a deixando arrepiada,

PERIGOSAS NACIONAIS

enquanto andava rapidamente para fora da biblioteca e voltava para seu quarto, fazendo questão de trancar a porta.

Não sabia se ele estava falando sério ou não, mas sabia que se ele aparecesse ali, em seu quarto, no meio da noite, ela não resistiria. E não poderia se render, de forma alguma.

Suspirou, se deixando cair na cama e pegando o livro nas mãos, iniciando a leitura. “O argumento” começava com um curto poema que resumia a história, contando sobre o amor, casamento secreto e a morte dos dois. Lendo mais um pouco, podia entender que eram duas famílias rivais há muito tempo, por pura inveja e despeito uma da outra e que, dessas duas famílias, nasceriam os dois amantes.

Sua mente começou a se cansar, estava ainda no começo do poema quando acabou pegando no sono. Aquela noite, seus sonhos foram assombrados por uma visão macabra dela e Thiago, mortos e abraçados.

PERIGOSAS ACHERON



Naquela noite haveria um jantar da Imperatriz. Melody queria ver todos ali, juntos, quem sabe até conseguiria uma esposa para o filho, e Beatrice estava ansiosa. Não que quisesse se casar com o príncipe Klaus — não queria se casar com ninguém —, mas sabia que seria uma grande aliança se conseguissem juntar Portugal ao sacro império. E teriam exércitos suficientes para, finalmente, derrotar a Espanha de uma vez por todas.

Ela vestiu seu mais belo vestido, todo dourado, com uma barra vermelha de flores na saia, mangas apertadas até a metade do braço, onde se

PERIGOSAS ACHERON

soltavam, detalhes vermelhos nas mangas e no decote. Se achou estupenda naquela roupa e adicionou um colar vermelho de rubis para completar. Sorriu, orgulhosa de si mesma e de sua aparência, enquanto calçava os sapatos e seguia para fora de seu quarto.

Caminhou lentamente pelo castelo, seguindo até o grandioso salão de jantar. Era um cômodo enorme, com uma mesa extensa e repleta de cadeiras. As paredes tinham a mesma decoração dourada com painéis, como todo o castelo, mas nesse caso, coberto com imagens de reis e batalhas históricas. Cada mural era mais bonito que o anterior, Beatrice ficava espantada com tanto trabalho detalhado. Havia lugares marcados na mesa, primeiro reis e rainhas, depois príncipes e princesas, seguidos de duques e o que mais fosse. Ela não estava perto de ninguém que conhecesse, o que era uma pena. Ou foi o que pensou, até vê-lo se sentar à sua frente.



Thiago nunca esteve tão satisfeito com seu status de príncipe quanto no momento que viu seu lugar marcado em frente ao dela. Parecia até que havia sido de propósito, louvada fosse a sua tia

PERIGOSAS ACHERON

Melody que, inclusive, não estava muito longe dele. Seu tio, o Imperador, não estava se sentindo bem — o que Thiago achava ser apenas uma desculpa para não participar do jantar —, então a Imperatriz estava na cabeceira da mesa. Ao lado dela, estava seu filho, em frente a ele, burlando as normas de assento, uma lady qualquer. Observando bem seus traços, Thiago a reconheceu como Katherine, filha do regente de Navarra.

Estavam os homens de um lado da mesa e as mulheres do outro. Ao lado dele estava o príncipe da Irlanda, ao lado de Beatrice estava a princesa da Inglaterra de um lado, e uma garota parecidíssima com ela do outro, que ele imaginou ser a sua irmã. Ao lado estava a própria irmã, Jenny, que parecia deslumbrada com o lugar. Típico.

— Boa noite, altezas. — Ele sorriu de lado, arrancando um suspiro da princesa inglesa e um revirar de olhos de Beatrice.

— Boa noite — ela respondeu secamente e ele deu um sorrisinho de lado, se virando para a princesa inglesa, que respondeu um “boa noite” muito mais educado.

— Como vai, Lady Lara? — Ele se lembrou do nome que a irmã comentou quando estavam

viajando.

— Vou bem, obrigada. — Ela sorriu, piscando os olhos. — E o senhor?

— Melhor agora. — Ele deu um sorrisinho e viu com o canto do olho Beatrice trincar os dentes. — Me diga, você estava no baile dos jardins, algumas noites atrás?

— Estava.

— Não tive o prazer de lhe ver, uma pena. — Ele deu um sorrisinho descarado, flertando com ela. Beatrice parecia incomodada. — E você, princesa, estava lá? Sinto que perdi o melhor da festa, não vi nenhuma dama tão encantadora quanto as senhoritas. — O sorrisinho aumentou, enquanto ele a via respirar fundo.

— Estava sim, mas, graças ao bom Deus, não nos encontramos. — A voz dela nem tremeu. Estava melhorando.

— Bea! — a irmã a censurou, os olhos críticos. — Desculpe minha irmã, ela não tem muita simpatia para os espanhóis, como pode entender. — Ela sorriu, com uma educação que Thiago imaginou estar matando a outra.

— Sem problemas, eu a entendo. Demos motivos de sobra para não confiarem em nós, mas

isso são águas passadas, estamos, afinal, todos juntos aqui, não estamos? — Ele sorriu, sendo tão simpático que a própria irmã ergueu uma sobrancelha, desconfiada.

— Exatamente. — Princesa Theresa sorriu, mas Beatrice se manteve calada.

— Agora, pensando bem, creio que eu vi uma das senhoritas no jardim, apenas de passagem. Qual das duas estava com um vestido em tons de rosa?

— Bea. Eu prefiro tons escuros, creio que realçam mais a minha pele. — Theresa sorriu, dando de ombros.

— Ah, então foi Lady Bea que eu vi. Estava belíssima, se me permite dizer.

— Obrigada. — Ela deu um sorriso forçado e ele viu Jenny arregalar os olhos, ao entender o que estava se passando ali.

Foram interrompidos por uma risada alta, vinda do canto da mesa. Era o príncipe do império, rindo de algo que o amigo ao seu lado havia dito. A Imperatriz arregalou os olhos, mortificada com o comportamento do filho. As outras duas filhas dela, as gêmeas — na verdade, eram trigêmeos, o herdeiro e as duas meninas — espelharam a

expressão da mãe. Thiago deu um ar de riso, observando.

— Com licença, este lado da mesa não sabe o que aconteceu de tão engraçado, primo — ele chamou, observando a reação dos outros ao chamar o herdeiro do castelo meramente de primo.

— Algo que não é de seu interesse, primo. Peço que me desculpem pelo alarde. — Ele adicionou a última parte após um olhar reprovador da mãe e se virou para o amigo novamente, comentando algo de novo. Se não estava enganado, o amigo era o atual rei das terras polonesas.

— Enfim, minhas ladies, do que mais estão gostando no castelo?

— De tudo! — Lady Clara sorriu. — Mas principalmente dos painéis e murais nas paredes, são estupendos. Os do meu quarto são de Adão e Eva, pinturas belíssimas.

— Imagino que sejam. O meu contém retratos de Tristão e Isolda, conhece a história?

— Não, creio que não.

— São amantes proibidos. Além de serem de reinos inimigos, ela foi prometida ao tio dele, e eles mantêm um romance secreto, mesmo assim.

— Que lindo!

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nem tanto. Eles morrem no final. — Beatrice não se aguentou e interrompeu a conversa, olhando bem para os dois. — É um aviso sobre decisões imprudentes.

— Tem certeza disso, alteza? Não pensa que é uma bela história?

— Nunca disse que não é, apenas que o final não é nada lindo e, sim, uma prova de sofrimento. Estou atualmente lendo um poema baseado neles, *Romeu e Julieta*, de Sir Arthur Brooke.

— Você parece ter um gosto por tragédias, milady — a irmã dele se intrometeu, observando a moça.

— São boas de se ler, apenas isso. — Beatrice deu de ombros, mudando o assunto em seguida. — *Prima Lara* — ela enfatizou, para que ele percebesse, se virando para a princesa inglesa —, como está seu pai? Mamãe não tem notícias dele há algum tempo.

— Ocupado, como sempre. — Ela sorriu. — Talvez ele dê uma passada por aqui, no final da temporada. A última vez que ele lhe viu, era apenas uma bebê, não muito mais velha do que eu. Precisamos pôr a conversa em dia.

— Que tal um chá nos jardins?

PERIGOSAS ACHERON

— Me parece ótimo. — A prima sorriu. — Podemos chamar as outras também, Katherine, Anneliese e Carla.

— Ótima ideia. — Bea sorriu, assentindo. — Talvez pudéssemos chamar Lady Rachel também, fazer um chá com todas as damas.

— Ótima ideia.

— Se é um chá para as damas, creio que minha irmã estará convidada também? — Ele deu um jeito de se inserir novamente no assunto, fazendo um gesto na direção da irmã.

— Mas é claro, alteza. Não pensou que a excluirmos, apenas por ser espanhola, pensou? — Lara sorriu, se derretendo toda para ele, que aproveitou para flertar novamente. Beatrice bufou.



Maldito fosse. Beatrice tentou de tudo para se distrair e pensar em outra coisa durante o jantar. Tentou olhar para os flertes indiscretos entre o príncipe germânico e a prima Katherine, tentou se divertir com os comentários do filho do Barão de Bayard que vinham do fundo da mesa, tentou até mesmo se chocar com os olhares dele para uma das princesas gêmeas, imaginando o escândalo que seria, considerando a história dos pais deles.

Conseguiu se distrair um pouco pensando nisso e repassou mentalmente a história inteira que sua mãe lhe contara. Por ser bastarda, sua mãe costumava ser uma criada e podia observar bem de perto, sem ser notada, tudo o que acontecia e, dizia ela, que a Impe Melody um dia fora apaixonada pelo Barão de Bayard, mas tiveram que se separar quando ela ficou noiva do Imperador. E, agora, os filhos de ex-amantes, trocando olhares, era certamente algo escandaloso, que renderia inúmeras fofocas.

Se, ao menos, Beatrice conseguisse se concentrar mesmo nisso, mas não, sua mente só conseguia se focar na voz de Thiago, nos flertes abertos dele com as outras ladies e, até mesmo, com sua irmã. Ela deveria ter contado à Thessa sobre ele, mas jurou que ninguém saberia. E ele parecia pensar do mesmo jeito, agindo como se não a conhecesse. Pelo menos, ele tinha honra o bastante para agir decentemente, sem arruiná-la em público, nesse aspecto, as coisas poderiam estar piores.

Mas o que a preocupava era que não parava de pensar nele, de jeito nenhum, nem por milagre ele saía de sua mente. Suspirou, acabando de comer

PERIGOSAS NACIONAIS

sua sobremesa e sendo uma das primeiras a se levantar do jantar, indo para seu quarto.

PERIGOSAS ACHERON



Beatrice já havia lido o poema de Romeu e Julieta duas vezes e não parava de comparar a história com ela e Thiago. Sim, o outro casal estava apaixonado e essa era a grande diferença, mas, de resto, era similar demais. Casas inimigas, dois herdeiros, um romance proibido...

Ela pensou novamente naquele dia, no jardim, no que sentiu com ele. Parte de sua mente se perguntava se estaria arrependida, caso tivesse ido até o fim. Beatrice não era tola, sabia muito bem como as coisas eram, ela e a irmã, aos dezesseis anos de idade, subornaram uma criada com três moedas de ouro para saberem exatamente

PERIGOSAS ACHERON

o que se passava entre homem e mulher dentro quatro paredes e a criada, muito bem paga, contou todos os detalhes e, até mesmo formas, diferentes de como o ato poderia ocorrer.

Graças a isso, hoje Thessa e Bea sabiam muito bem o que estavam fazendo quando se tratava de homens e, melhor ainda, sabiam o que evitar. Beatrice sabia o que teria acontecido se tivesse ido até o final com Thiago, mas se controlou, graças a boa vontade divina. Suspirou, se levantando de onde estava e andando até a porta. Nessa tarde seria o chá com as ladies no jardim e ela precisava se arrumar. Optou por um vestido em tons de púrpura, um dos mais leves que tinha, com mangas compridas e coladas aos braços, devido ao clima frio das montanhas.

Saiu de seu quarto e foi em direção aos jardins, perto do labirinto. Algumas das meninas já estavam lá, sentadas em várias mesinhas de chá, e outras foram chegando junto com ela. A Imperatriz havia ouvido falar dos planos delas e ajeitado tudo para uma verdadeira festa do chá.

Beatrice se sentou na mesma mesa que a irmã, uma das gêmeas — achava que essa era Eleanor —, Katherine e Rachel, a princesa

escocesa. Graças a Deus, não estava perto da irmã *dele*.

— Boa tarde. — Ela sorriu, se sentando. Foi cumprimentada com alguns “alteza” e sorriu, balançando a cabeça. — Me chamem apenas de Bea, somos todas amigas, não?

— Se for assim, eu quero ser apenas Rachel.

— E eu apenas Ellie ou Eleanor. — As outras sorriram, se apresentando com os primeiros nomes. — E então, o que estão achando de nosso castelo?

— Maravilhoso! — Bea foi a primeira a responder. — Principalmente os murais nas paredes, são incríveis, retratam verdadeiras histórias.

— Eu os adoro. Sabia que eu ajudei mamãe a designar os quartos de hóspedes? — Ela sorriu. — Mamãe e eu somos um pouco intuitivas, então, espero que tenhamos acertado com os quartos de vocês.

— Intuitivas? Eu ouvi boatos de que tinham visões. — Rachel deu uma risadinha e Eleanor balançou a cabeça.

— Não, sem visões por aqui, apenas intuições mesmo. Pode chamar de um sexto

sentido, se quiser.

— Visões seriam mais interessantes, devo admitir. — A princesa escocesa sorriu, dando de ombros e tomando um gole de chá. — Mas acertou em cheio no meu quarto, com imagens de druidas.

— Como eu disse, intuitivas. — Eleanor sorriu.

— Agora, mais importante do que estão achando do lugar, é o que estão achando dos cavalheiros aqui presentes? — Thessa deu um sorrisinho. — Quero saber de tudo! Eu posso estar totalmente sem pretendentes sérios, mas quero ver todas vocês casadas, até o final das festas.

— Está tentando superar minha mãe na tarefa de casamenteira? — Eleanor riu. — Aliás, por falar em mamãe, foi impressão minha ou ela está lhe empurrando meu irmão, lady Katherine?

— Creio que a Imperatriz tenha mesmo feito isso. — Katherine sorriu, dando de ombros e corando. — E eu estaria mentindo se dissesse que não gostei, mas seu irmão não parece querer nada sério.

— Klaus não considera nada sério, além da pesca e da libertinagem. Mas, com um pouco de esforço, poderemos colocá-lo na linha. — Ela deu

um sorrisinho de quem ajudaria a garota nessa missão impossível e se virou para as outras. — E vocês, meninas? Nenhum pretendente ainda?

— Bom, eu tenho um... Mas creio que ele não queira nada comigo — Rachel disse, desanimada.

— Podemos saber quem é?

— Brandon Bourbon, bastardo do rei da Inglaterra e meu melhor amigo de infância. — Ela suspirou, sonhadora. — Crescemos juntos, já que minha mãe e a rainha Louise são primas. Eu passei muitos anos estudando na Inglaterra, com Brandon sempre ao meu lado. Acabamos nos apegando e eu me apaixonei, mas duvido que ele sinta o mesmo. Se sentisse, a essa altura, já estaríamos casados.

— E se ele tiver o mesmo medo que você, de não ser recíproco?

— Brandon não é assim, ele é corajoso. Se ele me amasse, já teria dito.

— Pois bem, faremos ele lhe amar — Beatrice se intrometeu, com um sorriso confiante. — Você é linda, a mais bela de nós, com certeza. Se ele não se apaixonar, será um tolo.

— Obrigada. — Rachel sorriu, mais animada. — E você, Beatrice? Está tão calada, não

tem nenhum pretendente?

— Nenhum, temo dizer. O máximo que fiz foi trocar dois beijos com um desconhecido no jardim, no dia do baile do labirinto.

— E não sabe quem foi? Isso é tão romântico!

— Não, não sei — ela mentiu, já confiando demais nas meninas, mas jamais revelaria que quase se deitou com um inimigo.

E a tarde se seguiu, com conversas e risadas, as garotas ficando cada vez mais amigas.



De longe, das janelas do castelo, o Imperador e a Imperatriz observavam o grupo de garotas. Melody parecia uma criança, de tão animada, se virando para o marido.

— Acha que conseguiremos casar nossos três filhos de uma vez? Seria lindo casar os três numa só cerimônia. — Ela sonhou em voz alta, vendo-o erguer uma sobrancelha.

— Melody, meu amor, eles não estão nem noivos ainda.

— Mas vão ficar! Eu sei que vão. — Ela sorriu, dando uma risadinha. — E eu quero Klaus com a filha de Arthur. Formam um casal lindo, PERIGOSAS ACHERON

você não viu no jantar, eles dando risada juntos e conversando. São um casal maravilhoso, eu posso sentir na minha alma.

— Já aprendi a não duvidar de você nesses assuntos. Mas como espera juntá-los?

— Ora, com mais bailes. Faremos um baile de máscaras no dia do aniversário dele e daremos um jeito dos dois dançarem juntos.

— Muito bem, parece simples. — Rudolf riu, beijando a testa da esposa. — Quem mais pretende juntar?

— Elena com algum príncipe ou rei. Ela tem espírito de rainha, mais regencial do que eu na idade dela, será uma boa governante. Se conseguirmos que ela se apaixone por ele, melhor ainda. — Ela sorriu, se encostando no peito do marido. Era baixinha, mal alcançava o ombro dele.

— E Eleanor?

— Ela, eu não sei. Ellie sempre me foi um mistério, minha intuição se confunde perto dela. Acho que por ela também ser intuitiva, isso nos prejudica, mas sei que ela vai encontrar alguém que ame muito... A vi trocando olhares com Edward Bayard.

— Não, ele não. — O Imperador fechou a

cara e ela deu uma risadinha.

— Ainda tem ciúme de Charles? Sabe que não precisa.

— Não vamos falar dele. — Ele fugiu do assunto, apontando para o jardim. — E as outras, com quem acha que ficarão?

— Bem... é errado eu querer que uma das princesas portuguesas se apaixone por Thiago?

— É, e muito. — Ele riu. — Por que diz isso?

— Intuição. — Ela deu de ombros, sorrindo. — Seria lindo se dois jovens apaixonados acabassem com séculos de guerra.

— Você tem sonhos lindos, meu amor. Impossíveis, mas lindos. — Ele sorriu, beijando a testa dela novamente.

Mal sabia ele que não era um sonho e, sim, uma das intuições mais fortes que ela já tivera.



Thiago as viu de longe no jardim, tomando chá, mas não quis se meter dessa vez. Ele não era o pai, não insistiria demais e em momentos inoportunos. Thiago nunca fora como seu o pai quis, essa era a verdade. Nunca fora forte, cruel ou

PERIGOSAS ACHERON

frio o bastante. Quando criança, ele apanhou por dizer que amava a mãe, com o pai dizendo que isso era demonstrar fraqueza. Desde aquele dia ele nunca mais disse que amava alguém e se fechou para o sentimento, com medo de outra surra.

Carllos Montello não era louco, mas tinha crises de loucura assustadoras. Ele era um homem cruel e a única pessoa na terra que ele não feria era a esposa, mas não media esforços com os outros, até mesmo, com os próprios filhos. A pequena Jenny, ele quase ignorava, enquanto focava toda sua raiva e expectativa no mais velho, seu herdeiro. Thiago tinha que ser a imagem exata do pai, mas não conseguia.

O filho só era cruel até certo ponto, adorava o sangue na espada, mas não atacava sem motivo. Não era como o pai, que gostava de ver o sofrimento dos plebeus, que mandava darem chicotadas por qualquer mínimo erro numa reverência. O próprio Thiago já havia levado chicotadas do pai e tinha duas ou três cicatrizes nas costas que o assombravam.

Ele balançou a cabeça, afastando os pensamentos e olhando para ela. A garota era linda, não havia como negar. Suspirou, decidindo ir ler

PERIGOSAS NACIONAIS

algo, optando por Tristão e Isolda. Conhecia a lenda e a provocava com isso, mas nunca havia lido na íntegra. Ficou surpreso ao saber que no começo Tristão e Isolda praticamente se odiavam, e que se apaixonaram através de uma poção. Deu um sorriso quando leu que ela se desonrou com ele e a criada precisou substituí-la na noite de núpcias. Achou um pouco de exagero, mas entendia a necessidade de uma esposa virgem em épocas antigas. Até então, ainda eram necessárias, mas ele não faria questão disso quando tomasse uma esposa. Se ele não era virgem, nem de longe, a pobre coitada tampouco precisaria ser.

Continuou a ler, passando pelos capítulos seguintes. Não prestou muita atenção ao meio da história, observando por alto as aventuras pelas quais os dois passaram após serem descobertos pelo rei Marc, mas se atentou bastante ao final. Quando Tristão morre e, em seus braços, morre sua amada.

Começou a se perguntar se não estaria destinado a algo parecido e se teria uma amada para morrer em seus braços.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Ela estava encostada na varanda do pátio. Já havia se passado dois dias sem ver o maldito do espanhol e uma parte sua se perguntava se ele havia desistido tão facilmente. Ela sabia que não era a mais interessante dali, mas pensava que seria provocada, ao menos, por mais um curto tempo, enquanto ele a quisesse por puro despeito. Suspirou, apoiando o rosto na mão.

— Ai de mim — murmurou, olhando para o horizonte. — Thiago. Thiago. maldito Thiago — sussurrou, mordendo o interior da bochecha para se calar.

— Posso saber o que eu fiz? — A voz a
PERIGOSAS ACHERON

assustou, vinda da parte inferior do pátio. Quando olhou para baixo, ele estava ali, sendo o seu próprio Romeu na varanda.

— Nasceu — ela retrucou, mordendo o lábio e se amaldiçoando por ter falado. Ele riu.

— Tem tanta raiva assim de mim, princesa?

— De você e de todo o seu povo. — Ela fechou a cara, o encarando. Ele riu de novo.

— E posso saber o que os meus camponeses fizeram contra você?

— Lutaram na guerra, matando os meus camponeses.

— Nesse caso, tivemos perdas mútuas, não acha? — ele perguntou. — Pare de me odiar, princesa. Eu pessoalmente não lhe fiz nada que não tenha gostado. — Ele deu um sorrisinho de canto, enquanto ela corava. Maldito fosse, ele não estava mentindo.

— Pode falar mais baixo?! — ela o repreendeu. — Estamos em público, caso não tenha percebido.

— Estamos num dia nublado, em um pátio deserto. Creio que eu possa gritar, se quiser e ninguém irá nos ouvir. — Ele pareceu pensar por um instante e o sorriso cresceu novamente. — Ou

PERIGOSAS NACIONAIS

eu posso te fazer gritar.

— Não, obrigada.

— A oferta continuará de pé — ele ofereceu, com um sorriso e ela revirou os olhos, mais uma vez, mordendo as bochechas para ficar calada. Estava fazendo disso um péssimo hábito, acabaria se machucando.

— Você não se cansa de me provocar? — Ela ergueu uma sobrancelha, vendo-o rir.

— Nunca. Você fica divertidamente bela quando está com raiva. — Ele riu. — E não se esqueça de que foi você quem estava murmurando meu nome ao vento.

— Amaldiçoando seu nome ao vento — ela corrigiu, de cara fechada. Ele riu novamente. Parecia realmente se divertir à custa dela, mas, ao menos, isso mostrava que estava em um bom humor. Ela já havia escutado os boatos e tinha muito medo de um Montello de mau humor.

— Meu nome é teu inimigo, então? Imagino que meu sobrenome seja, mas não sabia que tinha algo contra Thiago. — O sotaque dele quando dizia o próprio nome era mais acentuado, de forma a quase derrete-la. Maldito fosse aquele sotaque delicioso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Teu nome, tua origem, os espanhóis são meus inimigos. — Ela o olhou, o analisando de cima a baixo. Era a primeira vez que realmente olhava para ele na luz do dia, e ele era lindo. Os cabelos macios, onde ela suas mãos estiveram, os olhos doces em tom de avelã com uma sombra por trás, a pele bronzeada pelo sol. Ele era realmente lindo e se não tomasse cuidado, ela facilmente se apaixonaria.

— Então, esquece meu nome. — Ele deu um sorriso, observando-a. — Finja que tenho algum outro nome e pronto. Problema solucionado.

— Se fosse fácil assim. — Ela suspirou. — E, me diga, por que faz isso?

— Isso o quê? — Ele ergueu as sobrancelhas.

— Flertar com todas e depois vir flertar comigo, como se eu fosse a única.

— Nunca disse que era a única.

— Eu sei. Acha que sou tão tola assim? Eu sei que não tem nenhum interesse em mim, além... além do que quase aconteceu no labirinto. — Ela abaixou a voz, mesmo estando somente os dois ali. — Mas às vezes, só às vezes, age como se eu fosse a única. Agiu assim no jardim e age assim agora.

PERIGOSAS ACHERON

— Ela o encarou, os olhos perfurantes. — Eu não sou um prêmio para você ganhar, alteza.



— Me chame de Thiago. — Ele soltou uma risada, ignorando todo o pequeno discurso dela.

— Vê? Não leva nada a sério e eu não sou uma piada para você rir com seus amigos depois. — Ela bufou e ele deu de ombros.

— Não diria que é uma piada, mas também não digo que é algo mais. Estaria mentindo, de qualquer forma e, diferente da maioria dos Montello, eu não sou um mentiroso.

— E se estiver mentindo agora mesmo?

— Está certa em não confiar em mim, eu mesmo não confiaria, se fosse o contrário. Mas aqui vai um *segredo*, princesa. De todos os Montello, eu sou o único que cumpre a palavra — ele disse, sendo sincero com ela. — Se eu digo que não é apenas um prêmio, estou dizendo a verdade.

E ela não era apenas um prêmio. Era mais, desde que leu Tristão e Isolda, ele começou a pensar que Beatrice talvez fosse mais, que talvez fosse seu destino tê-la, mesmo que apenas por uma noite. Talvez fosse loucura de sua mente, afetado pelas imagens em seu quarto, mas apenas talvez

PERIGOSAS ACHERON

estivesse certo.

— *Segreto...* e por que isso seria um segredo?

— Porque os Montello adoram jogar aos quatro cantos que têm palavra, mas a traem na primeira oportunidade em que for conveniente. — Ele deu de ombros, surpreso com a própria sinceridade.

— E por que está me contando isso? Sou sua inimiga.

— Justamente. Se contar para alguém, nunca acreditarão na palavra de uma Castelleri, que teria todos os motivos do mundo para mentir sobre os Montello. — Ele deu de ombros e ela balançou a cabeça, deixando escapar uma risadinha.

— Você é impossível. — Ela sorriu, cedendo um pouco e ele jurava que naquele sorriso havia mais luz do que no sol.

— Sou. E você gosta disso, princesa — ele respondeu, observando-a. — Admita.

— Não admitirei nada.

— Medrosa — ele provocou e ela riu.

— Não sou medrosa, sou apenas cautelosa.

— Uma palavra chique para medo. — Ele sorriu, piscando um olho. Ela suspirou.

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que quer de mim, alteza?

— Thiago.

— Alteza — ela insistiu e ele revirou os olhos. — Você me chama de princesa, é justo que receba o mesmo tratamento.

— Prefere ser chamada de Beatrice? — Ele deu um sorrisinho de canto.

— Não foi o que eu disse. — Ela balançou a cabeça, arregalando os olhos ao vê-lo se virar e subir o pequeno lance de escadas que separava os dois e parar ao lado dela.

— Mas foi o que pensou, não foi, Beatrice? — Ele se inclinou na direção dela, sussurrando o nome com aquele sotaque que a derretia.

— Eu não...

— Você sim. — Ele deu de novo o meio sorriso, olhando em volta para garantir que estavam a sós e tocando o rosto dela com a ponta dos dedos.

— O que está fazendo?

— Te tocando. — Ele sorriu. — Mas não se preocupe, não passarei dos limites... Não hoje e não aqui. — Fez-se silêncio, por um momento, e o sorriso dele se expandiu, se inclinando em direção ao ouvido dela. — Não vai perguntar quando?

— Prefiro que seja nunca.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Então por que não se afasta? — provocou, a segurando pelo pulso quando ela tentou. — Não assim. Se quisesse se afastar, eu deixaria, mas não é o que quer...

— O que você sabe do que eu quero, alteza?

— Sei que me quer, por exemplo.

— Está enganado.

— Não estou, não. — Ele se inclinou, roçando os lábios na orelha dela. — Eu sinto seus arrepios, sinto como seu corpo reage quando eu estou por perto. Sei que me deseja e, talvez, você mesma não saiba... Mas eu posso lhe mostrar.

— Eu...

— Você...?

— Eu não lhe desejo. Nem um pouco. — Ela respirou fundo, se segurando na camisa dele, que deu um sorriso de lado.

— Não?

— Não.

— Então, imagino que não vá sentir frio quando eu me afastar? Que não vai sentir um arrepio de abandono?

— Nem um pouco.

— Veremos, então. — Ele se afastou, dando um passo para trás e vendo-a sentir um calafrio.

PERIGOSAS ACHERON

Deu um risinho, dando outro passo para trás e a observando. — Tem certeza de que não me quer de volta?

— Tenho. — A voz dela tremeu.

— Sabe que pode me ter, não sabe? Basta apenas me chamar.

— Alteza, eu não...

— Meu nome é Thiago. Diga — ele provocou de novo e ela suspirou. — Diga e serei seu.

— Eu... — Ela se inclinou para a frente, dando dois passos e parando em frente a ele. Ele soube a decisão dela no momento que viu seu olhar mudar. — Maldito seja, Thiago. — E ela o beijou, o pegando desprevenido.



Beatrice não sabia o que havia lhe passado, mas agiu por puro impulso, tomando o que queria e o beijando. Foi um beijo forte, mais um. As línguas dos dois se entrelaçaram num ritmo urgente, pedindo por algo mais que ela sabia que não podiam ter. O beijava com todos os pensamentos que teve depois de ler Romeu e Julieta, o beijava com toda a vontade que tinha desde àquela noite no labirinto, o beijava com toda a força que podia

PERIGOSAS ACHERON

beijar alguém.

Ela o beijava sem pensar, sem se importar com nada, além dos lábios dele nos seus, das mãos dele em sua cintura e das próprias mãos em seu peito, o puxando pela camisa para que chegasse mais perto e então subindo as mãos até o cabelo dele, entrelaçando os dedos nos fios macios e os puxando.

— *Tus besos me matan* — ele sussurrou, mordiscando o lábio inferior dela. Ela deu um sorrisinho, mordendo o lábio dele de volta.

— Digo o mesmo — ela sussurrou, balançando a cabeça e se afastando um pouco dele. — Mas isso é um erro. Não podemos. Você sabia desde o princípio que não podia flertar comigo, não adianta me beijar. Nada vai mudar isso, Thiago. Sinto muito.

E se virou, correndo para longe, antes que ele a segurasse de novo.



Thiago parou para pensar sobre ela, enquanto a via fugir. Estava fascinado pela maldita princesa portuguesa, sonhando acordado com ela, desejando muito mais do que um ou dois beijos roubados. Ele a desejava, embaixo e em cima dele, sussurrando e

PERIGOSAS ACHERON

gemendo seu nome. Bastou um beijo dela para que ficasse mais duro que pedra, maldito fosse o efeito que ela tinha sobre ele. Suspirou, erguendo o olhar para as janelas do castelo, para garantir que ninguém os tinha visto. Pensou ter visto um vulto na janela da sala do trono, mas não havia ninguém lá. Ótimo, um problema a menos com o qual lidar.

Continuou a andar até seu quarto, observando, mais uma vez, os painéis de Tristão e Isolda, agora ficando com raiva deles. Se pudesse, os rasgaria, como tantas vezes fez em crises de raiva em casa. Ele se odiava por essas crises, por essa semelhança com o pai, mas, ao menos, não chegava a ser tão louco quanto ele. Não chegava a perder totalmente o controle, até quando tinha uma crise, ele sabia o que estava fazendo e poderia parar a qualquer instante, se quisesse, diferente do pai. Tinha essa vantagem a seu favor.

E como se tivesse invocado o demônio ao pensar nele, viu que em sua mesa havia uma carta do pai.

Thiago,

Como vão as coisas? Soube que as princesas portuguesas foram chamadas também. Se conseguir, faça algo contra elas.

Se não for possível, não se preocupe, talvez eu apareça no castelo no final do mês e resolvo com minhas próprias mãos. Você sempre foi mais fraco mesmo.

Era apenas isso. Sua mãe está mandando dizer que sente sua falta.

Carllos Montello, rei da Espanha

Ele suspirou, amassando a carta e a jogando no fogo da lareira. A última coisa de que precisava era do pai por ali, o dizendo o que fazer, o obrigando a ser cruel. Thiago não era cruel, não por prazer. Era um Montello de sangue, não havia como negar, mas não agia sem pensar como Carllos. Essa já deveria ser a terceira vez em que pensava sobre isso nos últimos tempos.

Voltando a pensar em Tristão e Isolda, ele

PERIGOSAS ACHERON

começou a analisar os malditos quadros na parede. Precisaria ler a tal obra que os havia inspirado, Romeu e Julieta. Suspirou, descendo as escadas até a biblioteca e pegou o poema. Seu inglês não era dos melhores, tanto que tinha um sotaque extremamente forte do espanhol, mas sabia o suficiente para poder ler.

Estava sozinho na biblioteca e deu uma risada alta quando leu sobre a varanda, se lembrando da tarde. Seus lábios ainda formigavam com o toque dos lábios dela e isso o fazia pensar se seria capaz de sossegar até tê-la como sua, e que impacto isso teria nele depois. Nunca havia ficado tão obcecado numa mulher antes, talvez porque nenhuma havia sido um desafio tão grande antes dela. Beatrice era território inimigo, área proibida, e isso só fazia com que ele desejasse, mais e mais, explorá-la.

Ainda estava pensando nela quando a viu entrar pela porta da biblioteca, parando ao vê-lo.



Beatrice cogitou seriamente dar meia volta e correr daquela biblioteca, mas não podia demonstrar medo, não na frente dele. Respirou fundo e entrou no cômodo, carregando o livro que tinha em mãos, o apertando contra o peito, numa tentativa de esconder o nervosismo. Evitando olhar para ele, procurou onde havia pegado o livro, mas devido à pressa em sair dali, o colocou em qualquer estante. Não queria ficar ali por muito tempo, podia sentir o olhar dele sobre si e temia que fosse se arriscar demais estando a sós com ele.

Estava se virando para ir embora, quando sentiu a mão dele em seu pulso, a paralisando. Seus

PERIGOSAS ACHERON

lábios se entreabriram e, por pouco, não soltou um ofego ao sentir os dedos quentes dele em sua pele gelada pelo frio das montanhas.

— Planejava sair sem nem me olhar, princesa? — Ele abriu um sorriso, soltando o pulso dela quando ela se virou, o coração acelerado ao dar de cara com a proximidade dele.

— Sim — ela respondeu simplesmente, suspirando. Não havia motivo para mentir, ele era inteligente demais para acreditar. Ele riu.

— Está tão desesperada assim para fugir de mim? Não pensei que fosse uma covarde, os portugueses vivem se gabando de serem superiores e corajosos. — Ele fez uma cara de chacota, rindo.

— Não sou covarde. Apenas não quero perder mais do meu tempo ao seu lado, fazendo coisas que não devia. — Ela deu um passo para trás, calculando errado a estratégia e dando com as costas na estante. Ele aproveitou para encurralá-la mais uma vez, fazendo disso um hábito. Ela tinha a impressão de estar sempre sendo encurralada por ele, literal e figurativamente.

— Você me pareceu bem propícia a errar nessa tarde, princesa. — Ele sorriu de lado, tocando o rosto dela, segurando um cacho castanho que

havia escapado entre os dedos. — *Cual és tu miedo, princesa? No voy a hacer nada que no quieras.*

— O problema é justamente esse — ela admitiu, tocando o peito dele numa tentativa de afastá-lo, os dedos se enroscando no tecido da camisa branca, com o colete dele aberto, ela podia sentir o calor que emanava de sua pele. — Querer.

— Está negando que me quer?

— Estou admitindo que quero — ela sussurrou, a voz quase inaudível, as mãos se apertando no peito dele. — Justamente por isso não podemos ficar próximos.

— Beatrice... — A forma como ele dizia seu nome era sedutora, forte, encantadora.

— Não diga meu nome — ela sussurrou, olhando nos olhos. Aquele mar cor de avelã que a derretia inteira, se segurando nele para não desabar. — Me chame de princesa, de alteza, de sangue ruim... Mas não diga meu nome.

— E por que não, Beatrice? — ele provocou, sem sorrir dessa vez, tão hipnotizado pelo momento quanto ela.

— É errado e proibido. E não me venha com Tristão e Isolda ou Romeu e Julieta, ambos acabaram mortos, e não posso me dar a esse luxo.

— Ela engoliu em seco, os nós dos dedos brancos tamanha era a força com que apertava a camisa dele. Seu corpo contradizia suas palavras, mandando-o embora, enquanto o implorava para não ir.

— Não estou pedindo que se apaixone por mim, princesa. Tampouco estou eu me apaixonando, estou apenas lhe oferecendo uma noite ou duas, não morreremos por isso.

— Eu morrerei. Talvez não no sentido literal da palavra, mas morrerei por dentro, morrerei com a minha honra portuguesa, morrerei indo contra tudo em que sempre acreditei. Por isso, digo que não, Thiago. Eu quero, adoraria, mas não posso.



Seu nome sempre soava tão doce nos lábios dela, de uma forma que até doía. Era como se ela fosse um anjo enviado direto dos céus para pronunciar o nome do diabo. Ele suspirou, balançando a cabeça e se afastando, sentindo-a segurar sua camisa. Pegou as mãos dela, se soltando e dando passos para trás, passando as mãos no cabelo. Estava nervoso.

— Você precisa decidir o que quer, Beatrice! Precisa decidir se realmente quer isso ou

PERIGOSAS ACHERON

não, porque eu não vou ser acusado depois de ter lhe forçado a algo que não o fiz. Esse é o único limite que eu me recuso a ultrapassar! — Ele estava sendo sincero com ela. De todos os limites que o pai não se importava em transpor, esse era o que mais o incomodava. Thiago entendia o peso de um “não”.

— Eu sei disso! Sei que nunca me obrigou a nada e que, todas as vezes que nos beijamos, foi culpa minha, por isso, eu digo que não posso mais. É errado, Thiago. — Tão doce, tão dolorido. Maldita fosse, Beatrice.

— Errado por quê? Porque seu pai disse que eu era um monstro? Ou porque sua mãe lhe fez temer os Montello? O nome que carrego é o teu inimigo, não eu. — Ele não sabia de onde as palavras estavam vindo, mas estava sendo mais sincero do que havia sido a vida inteira. — Eu quero você, Beatrice, independentemente de seu sobrenome ou de sua origem.

— Não, você me quer porque eu sou um prêmio, uma conquista maior do que qualquer uma que já teve. Seduzir a inimiga, que grande feito para Thiago Montello, um libertino de primeira. — Ela suspirou, se afastando dele e andando pela

biblioteca. Ele passou uma mão nos cabelos, os despenteando mais ainda. — Eu sou tão tola que poderia ceder, mas sei o bastante sobre os Montello para saber que seria a pior coisa que eu faria em toda a minha vida. E não me venha dizer que é diferente. — Ela o interrompeu, antes que ele dissesse algo. — Conheço as histórias, sei o que seu pai fez e como se casou com a sua mãe, sei como as coisas funcionam. Eu não quero isso, Thiago, e você não pode negar as origens que tem. Tu és um Montello e eu uma Castelleri, somos inimigos desde antes de nascermos e seremos muito tempo após estarmos mortos.

— E, por isso, vai abrir mão do que deseja? Vai negar sua própria vontade, por causa de um maldito nome? Que há em um nome, de tão especial, me diga? Um nome é apenas um nome, não é mão nem braço, nem pé nem rosto, nem qualquer outra parte de um homem. Sou muito mais do que o nome que me foi dado ao nascer, princesa, é bom que fique ciente disso.

— Vai negar, então, que é cruel? Que sente prazer ao ver sangue em sua espada e que foi criado para odiar meu nome e minhas origens? Vai dizer que não se orgulha dos ataques da Espanha à

França, e que sua mãe não é aclamada por ter quase matado o próprio irmão? Vai dizer que não atacaria Portugal na primeira oportunidade que surgisse, se isso significasse impressionar seu papaizinho maldoso?

— Você não sabe nada sobre a minha família — Ele resmungou entre os dentes.

— Eu sei o suficiente. Sei o que são, de onde vem e o que fazem. Sei que, se não tivéssemos tido aquele momento no labirinto, se eu fosse outra, você nem me dirigiria o olhar. Eu sei tudo o que preciso para lutar contra essa maldita vontade de lhe agarrar e me entregar. — Ela desabou o que sentia sobre ele.

— Você não sabe nem metade do que imagina saber sobre os Montello, princesa. E, pelo visto, nem se importa em saber. — Ele se aproximou dela, os olhos fervendo de raiva. Ela não estava enganada sobre os Montello, mas estava enganada sobre ele. Ele podia ser um Montello de sangue, mas não era o estereótipo. — Mas não se preocupe, este Montello aqui não irá mais lhe incomodar. Na verdade, só tenho mais uma coisa a lhe pedir. Um último beijo e nunca mais te tocarei até que me peça. — Ele tinha direito a isso, a um

último beijo, um último toque dos lábios dela.

— Eu...

— *Un beso, princesa* — ele sussurrou, segurando o rosto dela entre as mãos e a beijando. É claro que ela correspondeu, o beijando na mesma intensidade, enroscando os dedos nos cabelos dele.

Beatrice era tão melhor assim, sem discutir, com os lábios nos dele, o beijando com toda a paixão que adorava negar que sentia. Ele sabia que ela era teimosa e que esse muito provavelmente era seu último beijo, então o aproveitaria o máximo que pudesse. Aproveitaria cada segundo dos lábios dela, do gosto suave de vinho do porto com algo mais doce por trás, da suavidade com que sua língua se movia contra a dele. Não importava o quanto ele intensificasse o beijo, da parte dela era sempre suave, uma urgência coberta de veludo. Ele continuou a beijá-la enquanto pôde, até que não tinha mais um resquício de ar nos pulmões e precisou se afastar, precisou parar aquele que seria seu último beijo.

Se afastou dela, ambos ofegantes, enquanto a tocava no rosto uma última vez.

— *Adiós, princesa.* — E saiu, indo embora da biblioteca e da vida de Beatrice.



Beatrice ficou parada ali, com o gosto dele nos lábios, o gosto único dele que ela nunca havia provado igual. Suspirou, sentindo os olhos se encherem de lágrimas por pura frustração. Ela suspirou, secando os olhos e indo se sentar na cadeira ao lado da janela, olhando para as colinas lá fora e pensando nele.

Ela estava começando a se apaixonar por Thiago, maldito fosse. Não podia controlar o coração, “não escolhemos quem nós amamos”. Ela suspirou de novo, triste, chateada. Seria mais fácil se tivesse se apaixonado por outro, qualquer outro. Klaus, que estava claramente encantado por Katherine, seria melhor. Seu primo Daniel seria melhor. Literalmente, qualquer um que não fosse aquele inimigo irritante e sedutor.

Ela teria que se policiar para se afastar dele. No dia seguinte conversaria com a Imperatriz, Melody era sua prima distante, com certeza, entenderia a situação e mudaria os lugares na mesa de jantar para que Bea não precisasse mais ficar de frente a ele. E em breve se esqueceria dele e depois voltaria para casa e nunca precisaria vê-lo novamente. Sim, tudo ficaria bem.

Se levantou, saindo da biblioteca e caminhando até seu quarto. Pediu para uma criada que lhe preparasse um banho e esperou, dispensando os criados, em seguida tirando seu vestido, entrando na banheira quente. Fechou os olhos, mergulhando a cabeça na água e deixando o calor levar seu estresse para longe. Ficaria melhor com o tempo, e à medida que se afastasse dele poderia ir superando essa curta paixão, ao menos, não se entregou por completo. Sim, ele sempre seria sido seu primeiro beijo de verdade, seu primeiro amor.

Mas o primeiro nem sempre é o que ganha e, nesse caso, o primeiro nem tinha como ganhar. Ela suspirou, ouvindo batidas na porta.

— Sim? — Parte dela queria que fosse ele.

— Alteza? Eu vim checar se precisa de algo.

— Era uma criada. Claro que não seria ele, era tola até mesmo de ter sentido uma pontada de esperança.

— Não exatamente, mas já que está aqui, pode entrar. — Ela ouviu a porta se abrir e fechar e se levantou, colocando um roupão com a ajuda da criada. — Poderia escovar meus cabelos? Estou tão cansada que posso pegar no sono. — Ela deu uma

risadinha, indo se sentar em frente à penteadeira. Viu pelo espelho uma carta nova em cima da mesinha. — Pode pegar aquela carta para mim? Obrigada.

A criada lhe entregou a carta e ela a pegou, arregalando os olhos e sentindo seu corpo gelado, enquanto lia.

“Querida filha,

Como vai? As coisas estão bem? Sentimos muito a sua falta aqui. Seu pai e eu mal podemos esperar para lhe ter de volta, mas temos uma surpresa mais imediata, algo que eu gostaria de lhe dizer pessoalmente, mas infelizmente não será possível.

Encontramos um noivo para você. Lorde Marke, da Inglaterra, um duque de alto escalão que chegará ao castelo em pouco tempo. Ele é filho de um amigo próximo da Imperatriz e seu pai o aprovou. Nobre o bastante para fazer uma aliança, mas não o suficiente para o poder dele diminuir o seu. É o casamento perfeito, minha filha.

Sei que não é assim que gostaria de saber de um casamento e sinto muito por isso, mas garanto que ele será um bom esposo. Espero que sejam muito felizes. Mandeí uma carta à Imperatriz também, pedindo que ela o receba e lhe avise quando ele chegar.

Nos escreva em breve.

Com amor, mamãe e papai.

Rei Thomás de Portugal e Rainha Arystelle.”

Ela ficou pálida, os membros gelados,
PERIGOSAS ACHERON

deixando a carta cair de seus dedos. Lágrimas surgiram em seus olhos, assustando a criada.

— Está tudo bem, alteza?

— Não. — Ela engoliu em seco, se virando para a criada. — Mas vai ficar. Só preciso... bem, preciso que algo me distraia. Não quero pensar nisso agora.

— No que, se me permite perguntar? — A criada voltou a pentear os cabelos dela, desembaraçando os poucos cachos.

— Posso confiar em você... como se chama?

— Me chamo Mérida, alteza. Pode sim, minha boca é um túmulo. — Beatrice viu o sorriso da garota refletido no espelho e seus olhos, de um azul intenso. Precisava desabafar, então, não teve escolha, a não ser confiar, pois não queria importunar a irmã com isso.

— Muito bem, Mérida. Eu estou quase chorando, pois estou noiva, de um homem que nem conheço. Sempre me preparei para isso, mas não esperava que fosse acontecer justamente quando me enamorei de outro homem, com o qual nunca poderei ter nada. — Ela suspirou, abaixando a cabeça, cobrindo o rosto com as mãos.

— Bem, se lhe servir de consolo, também

estou interessada em um homem que nunca poderei ter. — Mérida comentou, enquanto passava a escova por mais um cacho.

— Me conte o que aconteceu. Talvez sua história me distraia um pouco.

— Se lembra da festa no jardim? Aquela do labirinto? — Beatrice assentiu. — Eu fui à festa, disfarçada de lady. Estava escuro, então, soltei meus cabelos e vesti um vestido verde que tinha guardado há anos. Queria apenas uma noite de diversão, mas tudo deu errado quando esbarrei em um lorde maravilhoso e sedutor. Ele me chamou de “milady”, me beijou nos lábios e se interessou por mim, sem saber quem eu era. Eu fugi depois, sem nunca revelar minha identidade.

— Acha que ele não lhe aceitaria por ser uma criada? — Beatrice ergueu uma sobrancelha.

— Sei que não. Mas o pior é que não para por aí, eu o reencontrei depois, já em minhas vestes normais. Ele mostrou por mim o interesse normal que um lorde demonstra para uma criada, me fazendo propostas indecentes sem me reconhecer. Minha grande marca são os cabelos e faço questão de deixá-los presos e escondidos o tempo todo. Eles... eles são cor de fogo, como os de minha mãe.

É inapropriado ter cabelos assim.

— Entendo. — Beatrice se virou para ela, com um sorriso. — E se eu te fizer uma lady? Você poderia ser minha dama de companhia, assim que eu me tornar rainha. — Ela sorriu, o bom coração falando mais alto.

— Faria isso por mim, uma criada que nem conhece? — A outra se impressionou, encarando sua superior.

— Faria. Não é porque eu não posso ter meu final feliz, que irei privar os outros de um, no que puder ajudar, quero ver o mundo feliz. — Ela sorriu e até com essa frase se lembrou de Thiago. A grande diferença entre os Montello e os Castelleri era o coração.

— Obrigada, muito obrigada, alteza.

— Pode me chamar de Bea.

— *Lady* Bea. — Ela deu um sorriso e a outra riu. — Se me permite perguntar... Quem é o homem que a senhorita não pode ter? Nunca imaginei que a realeza não pudesse escolher a própria vida.

— As mulheres nunca podem. — Beatrice suspirou. — Mas tudo bem. É o meu destino e irei segui-lo. Quanto a quem é o homem... esta

conversa fica para outra ocasião, tudo bem? Estou cansada de pensar nele por hoje, preciso descansar um pouco.

Ela se levantou do banquinho, andando até a cômoda e pegando uma camisola, a vestindo. Não se incomodava em trocar de roupa na frente de Mérida, criados eram acostumados a ajudar lordes e ladies a se vestirem, já haviam visto mais corpos nus que qualquer libertino existente. Ela subiu em sua cama, se sentando.

— Entendo — Mérida respondeu. — Vou deixar a senhorita dormir, Lady Bea. Descanse e tudo ficará bem.

— Lhe digo o mesmo. Boa noite, minha amiga.

Beatrice sorriu, vendo a criada se retirar do quarto. Assoprou as velas próximas de sua cama e se deitou, puxando os cobertores até os ouvidos, se encolhendo do frio. Isso a fez se lembrar dele novamente, sua pele tão quente. Imaginou se seu futuro marido teria a pele quente também, era provável que não, afinal, ele era inglês e a Inglaterra conhecia o frio como ninguém. Não, se futuro marido não seria quente como Thiago, nenhum outro homem seria.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela se apaixonou sem nem perceber e, agora, estava presa a um sentimento que não poderia seguir.

PERIGOSAS ACHERON



Já havia se passado quase uma semana que ele não a via e Thiago não sabia por que estava tão incomodado. Durante essa semana, ele já havia se deitado com duas criadas, ambas — por coincidência ou não — de cabelos castanhos e olhos claros. Talvez fosse por isso que Beatrice não tinha saído ainda da cabeça dele, estava cercado de mulheres parecidas com ela. Precisava de alguma diferente, uma ruiva ou uma loira... Não uma princesa, claro que não, mas, quem sabe, uma lady...

Seguiu com esses pensamentos, imaginando que a mulher ideal seria um oposto perfeito de

PERIGOSAS ACHERON

Beatrice. Loira de olhos castanhos, baixinha, plebeia ou, no máximo, uma lady nobre, com uma personalidade fraca e que cedesse facilmente. E quanto mais imaginava essa mulher, mais ele percebia que não sentiria atração nenhuma por ela. Suspirou, frustrado, passando uma mão nos cabelos e os despenteando. Tinha esse hábito quando estava nervoso.

Estava agora em seu quarto, olhando para as paredes. Se pudesse, já teria rasgado os malditos murais de Tristão e Isolda, que só o faziam pensar mais ainda nela. Não sabia explicar, mas mesmo Isolda sendo loira, ele havia começado a achar as imagens extremamente semelhantes à Beatrice. Talvez fossem os olhos, ou a expressão facial que ela demonstrava. Fosse o que fosse, Isolda lembrava Beatrice e, Tristão, parecia seu próprio reflexo. Ele observou a imagem de Tristão, Isolda e o Rei Marc, se perguntando se Beatrice encontraria em breve um noivo. Ele esperava que não.

Se levantou da cama, indo se vestir. Havia passado a manhã inteira deitado, sem vontade de fazer nada com seu dia, mas era um príncipe e tinha obrigações. Saiu da cama e foi até sua cômoda, pegando suas roupas. Vestiu a camisa branca de

mangas, amarrando a parte da gola e vestindo o colete por cima. Escolheu um colete sem mangas, afinal, era um dia informal, e deixou as mangas da camisa aparecendo. O dia estava frio, mas não tanto que pedisse por agasalhos demais, além de que, ele tinha sangue quente. Acabou de vestir-se, usando um calção bufante no lugar dos saíotes mais comuns à época e saiu do quarto, caminhando pelos corredores.

Enquanto caminhava, sua mente tentava fugir dela, uma missão quase impossível. Tudo parecia remetê-lo à Beatrice, e até pensou tê-la visto, mas era apenas a irmã dela. Ele ergueu uma sobrancelha, dando um meio sorriso e andando até ela. Se não podia tê-la, teria a cópia quase idêntica.

— *Buenas tardes, princesa.* — Parecia estranho chamar a irmã errada de princesa, mas é o que havia para aquele dia. A outra se surpreendeu com ele e deu um sorrisinho, estendendo a mão para ele beijar.

— *Buenas tardes, alteza* — ela repetiu o cumprimento em espanhol, o fazendo erguer uma sobrancelha. — Sei de algumas palavras no seu idioma, aprendi quando era pequena.

— Impressionante. — Ele abriu um sorriso.

Não era tão impressionante assim, as duas línguas eram bem parecidas, mas ele precisava apelar um pouco, se queria flertar com ela.

— Seria mais, se eu fosse fluente. — Ela deu de ombros, sorrindo para ele.

— E como aprendeu o pouco que sabe?

— Tínhamos uma criada espanhola, fugida da guerra. — Ela deu uma erguida de sobrancelha a ele. — Bem, na verdade, ela tinha fugido de seu pai. Costumava trabalhar em seu palácio, Carmen, o nome dela.

— Creio que não me lembro dela.

— Claro que não lembraria. — Theresa era claramente ainda mais aberta e desafiadora do que a irmã. Ele estava gostando disso.

— Por acaso, a senhorita se lembra de todos os criados que teve em seu palácio? — ele desafiou, uma sobrancelha erguida.

— Para ser honesta, não. — Ela riu, dando de ombros. — Mas, de qualquer forma, nunca foi obrigação minha saber disso. Bea é a herdeira, então é ela quem precisa conhecer a todos. Isso sempre me deixou mais livre para aproveitar a vida.

— Agora, sim, estamos falando a mesma língua. — Ele deu um sorrisinho de lado, dando um

passo na direção dela. — O que você gostava de fazer? — Ele não a chamou de “princesa” novamente. Não conseguiria, não com o nome de Beatrice pairando sobre os dois. Bea... ele gostou do apelido.

— Passear a cavalo, para começar. — Ela deu um sorrisinho. — Sou ótima em cavalgar. — Era um duplo sentido que ele sentia nas palavras dela?

— É mesmo? — Ela assentiu. — E o que mais?

— Eu era ótima em fugir escondida do palácio — ela disse, sorrindo. — Minha irmã odeia que eu espalhe isso, diz que não é apropriado de uma princesa, mas, na verdade, não é apropriado a ela. Eu sou só a segunda na linha de sucessão.

— E isso te incomoda? — Ele sentiu um aperto no peito mais uma vez com a menção à Beatrice. Ela era como uma sombra pairando sobre ele, até quando tentava se afastar dela.

— Não. Sinceramente, até prefiro não ser a herdeira, me dá mais liberdade. Agora mesmo, se eu fosse Bea, eu não poderia estar falando tão informalmente com você. Teria que me portar como uma herdeira e, talvez, nem pudéssemos

conversar a sós por causa da inimizade entre nossos países. — *Ela sabia de algo? Ou era apenas paranoia dele? Beatrice não teria contado para a irmã sobre seus encontros, teria?*

— E o que mais não poderíamos fazer? — Ele se obrigou a continuar flertando, dando mais um passo na direção dela e ficando mais próximo.

— Você não poderia chegar tão perto. E eu não poderia deixar. — Ela deu um passo em direção a dele. — Eu sei o que quer, príncipe. Homens como você só querem uma coisa, então, por que não vamos logo ao ponto e pulamos todo esse flerte desnecessário? E não me olhe com essa expressão de surpresa, eu sou direta, assim mesmo. — Ela deu um sorrisinho, erguendo as mãos e segurando o rosto dele. — E a resposta é sim, príncipe. Vamos nos divertir juntos.

E o beijou. Thiago reagiu de imediato, a segurando pela cintura e correspondendo ao beijo, puxando-a mais para perto.



Quando a deixou na porta de seu quarto, Thiago estava se sentindo um traidor. Não um traidor de seu país, por ter quase se deitado com uma portuguesa, mas por ter quase se deitado com PERIGOSAS ACHERON

a irmã *dela*. Chegou até a ir para o quarto da garota, tamanha era a atitude dela, mas quando chegou lá, simplesmente não conseguiu... seu corpo falhou, a imagem de Beatrice lhe veio à mente e ele simplesmente a deixou lá e foi embora.

Suspirou, andando de volta para seu quarto. Passou por duas criadas no caminho, mas nem as olhou, tinha a impressão de não ser mais capaz de ficar com mulher alguma que não fosse *ela*. Inferno, odiava admitir para si mesmo, mas só havia ficado com a irmã dela por causa da enorme semelhança entre as duas.

Infierno, estoy enamorado de Beatrice. O pensamento o fez parar onde estava, sentindo seu sangue gelar nas veias. Apaixonado? Estava apaixonado por Beatrice? Não, não podia estar... Mas estava. Havia se apaixonado por ela desde que a viu, essa era a verdade. Havia se apaixonado no momento que se encontraram naquele jardim e seus olhos se cruzaram, mas era estúpido demais para reconhecer isso antes e, agora, já era tarde demais.

Não importava o quão enamorado estivesse, ela não o queria.



Beatrice estava em sua cama, deitada,
PERIGOSAS ACHERON

olhando para o teto. Suas paredes tinham pinturas de amantes, o que só a deixava mais angustiada. Estava com medo da chegada do noivo, em algumas semanas, com medo de não ver mais Thiago, com medo de ficar sozinha. Seu único consolo atualmente era sua nova amiga, Mérida. Todos os dias, no final da tarde, ela vinha visitá-la, ainda nos trajes de criada, e conversavam por horas a fio. Finalmente havia criado coragem de contar à amiga quem era o homem que amava revelaria a ela nessa tarde. A verdade era que, ficava envergonhada por ter se apaixonado por um inimigo, e admitir isso em voz alta parecia assustador. Não havia contado nem para a irmã, mas imaginava que Thessa não fosse entender. A irmã tinha uma visão muito liberal do mundo por ter crescido sem limites e sem responsabilidades. Aos dezessete anos, ela se arruinou com o filho do antigo cavaleiro, ao menos, é o que Beatrice imaginava. Ninguém tinha certeza se ela estava arruinada ou não, só a própria Thessa sabia. Seja como for, Thessa não veria problema em se envolver e até se apaixonar por um inimigo.

Bea suspirou, ouvindo uma batida na porta e, então, a amiga entrou, sorrindo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Boa noite, Lady Bea. — Mérida sorriu, se aproximando da amiga e se sentando na poltrona do quarto.

— Boa noite, Mérida. Como foi seu dia?

— Cansativo. Tive que limpar vários quartos e encontrei com *ele*, de novo. Daniel Salvatore, filho do regente de Navarra, apaixonado por mim, sem saber que sou eu. — Ela suspirou. — Acredita que ele mencionou a garota de cabelos vermelhos para mim? Disse que estava enamorado dela, mesmo só a tendo encontrado uma vez.

— E por que você não conta quem é? Seria tão simples.

— Nunca é tão simples. Ele está apaixonado pela *lady* de cabelos vermelhos. Eu sou só uma criada, ele ficaria com raiva por ter sido enganado por tanto tempo, se eu fosse falar, deveria ter falado no começo... Eu me compliquei demais. — Ela abaixou a cabeça, os olhos marejados.

Beatrice achava que ela estava complicando demais as coisas e que a honestidade sempre seria a melhor solução, mas não diria isso para a pobre coitada. Sabia, por experiência própria, que não adiantava pressionar ninguém a algo que não conseguiam ver.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mas e, então, como andam as coisas com o seu homem proibido? — Mérida perguntou, olhando para Beatrice.

— Nem o vi mais. E em breve meu noivo chegará, talvez seja melhor assim.

— Não vai me dizer mesmo quem ele é?

— Eu tenho vergonha de quem ele é. — Beatrice suspirou. — Ele é meu inimigo declarado, príncipe herdeiro da Espanha. Thiago Montello, o homem de meus sonhos e meus pesadelos — ela admitiu, abaixando a cabeça. — Nos encontramos pela primeira vez nos jardins, na noite do labirinto. Eu não sabia quem ele era e quase me entreguei por completo, até que ele finalmente me disse seu nome. Depois disso, ele vem se encontrando comigo por acaso aqui e ali, me beijando, quando pode, e roubando meu coração. — Ela olhou para a amiga, um pedido de socorro nos olhos.

— Thiago Montello, o herdeiro espanhol? — Mérida arregalou demais os olhos, como se soubesse de algo que Beatrice não sabia. — Sabe se é ele que está no quarto de Tristão e Isolda? — Os criados sabiam os quartos pela estampa nos murais, afinal, havia quartos demais para enumerar.

— Ele mesmo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ah, Bea... Eu sinto muito. — Ela balançou a cabeça, olhando para a amiga com olhos tristes. — Tem algo que você precisa saber, princesa.

— Diga. — Bea nunca a havia visto tão séria antes, e até se assustou.

— Sua irmã está no quarto com deuses gregos, não é?

— Acho que sim...

— Hoje vi o príncipe Thiago saindo de lá.

— Mérida — Beatrice engoliu em seco, respirando fundo —, você está me dizendo que Thessa e Thiago...?

— A não ser que eu esteja muito enganada, sim. Eu sinto muito, princesa, mas eu creio que eles tenham passado a tarde juntos.

E o mundo de Beatrice desabou.

PERIGOSAS ACHERON



O mundo dela havia desabado. Tudo o que sentia por Thiago se mostrou em sua alma, com tudo o que sabia sobre a irmã, imagens dos dois juntos lhe vinha à mente. Aquilo doía, como se seu peito queimasse ao imaginar os dois se beijando, se deitando juntos... ela ofegou, dando graças a Deus por já estar sentada, ou teria caído.

— Lady Bea, você está bem? — Mérida perguntou, preocupada. Beatrice apenas engoliu em seco, negando com a cabeça, tamanha era a dor que sentia no peito, na alma.

— Thiago e Thessa... — Ela engoliu em seco, mais uma vez, tentando digerir a informação.

— Tem certeza disso?

— Tenho, sinto muito, princesa. Eu estava vindo para cá, quando o vi saindo de lá, e outra criada comentou ter visto os dois juntos mais cedo. Se eu soubesse, teria lhe avisado antes, talvez tivesse os impedido. Eu sinto muito.

— Não é culpa sua. Se bem conheço Thiago, nada poderia pará-lo. — Ela suspirou, se deitando na cama.

Não tinha o direito de cobrar nada dele, era verdade. Era apenas uma *quase* ex-amante dele, não podia esperar que ele fosse fiel a algo que nem tiveram, mas, ainda assim, seu peito doía. Já doeu quando o viu de longe com outra mulher um dia desses, mas sua irmã era diferente. Sabia que ele havia feito apenas para provocá-la, que havia usado sua irmã. E Thessa, se envolvendo assim, com um inimigo... Beatrice se levantou de uma vez, com fogo nos olhos.

Saiu do quarto, sem nem se despedir da amiga, andando em passos firmes até o quarto da irmã. Não bateu na porta de Thessa, a abrindo de uma vez e entrando, vendo a irmã deitada só de camisola. Sua raiva aumentou.

— Theresa Maria Castelleri, como ousa?! —

Ela já entrou assim, sem oi, sem cumprimentos, sendo direta. A irmã deu um pulo na cama, se sentando e rindo.

— O que foi, Beatrice? Eu não fiz nada.

— Nada?! Considera “nada” o fato de ter se envolvido com um inimigo? — Bea gritou, sem se importar com quem pudesse ouvir do lado de fora. A honra da irmã já não lhe importava, cega de raiva como estava.

— Já soube disso? As notícias correm rápido na Germânia. — Ela riu, indo pegar um roupão e se cobrir.

— Não tem graça, Theresa. — A irmã praticamente rosnou, a encarando.

— O que foi, Bea? Não é como se ele tivesse me desonrado, você sabe disso. Ou, ao menos, imagino que saiba, de qualquer forma, foi só uma diversão.

— Só uma diversão? Thessa, ele é nosso inimigo!

— Grande coisa. — Thessa deu de ombros, se sentando em frente à penteadeira e ignorando a irmã, enquanto penteava os cabelos. — Mas se isso te fizer mais calma, nós não fizemos nada. Ele só me trouxe para o quarto, mas não... consumou o

ato, digamos assim. — Thessa deu uma risadinha, sem entrar em detalhes. Beatrice sentiu seu coração bater tão forte que parecia prestes a sair do peito.

— Vocês não...?

— Nós não nos deitamos juntos, se é o que quer saber. — Ela se virou para a irmã. — Está mais tranquila agora?

— Bem... um pouco.

— Não sei qual o problema que você vê em eu tê-lo beijado. Sim, ele é um inimigo, mas eu já beijei coisa pior, como criados, e me entreguei ao cavalariaço. Bem, ele era filho do cavalariaço na época...

— Thessa!

— O quê? Todos já sabem. — Ela deu de ombros novamente, sem se importar com isso. Theresa não era de se importar muito com essas coisas. — De qualquer forma, pode ficar feliz, não fiz nada demais, além de beijar o inimigo.

— Ele te beijou. — Não foi uma pergunta.

— Na verdade, eu o beijei. Inclusive, ele beija terrivelmente bem, você deveria provar — ela tentou provocar a irmã, que não riu nem reclamou, apenas empalideceu. — Bea?

— Thessa... você faz as coisas sem nem

saber! — Ela se frustrou, sentando na cama da irmã. — Posso confiar em você?

— Eu acho que pode — a irmã brincou, ficando séria ao ver que a outra não riu. — Pode sim, Bea. Sempre. Eu faço essas brincadeiras, mas eu sou sua irmã, nunca vou quebrar sua confiança.

— Muito bem... — Beatrice suspirou, engolindo em seco. — O motivo pelo qual eu me irritei, não foi porque Thiago é um inimigo. Foi porque eu estou apaixonada por ele.

— O quê?! — Theresa gritou, arregalando os olhos, quase a ponto de saltarem das órbitas. — Como isso aconteceu?

— Nos encontramos pela primeira vez no labirinto, eu não sabia quem ele era, e ele... ele me tocou, Thessa. Em lugares que eu mesma nunca havia tocado, ele me fez derreter, para só depois me contar quem era. E então nos encontramos mais vezes, trocamos mais farpas e eu me apaixonei, mas não posso estar apaixonada, ele é nosso inimigo.

— Bea... — Theresa segurou a mão da irmã, fazendo um carinho. — O coração não se importa com amigos ou inimigos, o coração só se importa com o sentimento. Se você o ama, vocês deveriam

ficar juntos.

— Ele não sente o mesmo por mim, Thessa. Ele é frio, distante, só me vê como uma diversão. Se ele me amasse, não teria lhe beijado.

— Se ele não se importasse, teria conseguido ir até o fim — Thessa comentou, dando uma risadinha. — Agora fez sentido... ah, Bea, não desista do seu amor. Continue lutando, se forem destinados, nossos pais terão que entender.

— Nossos pais nunca entenderiam, muito menos, o pai dele. Você não entende o medo que eu sinto de Carllos Montello, já ouvi histórias demais, sinceramente nem ele parece gostar muito do pai, e não posso arriscar pôr nenhum de nós em perigo.

— Vai desistir do seu amor por puro medo? Nunca pensei que fosse uma covarde, Bea.

— Eu não sou!

— Então, vá lá e fale com ele. Tome uma atitude, tome ele para si. Ele não está apaixonado? Faça com que se apaixone. Faça com que se encante por você, de uma forma que seja impossível voltar atrás. Eu posso te dar algumas dicas de como fazer um homem se apaixonar, e de como seduzi-lo. — Thessa sorriu, piscando um olho, que soltou uma risada.

— Acha mesmo que seria uma boa opção? Nós parecemos Romeu e Julieta!

— Quem?

— Um poema que eu li, de Sir Arthur Brooke. Conta a história de um casal, filhos de casas rivais, inimigos que se apaixonam... eles acabam mortos. — Bea suspirou.

— Vocês não vão acabar mortos. Vocês vão acabar bem vivos e juntos — Thessa disse, com toda a certeza do mundo, cruzando os braços. — Então, pare de falar tolices e vá se concentrar em pensar no que dirá a ele.

— Ele me dá nos nervos — ela disse, dando de ombros. A irmã sorriu.

— O amor e o ódio andam bem próximos, minha irmã. Agora, se acalme, pense bem e se encontre com ele.

— Vou tentar. — Bea sorriu, se levantando. — Me desculpe pelo ataque de raiva. Não deveria ter julgado a situação sem saber de tudo.

— Eu faria igual, no seu lugar, se me apaixonasse por alguém. — Thessa sorriu, abraçando a irmã. — Vai ficar tudo bem, Bea.

— Queria tanto acreditar em você, mas sei que não vai. Também não lhe contei outra coisa,

papai e mamãe me mandaram uma carta. Eles me arranjaram um noivo, Lorde Marke da Inglaterra. É até irônico, pois Thiago e eu nos comparamos muito com Tristão e Isolda, e você sabe que tem o rei Marc...

— Ah, Bea... — Thessa abraçou a irmã mais uma vez, a apertando nos braços. — Você vai ficar bem.

— Duvido, mas obrigada pela fé — Bea agradeceu, abraçando a irmã e se afastando. — Bem, é melhor eu ir. Me desculpe, de novo.

— Sem problemas... E me desculpe por tê-lo beijado. Eu não o faria se soubesse.

— Eu sei. — Ela sorriu, e saiu do quarto da irmã.

Beatrice realmente precisava pensar e clarear a mente. Decidiu descer até os andares inferiores e procurar Mérida, precisava falar com ela. Precisava esclarecer tudo em sua mente e a amiga sempre ajudava.



Thiago estava se sentindo um lixo. Estava em seu quarto, sem nada para fazer, a não ser pensar nela e no quanto estava apaixonado. Suspirou, se levantando e andando até o quarto de

PERIGOSAS ACHERON

banho. Fazia alguns dias que não tomava um bom banho, então tirou as roupas e entrou na banheira, preparada mais cedo pelos criados. A água estava quase fria, mas ele não se importou, precisava desse baque com a realidade.

Jogou água no rosto, a imagem dela lhe vindo quando fechou os olhos. Beatrice o estava assombrando e o pior era saber que nunca a teria. Se tivesse percebido antes o quanto estava apaixonado, talvez pudesse ter feito algo, a tratado melhor, ter dito o *te quiero* que agora estava entalado em sua garganta. Poderia tê-la beijado mais uma vez, agora com um *te amo* entre os dois. Poderia ter aproveitado cada segundo com ela, enquanto estavam ali, e vivido esse sonho de Tristão e Isolda, mas agora já era tarde demais para isso. Ela não o aceitaria.

E ele havia deixado bem claro que não mais a procuraria, sem que ela pedisse. Se sentia mal pela visão que ela tinha dos Montello, mas não estava errada. Eram uma família podre, de sentimentos ruins e maldades incontáveis, em que a mãe dele havia enfiado uma adaga nas costas do próprio irmão, quase matando o Imperador. Por um momento, ele se lembrou de que o pai e a mãe um

dia foram inimigos também, mas eles eram de outro tempo, e nenhum dos dois tinham pais para desapontar. E Beatrice era doce demais para ser aceita como uma Montello, ela era mais doce do que qualquer ser humano que já havia conhecido.

Mesmo no pouco tempo que a conhecia, sabia que tinha um coração de ouro, que era maravilhosa. Não, Beatrice nunca seria uma Montello, ela era boa demais e ele não a merecia, seu sobrenome podre não a merecia. Pela primeira vez, em todos os seus vinte e dois anos, ele odiou as próprias origens. Pela primeira vez em sua vida, ele queria ter sido outro, qualquer outro, alguém que não fosse inimigo dela, alguém que fosse merecedor do seu amor.

Ele quase não se reconhecia mais, tamanha era sua obsessão por ela. Suspirou, sentindo a água gelada e se levantando da banheira, se secando de qualquer jeito e indo se vestir, sem prestar muita atenção nas calças, colete ou camisa que usava. Começou a pensar que talvez nada mais importasse.

Estava cansado. Queria se deitar e dormir, mas ainda era cedo demais e não poderia se dar ao luxo de ficar trancado no quarto, não era *uma*

garotinha emotiva. Bufou, saindo do quarto e começando a andar por aí. Estava cansado de tudo, de ser quem era. Andou sem rumo, descendo as escadas que encontrava, indo parar no “subsolo” do castelo. Não era exatamente embaixo da terra, já que o palácio ficava no alto nas montanhas, mas era abaixo do piso principal, onde ficavam as adegas e empregados.

Deu um sorriso desanimado e entrou em uma das portas, acertando em cheio na adega principal. Havia estantes e estantes de bebidas, como uma biblioteca de álcool, e alguns caixotes com mais bebidas dentro. Numa parede havia um armário com taças de todos os tipos, para vinhos e licores, copos para uísque escocês e abridores de garrafas. Ele deu um sorriso um pouco mais animado, gostando da ideia de se embriagar. Pegou uma taça e abriu um vinho, rindo ao ver que era vinho português. Claro que até isso o faria se lembrar dela, mas lembrança por lembrança, ele, ao menos, ficaria bêbado. Estava tomando o primeiro gole quando teve a sensação de que ela estava por perto, e ao olhar para a porta, a viu passando. Seus olhos se arregalaram e, mesmo que tivesse jurado que não a importunaria mais, só

PERIGOSAS NACIONAIS

havia uma coisa que pudesse fazer.

— Beatrice! — ele gritou seu nome da porta
e ela se virou, parando ao vê-lo.

PERIGOSAS ACHERON



Ela se virou imediatamente ao ouvir a voz dele gritando seu nome. Sabia quem era, antes mesmo de ser virar, reconheceria aquela voz até nos confins do inferno. Era a voz *dele*, do seu Tristão, do seu Romeu, do Thiago que nunca seria seu. Ela se virou para ele, os olhos arregalados.

— Thiago?

— Eu estava pensando em você. — Ele deu um sorrisinho, chamando-a com a mão. Ela não saberia explicar por que, mas foi. Mais tarde, quando parou para pensar, percebeu que nunca seria capaz de recusar um pedido dele.

— Não minta para mim. Não é divertido.

— Não estou mentindo. — Ele estava sério, olhando nos olhos dela. — Maldita seja, Beatrice, mas eu não paro de pensar em você.

— Eu sei que você beijou minha irmã, Thiago. — Ela não se importava mais de falar o nome dele, até preferia chamá-lo pelo nome. E a mágoa em sua voz foi evidente. — Por quê?

— Porque ela lembra você — ele admitiu simplesmente, a olhando nos olhos, dando um passo à frente, se aproximando dela. — Se bem que, recentemente, tudo me lembra de você. Beatrice, eu...

— Não, Thiago. Não venha com conversinhas para me enrolar, não diga que pensa em mim, se não for verdade. Aliás, não diga nada. Você mesmo disse que não me importunaria mais até que eu pedisse e acha que eu irei pedir, após saber de você com minha irmã?

— Eu sinto muito...

— Não, não sente. Mas tudo bem, é de sua natureza ser assim. Você é homem, um Montello, não me surpreenda que queria conquistar as duas princesas Castelleri, mas é melhor você entender que esta princesa aqui, você não irá desonrar. Eu não vou me render a nenhuma conversinha, não

vou me render a galanteios falsos, que podem me prejudicar depois. Você sempre será meu Tristão e meu Romeu, mas nunca será meu Thiago, e isso me dói, sabia? Me queima o peito saber a situação na qual me coloquei e que não ter como sair dela. Me dói saber que você beijou minha irmã e, provavelmente, tantas outras durante esse curto tempo no qual não nos falamos. Me quebra o coração saber que nunca teremos nada, pois eu fui estúpida o bastante para me apaixonar! Sim, Thiago, eu estou, infelizmente, apaixonada por ti, e sei que nunca poderei seguir essa paixão, então, por favor, me deixe em paz! — ela desabafou, jogando tudo para fora, despejando nele todos os sentimentos que tinha.

Inferno, não tinha tido tempo de desabafar com a amiga antes e vê-lo assim, dizendo coisas bonitas, que pensava nela, só a fez se sentir pior, só a fez se sentir mais tentada a se render, mas não podia. Definitivamente não podia, ao menos, foi o que pensou, até que ele se aproximou e a puxou para perto, os trancando na adega, e a beijou.



Thiago não se segurou. Sabia que estava errado em puxá-la, os trancar na adega e a prensar

PERIGOSAS ACHERON

contra a porta, tomando os lábios dela nos seus, mas como se conter com ela ali, a dois passos dele, dizendo que estava apaixonada?! Era tudo o que queria, tudo o que *precisava* ouvir. Se afastaram momentaneamente em busca de ar e ele a beijou de novo, antes que ela falasse algo que o afastasse. Dois beijos eram demais, mas apenas um não bastava. Suas línguas unidas em uma batalha por poder, ela correspondendo sem nem pensar, ambos se entregando ao beijo, a sensação de que pertenciam um ao outro.

— *Sabiendo que tus besos matam, moriré de amor* — ele sussurrou, mordiscando o lábio inferior dela e deslizando os lábios até a sua orelha. — *Te quiero tanto, Beatrice. Tanto...* — Beijou a orelha dela, encostando suas testas. Ela estava sem fôlego, desnorteada, perdida.

— Thiago, nós não...

— Nós, sim, *mi princesa*. Pare de dizer não, eu sei que me quer tanto quanto eu a quero, acabou de admitir estar apaixonada por mim. Não vou me desculpar pelo beijo, se o tempo voltasse faria tudo igual. Sou seu, princesa. E você é minha, não vê que fomos destinados a nos encontrar? Somos como Tristão e Isolda, Romeu e Julieta, um par de

amantes escrito nas estrelas para se encantarem ao primeiro encontro e pôr um fim às inimizades que os cercam.

— Isso é tão irreal... — Ela se segurou no colete dele, os dedos se apertando contra o tecido. — Não vamos desfazer inimizade nenhuma, não podemos. Você é um Montello e eu uma Castelleri, somos inimigos antes de nascermos e seremos depois de mortos. Você citou duas histórias lindas de amor, com finais trágicos. É isso o que quer para nós, que estejamos juntos na cova?!

— Eu nunca desejaria seu mal, princesa. Não entende o quanto eu a venero? Sei que é boa demais para mim e que nunca poderemos ter nada em público, mas sei qual é nosso papel neste mundo. Se me perguntarem por ti, direi que é mentira que toda uma vida sonhei contigo, mesmo o fazendo. Direi que não é certo e que não estás comigo, mesmo que eu a queira assim. Nosso castigo será fingir que somos inimigos, mas quando não houver testemunhas, minha vida inteira te darei quando ninguém ver. — Ele nunca teve tanta certeza de algo antes, a puxando para perto e a beijando mais uma vez, agora rapidamente. — Você será a prova de que há vitórias que se pagam

com dor, de que no amor e na guerra tudo vale. Somos o amor entre o ódio, beijos em guerra, minha princesa, minha Bea.

— Thiago... — ela sussurrou e parou, parecia estar sem fôlego, tentando entender tudo o que ele estava dizendo. Ele a havia bombardeado com frases lindas e de amor, vindas direto de sua alma. Nem ele sabia ser capaz de sentir tanto por alguém. — O que está dizendo?

— Estou dizendo que te amo, princesa. Estou dizendo que estou apaixonado por você e que devemos ficar juntos por todo o tempo que pudermos. Estou dizendo que eu sempre soube que seus beijos matam e que morrerei de amor. — Ele traduziu a frase que disse antes, roçando os lábios nos dela. — *Te quiero...* — sussurrou de novo. — Para mim, nunca foi um jogo entre nós... bem, talvez no começo, antes que eu me desse conta da imensidão do que sinto.

— Thiago, se isso for uma mentira, se for apenas para me seduzir...

— Não é mentira. O que te faz pensar que eu te amar seria mentira? Eu te amo, Beatrice. *Te amo, te quiero, I love you, ich liebe dich, je t'aime...* — ele sussurrou que a amava em todas as línguas que

conhecia, cobrindo o rosto dela com pequenos beijos, se surpreendendo ao sentir o sal de uma lágrima.

— É um sonho, não é? — ela sussurrou, outra lágrima caindo. — Daqui a pouco eu vou acordar e você vai estar longe de mim e não terei mais um coração remotamente inteiro.

— Ei, abra os olhos — ele sussurrou, tocando o rosto dela e secando as lágrimas com os polegares. — Não é um sonho, é a mais pura realidade, minha princesa. Eu te amo e vou amar até não poder mais. Até o dia em que eu morrer. Seremos só nós dois, sem coroa e sem países, quando ninguém estiver observando. Iremos aproveitar esta curta temporada o máximo que pudermos, para que a vida inteira tenhamos essas doces lembranças. — Ele segurou o rosto dela, o olhar a queimando.

— Eu amo você — ela sussurrou e o beijou, se entregando de vez.



Se fosse um sonho, ela mataria quem a acordasse. Queria aquilo, queria Thiago, mais que tudo que já havia desejado na vida inteira. Ele ergueu suas pernas, a pressionando contra a porta

PERIGOSAS ACHERON

enquanto a beijava, enrolando as pernas dela em sua cintura.

Thiago subiu as mãos pela cintura dela até o decote do vestido, o puxando para baixo e libertando os seios dela do corpete, arrancando dela um arrepio quando o ar frio da adega entrou em contato com a sua pele, os mamilos rígidos implorando por um toque, por ele.

E é claro que ele não a deixou esperando, cobriu o mamilo dela com a boca, sugando com força, sem paciência para ir devagar. Ela entendia, haviam esperado demais por aquele momento, desde o dia do labirinto. Seu corpo reagiu de imediato ao toque dele e ela apertou as pernas em volta dele, o puxando para perto. Não conseguia senti-lo através de todos aqueles tecidos, mas sabia que ele estava tão excitado quanto ela. Era óbvio que estava, pela forma como lambia, sugava e mordida seu mamilo, a puxando mais para si, as mãos apertando suas coxas, deslizando por dentro das camadas de tecido. A força com que ele a apertava provavelmente deixaria marcas, mas ela não se importava, queria aquelas marcas secretas, aquela sensação de pertencer a ele.

Ela gemeu, as mãos nos cabelos dele,

puxando, o apertando contra si. Começou a se remexer de excitação, tentando ficar mais próxima dele, ouvindo uma risada contra seu peito.

— Está tentando me enlouquecer, princesa?

— Ele fez uma pausa, dando mais uma mordida. — Saiba que está conseguindo.

Ela apenas sorriu, jogando a cabeça para trás, batendo-a contra a porta, quando sentiu as mãos dele subindo mais, uma mão deslizando até seu cerne e a tocando ali, onde tanto o queria. Soube com o toque dele que estava úmida, assim como no dia do labirinto, talvez, até mais. Dessa vez não era apenas seu corpo que estava excitado, era sua alma também. Era seu coração, sua mente, seu tudo, estava entregue a ele.



Thiago a tocou como queria, com calma, saboreando cada pequeno gemido e arquejo que ela soltava, se aproveitando de cada remexida de Beatrice para aumentar a pressão. Um de seus dedos encontrou o caminho certo e a penetrou, fazendo com que ela arregalasse os olhos. Ele deu um meio sorriso, se inclinando e a beijando para que ficasse quieta enquanto começava um lento vai e- vem com o dedo, em seguida adicionando um

PERIGOSAS ACHERON

segundo. Queria que ela estivesse pronta quando finalmente fosse seu membro a penetrá-la. Queria que ela o tivesse dentro de si, sem dor, sem desconforto, da melhor forma que fosse possível.

Aumentou a pressão dos dedos, sentindo o quão perto de gozar ela estava. Ótimo. Queria vê-la se desfazer uma, duas, quantas vezes pudesse. Queria ouvi-la gritando seu nome e se entregando a ele, queria observar cada traço facial dela se curvar de prazer.

— Olhos abertos, princesa — ele sussurrou, mantendo os movimentos com os dedos, enquanto o polegar encontrava o lugar mais sensível um pouco acima, fazendo-a dar um gritinho enquanto perdia o controle. E ela manteve os olhos abertos, olhando diretamente nos dele, arregalados, enquanto suspirava com o prazer que sentia. Thiago sorriu, um sorriso amplo e cheio de malícia, cobrindo a boca dela de beijos para calar os gemidos antes que alguém os ouvisse, lentamente tirando os dedos dela e os levando à boca. Deliciosa, salgada, sua. — Um dia ainda irei lhe provar direto da fonte, princesa.

Aquele pensamento causou arrepios nos dois.

Como sabia que não aguentaria muito mais, Thiago a puxou da porta e a deitou no chão da adega, sabendo que nenhum dos dois aguentaria esperar chegarem a um quarto e ergueu as saias dela, em seguida, desamarrando a própria calça.

— Espere — ela pediu, segurando o pulso dele, e seu coração parou. — Deixe que... que eu faça isso — ela pediu e ele foi ao céu e ao inferno, ao mesmo tempo. Assentiu, soltando as amarras e deixando que ela mesma se sentasse no chão e desamarrasse as calças dele, puxando fio por fio e em seguida as descendo até o joelho, puxando as ceroulas dele junto. Ela soltou um suspiro de surpresa ao vê-lo ali, tão perto, tão ereto, pedindo por ela.

Thiago não fez nenhum movimento, deixando que ela o observasse por quanto tempo quisesse e, então, gemeu ao sentir os dedos dela o tocando, explorando sua extensão, um polegar circulando a ponta, com cuidado. Ele a viu inclinar a cabeça para o lado um pouco, fascinada, enquanto o tocava com as pontas dos dedos.

— Como eu... faço o que você fez em mim? — ela perguntou, numa inocência tão linda que ele quase se desfez ali mesmo, mas pela graça divina

ele conseguiu segurar.

— Deixe que eu lhe mostro... — Ele segurou a mão dela, envolvendo-a em seu membro e mostrando um movimento repetitivo de subir e descer, mostrando a ela como fazer. Quando soltou a mão dela, Beatrice continuou apertando um pouco e seguindo o movimento, o enlouquecendo com seu toque. Ele segurou o pulso dela e a fez parar. Ela ergueu o olhar e ele sorriu, piscando um olho. — Em outra ocasião, princesa. Hoje eu não quero me desfazer em seus dedos.

— Se desfazer... ah! — Ela entendeu, ficando cor-de-rosa e dando uma risadinha. Era a coisa mais linda que ele já havia visto. — Entendi. Da próxima, então. — Ela sorriu, olhando para ele. Thiago se inclinou, a beijando novamente, um beijo cheio de luxúria e desejo, com força, enquanto a deitava no chão e se posicionava entre as pernas dela.

— Isso pode doer um pouco — ele avisou.

— Não me importo. — Ela sorriu, tocando o rosto dele, enroscando os dedos em seu cabelo. — Eu te amo.

— *Te quiero, mi princesa* — ele sussurrou, mordiscando o lábio dela e se movendo lentamente,

a penetrando. Sentiu uma pequena resistência no mesmo momento que ela ofegou, mas não parou. Imaginava que seria pior se parasse, então apenas se moveu devagar, até estar por completo dentro dela. Começou a se mover lentamente, para frente e para trás, vendo-a de olhos arregalados.

— É... estranho — ela admitiu, com uma risadinha. — Mas um estranho bom... ah, muito bom. — Ela suspirou, se remexendo um pouco e ofegando ao fazer isso. Ele sorriu de lado, vendo que ela havia gostado e segurou a sua cintura, fazendo com que ela rebolesse. Beatrice gemeu, apertando os ombros dele.

— Um dia teremos de tentar com você por cima, princesa — ele sussurrou, entre uma estocada e outra, sentindo-a se mover por conta própria agora, os quadris se pressionando contra ele.

Thiago sentia que estava a cada segundo mais próximo, e deslizou uma mão entre os dois, a tocando novamente onde ela mais gostava, arrancando gemidos mais altos. Para o inferno se alguém os ouvisse, ele precisava daquilo, daqueles gemidos, do som dela.

Quando a sentiu se contraindo, ele perdeu o controle, com mais duas estocadas erráticas e então

se derramando dentro dela, um gemido rouco escapando de sua garganta, enterrado tão fundo nela que quem o tirasse de lá seria nomeado o próximo rei Arthur. Ele riu com esse pensamento, riu de pura felicidade e a beijou no rosto, várias vezes. Seu nariz, sua testa, suas pálpebras, bochechas e lábios. A beijou incontáveis vezes, enquanto ambos recuperavam o fôlego e, só então, saiu de dentro dela, caindo deitado ao seu lado.

Estavam ofegantes, deitados juntos, felizes.

— Isso foi... maravilhoso! Doeui e creio que essa ardência continuará por um tempinho, mas foi tão... bom! — Ela suspirou, se virando e deitando por cima dele, o beijando. — Eu amo você.

— Assim como eu amo você. — Ele sorriu, segurando a cintura dela e se sentando com ela sobre ele. — Sabe, se não estivéssemos numa adega e você não estivesse dolorida, em alguns minutos poderíamos tentar aquilo que eu falei de você por cima...

— Da próxima. — Ela sorriu, beijando-o mais uma vez e se levantando, cambaleando um pouco, as pernas bambas. Ele riu, se levantando também e puxando as calças para cima, as amarrando de volta e se aproximando dela,

puxando o corpete dela. Se inclinou e deu um último beijo no seio dela antes de cobri-lo e ela deu uma risadinha. — Se despedindo?

— Por enquanto. — Ele deu um meio sorrisinho, puxando as saias dela para baixo e a arrumando. Nunca havia feito essa parte antes, nunca havia ajudado uma mulher a se recompor... nunca havia *feito amor*. Era sempre sexo, sempre carnal. Até ela chegar, sua vida não tinha sentimento. Puxou-a para perto e a beijou, agora com calma, com ternura. — Amo você... E agora é melhor irmos, antes que alguém nos encontre aqui.

— Eu saio primeiro. — Ela sorriu, ficando na ponta dos pés e roubando um último beijo rápido dele. — *Te quero...* é assim que fala?

— É sim. — Ele sorriu, tocando o rosto dela. — Agora vá. Nos vemos novamente depois.

Ela sorriu e saiu ligeira, deixando para trás um Thiago sorridente e mais feliz do que jamais fora um dia.



Já fazia três dias e Beatrice ainda estava nas nuvens. Estava mais que apaixonada por Thiago, principalmente depois do que fizeram e do carinho que ele teve, e aquele discurso... Ah! Foi maravilhoso, ela ainda estava encantada.

Estava agora andando pelo corredor quando o viu. Havia mais pessoas por ali, então não puderam parar e se cumprimentar, apenas se olharam. E quando se encontravam assim, era como se o mundo não se movesse e tudo, além deles, fosse mentira. Ambos seguiram seu caminho, seguindo seu castigo de fingirem ser inimigos, mas ambos com o coração mais quente por terem se

PERIGOSAS ACHERON

visto.

Ela sorriu sozinha, sem se importar com quem olhava, pensando no quanto as coisas haviam mudado. Se há um mês alguém lhe dissesse que se apaixonaria por seu maior inimigo, Bea nunca acreditaria e chamaria a pessoa de louca. Agora começava a pensar que a louca fosse ela, mas não se incomodava. Estava apaixonada pelo inimigo e isso a fazia feliz.

Ela continuou a andar pelos corredores, indo para seu quarto. Daria um jeito de encontrá-lo mais tarde, quando todo o castelo já estivesse dormindo. Por ora, ficaria apenas com a memória daquela noite maravilhosa que ela mal podia esperar para repetir. Ela sorriu sozinha outra vez, entrando em seu quarto e se jogando na cama, olhando para os amantes nos murais. Agora conseguia imaginar o que eles sentiam, qual era a sensação de estar perdidamente apaixonada.

Agora ela entendia o que Julieta sentiu, o que Isolda sentiu. Agora ela conseguia entender o que se passava na mente de alguém que fazia loucuras por amor, ela mesma havia feito algo louco e faria de novo, assim que tivesse oportunidade. Ela seria capaz de qualquer loucura

por Thiago e sabia que ele sentia o mesmo.

O amava com todas as forças que tinha. E as palavras dele continuavam girando em sua mente, aquele *te quero* delicioso e cheio de sotaque, os toques dele, as insinuações... Aquela havia sido, sem dúvida alguma, a melhor noite de sua vida inteira, a mais intensa, com mais significado. Thiago era seu tudo.

Voltou a pensar em Tristão e Isolda, e então pensou no noivo que chegaria em breve. Como contaria a Thiago? Já deveria ter contado, mas não teve a oportunidade. Como ele reagiria? Ou pior, como ela fingiria ainda ser donzela em sua noite de núpcias? Com certeza, não tinha uma criada como a de Isolda, que deu a própria virtude para proteger a da senhora, no escuro. E nem teria como forjar algo assim, considerando que precisaria passar por uma cerimônia de consumação. Ah, a cerimônia de consumação... “*Mal posso esperar*”, pensou, em tom irônico.

Era típico da realeza ter uma cerimônia quando casavam uma princesa, para garantir que o casamento era verídico e que qualquer herdeiro que viessem a ter seria realmente filho do marido. Normalmente, alguns membros da família e do

clero assistiam à cerimônia, algo completamente constrangedor e, na opinião dela, desnecessário. Entendia a existência, mas não achava mais algo necessário. Os lençóis manchados de sangue já deveriam ser suficientes, e ela precisaria pensar em algo para manchar os próprios na noite de núpcias.

Ainda estava pensando nisso quando sua porta foi aberta, com uma Mérida de olhos arregalados a abrindo.

— Méri, o que foi...?

— Seu noivo, Bea. Ele chegou.



Thiago ainda estava com Beatrice na mente, tinha a impressão de que ela nunca largaria seus pensamentos. Quando passou por ela mais cedo, ele não pôde deixar de pensar no que faria com ela quando a visse novamente a sós, quando a possuísse novamente. Thiago era um belo exemplo do efeito que uma única mulher podia ter num homem que costumava ser de várias. Ele não conseguia mais nem pensar na possibilidade de se deitar com outra, de ser de outra. Havia feito sexo incontáveis vezes, mas desde que fizera amor pela primeira vez, passou a ser inteiramente dela.

Beatrice não era dona apenas de seu corpo,
PERIGOSAS ACHERON

era dona de sua alma. Ele havia se tornado um tolo apaixonado e se orgulhava disso. Encontrou nela o que nunca soube que sempre quis. Todos os seus instintos iam contra se apaixonar, sua criação o ensinava que amar era uma fraqueza e que um Montello não podia ser fraco, mas seu amor por Beatrice era maior que todos aqueles ensinamentos. Seu amor por ela vinha de antes mesmo de ele nascer e existiria muito depois que estivesse morto. Seu amor por ela era a coisa mais forte que ele já havia sentido, pois ia contra tudo o que já conhecia.

Não conseguia tirá-la da mente nem tentando, era a primeira coisa em que pensava ao acordar e a última em que pensava ao dormir. Ela era toda sua vida, toda sua alma e ele se surpreendia em como tudo havia acontecido tão rápido. Daria um jeito de ficar com ela para sempre, custe o que custasse.



Bea ficou pálida, nervosa, assustada. Seu noivo já havia chegado? Tão cedo? Ela não podia acreditar. Engoliu em seco, se sentando na cama, encarando a amiga e criada.

— Ele chegou?

— Chegou. Está agora mesmo na sala do

trono, sendo recepcionado, eu vim correndo lhe contar. — Agora que ela notou que a amiga estava ofegante e com um semblante cansado. Ela suspirou, se levantando. — Sinto muito, princesa.

— Eu sabia que esse dia chegaria. — Beatrice suspirou, abaixando a cabeça. — Só não esperava que fosse tão cedo. Queria, ao menos, ter tido tempo de contar para Thiago, antes que ele chegasse, de avisá-lo que estou comprometida com outro.

— Seus olhos brilham quando fala nele. — Mérida sorriu. — Tem certeza de que não há outra maneira, uma em que possa seguir seu coração?

— Se seguirmos nossos corações, nós acabaremos mortos. Assim como Romeu e Julieta, Tristão e Isolda.

— Eu não conheço a história completa desses dois, princesa. Só sei um pouco sobre Tristão e Isolda, por causa do mural...

— São dois casos de amantes proibidos, que acabam mortos por seguirem seus corações e procurarem ficar juntos de um jeito ou de outro, e só encontram alento na morte... Romeu e Julieta têm a ajuda de uma ama, que acaba morta também. Não quero esse destino para nós. — Ela suspirou

outra vez, nervosa. — Acho melhor me recompor e ir conhecer meu noivo.

— Quer que eu dê algum recado ao príncipe Thiago?

— Apenas... apenas diga a ele que precisamos conversar mais tarde, sim?

— Certo. — A criada assentiu e saiu do quarto, deixando Bea sozinha. Ela suspirou, andando até sua penteadeira e olhando seu reflexo. Os olhos estavam fundos, tinha um aspecto de choro e estava pálida. Bufou, pegando uma escova e penteando os cabelos, única parte que poderia consertar rapidamente.

Se levantou, alisando as saias do vestido e respirando fundo antes de sair porta afora. Andou sem pressa alguma até a sala do trono, uma vontade absurda de voltar atrás durante todo o percurso, mas não podia, precisava cumprir suas obrigações como princesa, filha e herdeira. Precisava ir até lá e falar com seu noivo, maldito fosse.

Chegou na sala do trono e viu o homem conversando com o Imperador e a Imperatriz. Só podia ser ele. Alto, robusto, com os cabelos raspados e rentes à cabeça. Ela apertou um pouco a vista para enxergar mais detalhes, ele usava um

traje azul escuro, e era branco como a lua, um exato oposto da pele morena e quente de Thiago. Respirou fundo uma última vez e se aproximou, com um sorriso educado e forçado no rosto.

— Boa tarde, majestades — ela cumprimentou o Imperador e a esposa, com um sorriso um pouco mais sincero. — Uma criada disse que havia visita para mim.

— Creio que estivesse se referindo a mim, alteza. — A voz dele era doce, carregada de sotaque inglês. — Lorde Marke da Cornualha, ao seu dispor. — Cornualha?! Assim como o Marc de Tristão e Isolda? O mundo só podia estar conspirando contra ela.

— É um prazer, Lorde Marke. — Sorriu um sorriso fechado, por pura educação. Queria sumir com ele de sua frente, fazê-lo deixar de existir para se ver livre da obrigação de se casar.

— Bem, vamos deixar que vocês dois conversem. Fiquem à vontade, o castelo é de vocês. — A Imperatriz sorriu, fazendo um gesto em direção à porta. Marke estendeu um braço à Beatrice, que aceitou relutante. Ele era frio, assim como havia imaginado.

— É realmente uma honra lhe conhecer,

alteza. — Ele sorriu, começando a caminhar com ela pelos corredores do castelo. — Imagino que não seja assim que gostaria que fosse, mas me sinto honrado em ser seu noivo e prometo fazê-la feliz, como for possível.

— Eu sempre soube que seria assim — ela comentou, sem dar muita atenção à promessa dele. — Mas obrigada, me agrada saber que se importa com a minha felicidade. — “*Caso se importasse mesmo, me libertaria desse compromisso tolo*”, pensou ela.

— Claro que me importo, serei seu marido, seu rei e, você, minha rainha. — Ele sorriu, sendo simpático e, no fundo, falava sério, mas Beatrice não conseguia simpatizar pelo homem, não, estando apaixonada por outro.

— Está ansioso para ser rei, imagino.

— Mais ansioso para ser seu marido. — Ele deu um sorriso, piscando um olho. — Tenho certeza de que me ensinará tudo o que for preciso para governar ao seu lado.

— Claro. — Ela deu um sorriso fraco, engolindo em seco. — Me fale sobre você. Soube que seu pai é amigo da rainha Louise?

— Sim... amigo é um modo de dizer. — Ele

sorriu. — Eles são muito próximos, fui criado no castelo. Nasci numa data próximo a um bebê que a rainha perdeu, então ela sempre me viu como a um filho, e como minha mãe morreu no parto, ela foi quase uma mãe para mim. Fui criado próximo da princesa Lara e do bastardo do rei, Brandon. Creio que ele também esteja aqui, mas ainda não o vi, cheguei e vim direto falar com o Imperador. — Ele se virou para Bea, um sorriso simpático demais no rosto, agradável demais para o que ela estava acostumada. — Me fale sobre você, alteza.

— Bem... — Ela mediu bem as palavras que diria. — Eu tenho uma irmã, Theresa, nenhum bastardo nem irmãos de criação. Sou a mais velha, é claro, e fui criada para ser rainha. Gosto muito da cor vermelha e meu livro preferido é Tristão e Isolda.

— Sêrio? — Ele ergueu uma sobrancelha. — Eu nunca gostei muito da história deles, sofrimento demais para o meu gosto. E tive muita pena do rei Marc, meu quase homônimo, por ter sido traído daquele jeito. Eu não perdoaria tão facilmente uma traição daquelas, vindo logo de alguém em que confiava tanto. — Ele deu de ombros, enquanto continuavam a caminhar. “É

claro que você se identifica com ele”, Beatrice pensou, dada a ironia da situação. Ela havia se tornado Isolda, com um Marc que não perdoaria suas traições.

— É uma forma de ver a situação. Mas o amor de Isolda e Tristão era tão imenso, que eu não me imaginaria ficando entre os dois. Abriria mão do que fosse para deixá-los serem felizes — ela comentou, desconfortável com o assunto.

— Pois eu preferia ser protagonista de uma grande história de amor, do que apenas um figurante na vida de terceiros. — Ele sorriu, certo de que os dois poderiam viver um grande amor. Pobre coitado, mal sabia ele que já era não só o figurante como um dos maiores empecilhos em uma das histórias de amor mais desafiadoras que o mundo já vira.

— Entendo. — Ela sorriu, sem muito ânimo e suspirou, forçando uma expressão falsa de dor. — Bem, eu estou me sentindo um pouco indisposta, com dor de cabeça, se puder me dar licença...

— Eu a acompanho até sua porta — ele disse de prontidão, e ela conteve a vontade de gritar que não, apenas sorrindo e assentindo.

— Obrigada — ela agradeceu como a

educação mandava, caminhando com ele em silêncio até chegarem à porta de seu quarto. — Chegamos.

— Descanse, alteza. Espero que melhore logo, para podermos conversar mais.

— Claro. — Ela forçou um sorriso, observando enquanto ele beijava sua mão. — Até mais.

— Até mais, alteza — ele se despediu e ela entrou no quarto, bufando de raiva e frustração ao fechar a porta.

Precisava falar com Thiago, mas antes de tudo precisava do toque e do calor dele para amenizar o frio de Lorde Marke, precisava do toque do seu Thiago. Teve uma ideia que considerou brilhante, de surpreender Thiago em seu quarto. Seria mais fácil contar tudo depois que os dois estivessem aplacado o fogo que os derretia desde a última vez que se viram, seria mais fácil falar quando estivessem em paz. Sorriu, sozinha, abrindo a porta devagar para garantir que não tinha ninguém ali fora e foi andando a passos ligeiros até o quarto dele. No caminho, encontrou Mérida e pediu a ajuda dela para cumprir seu pequeno plano, e entrou no quarto. Em breve, ele chegaria e ela

PERIGOSAS NACIONAIS

estaria esperando.

PERIGOSAS ACHERON



Mérida, a criada amiga de Beatrice, havia avisado a Thiago que sua amada queria falar com ele, mas ele não a encontrou em nenhum lugar do castelo. Havia procurado no quarto dela, na sala de jantar e nos labirintos. Procurou na adega e depois procurou pela criada para ver se esta tinha alguma ideia da localização de sua Bea, mas também não a encontrou. Suspirou, frustrado, por não a ter encontrado. Se ela queria falar com ele, deveria ser algo grave, para mandar chamá-lo assim.

Já estava ficando tarde e ele estava cansado, então, decidiu voltar ao seu quarto, se deitando na cama. Estava chutando os sapatos para longe

PERIGOSAS ACHERON

quando ouviu um barulho no quarto de banho e ergueu uma sobrancelha, não havia pedido para lhe prepararem um banho. Se levantou, de cara feia, indo ver o que era, e surpreendendo-se ao encontrar uma Beatrice maravilhosamente nua em sua banheira.

— Ah, você está aqui. Pensei que nunca fosse chegar. — Ela deu um sorrisinho, coberta de espuma, suas partes mais interessantes impossíveis de se ver.

— Bea, meu amor, o que...

— Surpresa! — Ela sorriu, os cabelos molhados caindo no rosto, o olhar focado nele. Então era isso que ela queria? — Eu tive um dia estressante e imagino que você também, então pensei em relaxarmos juntos... não gostou?

— Não gostei? Bea... *tú me dejas loco*. — Ele balançou a cabeça, começando a desabotoar o colete.

— Ótimo. — Ela sorriu, um sorriso sedutor e lindo que quase o derreteu inteiro. Thiago já estava duro só com a visão dela ali, esperando por ele na água. Jogou o colete em um canto e puxou a camisa pela cabeça, a largando no chão. Ela abriu um sorriso maior, mordendo o lábio inferior,

enquanto observava-o tirar as roupas. — Você é lindo, sabia?

— Não mais do que você. — Ele deu um sorriso, desamarrando as calças e as abaixando junto com as ceroulas, ficando, pela primeira vez, completamente nu em frente a ela. Bea deu um sorriso, sem esconder os olhos arregalados, passando a língua nos lábios. Diabos, ela o mataria antes mesmo de tocá-lo.

Thiago se aproximou da banheira a passos rápidos e quando estava chegando perto, ela se levantou, dando espaço a ele, e Thiago congelou onde estava, fascinado por ela. Era linda, perfeita, sua. Os seios não eram exagerados e cabiam perfeitamente em suas mãos e boca, a cintura fina e as curvas que a acompanhavam. Ele desceu os olhos lentamente, parando no pequeno amontoado de pelos castanhos e dando um sorriso de lado, se aproximando mais e entrando na banheira, puxando-a para junto de si.

Não falaram nada, não precisavam de palavras, apenas a beijou, demonstrando com a língua todo o desejo que sentia, percorrendo a boca dela como gostaria de percorrer o corpo inteiro, honestamente nem se incomodaria com o gosto de

PERIGOSAS NACIONAIS

sabão. Ela o tocou no peito, o empurrando e fazendo com que se deitasse na banheira, se sentando por cima dele, roçando a intimidade em seu membro, se apoiando com as mãos em seus ombros. Thiago murmurou alguma coisa inaudível, provavelmente um gemido.

— Você disse que da próxima vez, eu estaria por cima... — Ela praticamente ronronou, se movendo devagarinho sobre ele, o provocando. Thiago gemeu outra vez, agarrando a cintura dela e ajudando com o movimento. — Me mostre como, meu amor. Me ensine a ser sua — ela sussurrou, fazendo como ele fazia com ela e mordiscando sua orelha, dando beijinhos de leve. Thiago se arrepiou inteiro, apertando mais a cintura dela.

— Está indo muito bem para uma principiante. Quando tiver mais prática, temo que não sobreviverei aos seus encantos — ele sussurrou, erguendo uma mão e tocando-lhe o rosto, espalhando um pouco de espuma na bochecha dela. Foi descendo a mão por seu pescoço, indo até os seios e circulando um mamilo com o polegar, fazendo-a gemer baixinho e se remexer sobre ele, o fazendo revirar os olhos nas órbitas. Ela era boa, muito boa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Me mostre como...

— Ainda não, princesa. — Ele sorriu, mordiscando a orelha dela, sentindo o cheiro de sabão em seus cabelos molhados. — Vamos com calma... aproveitar cada segundo deste momento.

Beatrice sorriu quando ele disse isso, arfando ao sentir a outra mão dele descer além de sua cintura, procurando os cachos castanhos e o que se escondia entre eles, a tocando onde ela mais o desejava. Bea suspirou, arqueando o corpo um pouco para trás e se entregando ao corpo dele, deixando que ele a mostrasse onde estava o próprio prazer. Thiago seguiu o ritmo de carícias que já havia aprendido que ela gostava, provocando devagar, aumentando um pouco a intensidade e voltando ao ritmo lento, seguindo essa pequena tortura até ela estar implorando.

— Thiago, por favor...

— Ainda não, princesa. Só quando eu estiver dentro de você — ele sussurrou, dando-lhe um beijo em sua orelha e a puxando um pouco pelos cabelos, colando suas bocas e a beijando com força, com desejo, a derretendo por inteira. Ela suspirou, se movendo sobre ele, pressionando seu corpo contra o dele, gemendo baixinho.

PERIGOSAS ACHERON

Ele a ajudou, segurando o próprio membro e o posicionando contra ela e, então, a descendo sobre toda a sua extensão, enquanto ela arregalava os olhos e ofegava.

— E agora? — ela perguntou, parada com ele dentro dela, o olhando nos olhos, com uma expressão de prazer tão grande que quase o desfez.

— Agora você se mexe, princesa. Lembra como eu fiz? — Ela assentiu. — Faça igual. Assim. — Ele segurou a cintura dela, a erguendo e então abaixando novamente, mostrando o movimento exato que ela deveria fazer, e Beatrice apenas suspirou, se segurando nos ombros dele. Ele a soltou e ela ficou parada mais um pouco, até que começou a se mover por conta própria, as mãos apoiadas no ombro dele.

Ela o apertou com força, as unhas cravadas em sua pele enquanto subia e descia, num movimento lento, aprendendo como gostava, como fazê-lo gostar. Mal sabia ela que só por estar ali, Thiago já estava à beira de explodir, se segurando apenas para senti-la antes. Não se entregaria antes dela, nem que precisasse se segurar com todas as suas forças.

Soltou a cintura dela, subindo as mãos até os

seios e rodeando os mamilos rígidos com o polegar, num carinho cheio de doçura e prazer, pressionando os polegares quando ela fazia algum movimento especialmente cruel, daqueles que o deixavam louco.

Beatrice estava aprendendo maravilhosamente bem e, em breve, seria ela fazendo-o implorar, ele não tinha dúvidas. Agora mesmo estava à beira de implorar que ela aumentasse o ritmo, que ela o possuísse de vez e o levasse ao êxtase, juntos.

Quase não estava aguentando mais quando ela aumentou o ritmo, gemendo alto e segurando um pulso dele, empurrando a mão dele mais para baixo. O olhou nos olhos, um pedido silencioso, e ele entendeu. Thiago a tocou, circulando o polegar no centro de seu prazer, ouvindo-a gemer uma última vez, enquanto se desfazia nos braços dele, finalmente permitindo que ele se desfizesse num gozo forte, gemendo o nome “Beatrice”, sendo inteiramente dela.



Beatrice ainda estava se recuperando, suspirando de prazer, envolta nos braços dele. Thiago sorria, com o rosto afundado nos cabelos

PERIGOSAS ACHERON

dela. Ela, com pouca dificuldade se ergueu uma última vez, para ele sair de dentro dela, e voltou a desabar sobre ele, exausta. Ele riu, beijando os cabelos dela.

— *Te quiero, princesa* — ele sussurrou, beijando o seu rosto várias vezes, erguendo o queixo dela e a beijando nos lábios.

— Te amo, meu príncipe. — Ela sorriu, dando um beijinho rápido nele e se afastando um pouco, sorrindo. — Pronto para sair da banheira?

— Pensei que fôssemos tomar um banho. — Ele riu, a virando na banheira e a deixando de costas para ele, pegando uma esponja que ficava ao lado e começando a esfregar lentamente as costas dela.

— Assim você me deixa mimada — ela sussurrou, fechando os olhos.

— O objetivo é esse. — Dava para sentir o sorriso na voz dele, enquanto ele deixava de lado a esponja e fazia uma concha com as mãos, jogando água nas costas dela. Beatrice manteve os olhos fechados, completamente relaxada, confiando cegamente em Thiago. Ele deslizou as mãos lentamente pelo corpo dela, ensaboando levemente os seios, ainda sensíveis, rindo do arrepio que ela

sentiu.

Continuou a lavá-la com todo o carinho do mundo, uma recompensa por tê-lo feito tão feliz nesse curto tempo em que estavam juntos. Ela sentiu um arrepio, agora de frio e ele sorriu, se levantando e puxando-a para si.

— Vamos, princesa. Antes que adoeça na água fria. — Ele sorriu, saindo da banheira e trazendo-a consigo. Beatrice estava tão mole que mal sentiu ser praticamente carregada até a cama dele, onde a deixou sentada, enquanto pegava uma camisa dele no baú e a vestia, fazendo-a sorrir.

— Thiago, eu não posso ser vista usando uma camisa sua.

— Você dormirá aqui hoje, tolinha. — Ele sorriu, beijando a testa dela.

— Mas nós precisamos conversar...

— Conversaremos amanhã.

— É um assunto sério.

— Nada é tão sério quanto você. — Ele sorriu, beijando o rosto dela e puxando-a para se deitar ao seu lado. — Nada de assuntos sérios por hoje, princesa. Vamos falar de coisas boas, como carinhos e beijos.

— Você vai me deixar muito mal-

acostumada. — Ela sorriu, se encolhendo ao lado dele, que riu e a beijou no rosto, puxando-a para seu peito. — Muito mesmo.

— O objetivo é esse, princesa. Agora, durma — ele sussurrou, beijando a testa dela mais uma vez. — Eu vou estar bem aqui quando acordar.

— E então conversaremos?

— E então conversaremos. — Ele sorriu, beijando-a no rosto e se levantando, vestindo uma camisa de dormir e voltando a se deitar. Ela ergueu uma sobrancelha, sonolenta. — Estou com frio. — Ele deu de ombros e ela riu baixinho.

Ele puxou uma coberta sobre os dois, se aconchegando junto a ela, as pernas entrelaçadas embaixo das cobertas, o rosto dela em seu peito, o cheiro doce de seus cabelos junto de seu nariz.

Thiago adormeceu rápido, mas Beatrice, mesmo sonolenta, ainda aguentou um pouco, se virando com cuidado para olhar para ele, vendo o quão lindo ele ficava ao dormir. Era fascinante, na verdade. Os cabelos dele lhe davam um ar jovial e ele não parecia ter mais que dezoito anos, um menino travesso e novo na vida. Era assim que ela se sentia com ele, uma garota nova e inexperiente, redescobrando a vida agora com alguém ao seu

lado.

Naquela noite, ela não queria pensar no noivo, nas tristezas ou preocupações, queria pensar apenas nele.

Num mundo ideal, eles se casariam, acabando a guerra entre seus países e começando um reinado novo, em conjunto. Teriam dois filhos, um menino e uma menina, seu herdeiro e sua princesa, provas vivas do amor que sentiam. Viveriam uma vida longa juntos, e quando já estivessem bem velhos, Thiago abdicaria do trono e deixaria o filho responsável, enquanto viajavam para conhecer as colônias novas e o mundo em um navio. Sim, em um mundo ideal tudo isso seria possível, mas não estavam em um mundo ideal.

Estavam no mundo real, onde ainda eram publicamente inimigos e não poderiam ter nada mais que momentos roubados quando ninguém os via. Estavam num mundo onde ela tinha um noivo do qual ele não sabia e no qual nunca poderiam se casar, sem iniciar uma guerra ainda pior do que a que já viviam. O mundo em que viviam era um mundo onde o amor não importava e, sim, as alianças políticas. Se, ao menos, fossem plebeus, seriam só os dois, sem coroa, mas a realidade era

dura e as coroas eram pesadas.

Ela suspirou baixinho, se aconchegando mais ao lado dele e tocando seu rosto, fazendo um leve carinho. “*Eu amo você*”, sussurrou para o Thiago adormecido e acabou por adormecer também, sonhando com o mundo ideal.



Quando acordou, ele ainda estava dormindo e Beatrice aproveitou para se levantar com cuidado e ir buscar suas roupas na sala de banho. Se vestiu sozinha, se atrapalhando um pouco com os laços do corpete, mas, com algum esforço, ela conseguiu. Não calçou os sapatos, voltando para o quarto e se sentando na cama, observando-o dormir. Thiago parecia um anjo, dormindo com os cabelos bagunçados, e ela entrelaçou os dedos no cabelo dele, fazendo um cafuné, beijando de leve a testa dele. Era lindo.

Ele deu sinais de acordar e ela sorriu, aproximando o rosto do dele.

PERIGOSAS ACHERON

— Bom dia — ela sussurrou, vendo-o sorrir ao abrir os olhos.

— Bom dia. — Ele sorriu, roçando os lábios nos dela. — Dormiu bem?

— Como um a bebê. — Ela sorriu, voltando a fazer carinho na cabeça dele. — Amo você.

— E eu amo você. — Ele sorriu, beijando-a mais a fundo, aumentando a intensidade do beijo e segurando-a, resmungando quando percebeu que ela estava usando roupas.

— Eu precisava me vestir. — Ela sorriu, dando de ombros.

— Não precisava, não. Nós iremos passar o dia inteiro na cama, você só precisa usar seu corpete e talvez suas meias... — ele provocou, rindo, beijando-a mais uma vez. Beatrice ergueu uma sobrancelha, se aproximando dele e o puxando pelo pescoço.

— As meias?

— Você ficaria extremamente sedutora usando apenas meias e aquele corpete que aperta os seios. — Ele sorriu de lado, beijando-a outra vez.

— Eu adoraria, mas antes precisamos conversar...

— Odeio quando diz isso — ele murmurou,

PERIGOSAS NACIONAIS

suspirando e se sentando na cama, puxando o cobertor para cobrir a ereção que começava a se erguer.

— Está certo em odiar desta vez. — Ela suspirou, se sentando de novo e cruzando as pernas sobre a cama. — É um assunto sério.

— O que foi, Beatrice?

— Muito bem... Lembra-se de quando estávamos sem nos falar? Eu recebi uma carta dos meus pais. A carta falava sobre um lorde inglês, Marke da Cornualha, um candidato a casamento para mim.

— Um candidato? — Ele ergueu a sobrancelha, desconfiado.

— Bem, na verdade, ele já é meu noivo.

— O quê?! — Thiago elevou a voz, observando-a, se sentando melhor na cama. A ereção começava a murchar, o que era um péssimo sinal. — Bea, como pôde esconder algo assim?

— Não foi de propósito, eu queria te contar, mas então você veio com beijos e *te quiero*, e eu não pude resistir à tentação de me deixar levar pelo momento e me entregar e, depois disso, nós ficamos tão próximos que eu não queria estragar a situação. Mas ontem ele chegou aqui e...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ele está aqui?! — Thiago explodiu, encarando-a, os olhos a queimando. Beatrice se encolheu, assentindo.

— Está. Chegou ontem e eu ia te contar, mas quis te fazer uma surpresa antes, na esperança de que você fosse reagir melhor...

— Reagir melhor ao fato de que a mulher que eu amo está noiva de algum lorde da Cornualha?

— Sobrinho de consideração da rainha.

— Grande merda. Acha que me importa ele ser sobrinho da rainha? Ele roubará algo que é meu. Você é minha, Beatrice, e ninguém pode tirá-la de mim. — Ele soou possessivo, determinado. Ela se assustou.

— Thiago, eu não sou uma cabra — ela reclamou. — Não pertencço a você, nem a ele, nem a ninguém, além de mim mesma.

— Não foi o que eu quis dizer... argh! Você me entendeu, Beatrice. Eu sou seu e você é minha, temos que ficar juntos, venha o que vier. Não podemos nos separar assim.

— Não há nada que possamos fazer, Thiago. Marke é meu noivo e eu preciso aceitar... Mamãe quer que nos casemos aqui, na Germânia, para que eu volte para casa com uma escolta inglesa.

PERIGOSAS ACHERON

— Se casar aqui, comigo presente?! Para que, quer que eu seja um dos nobres na sua cerimônia de consumação? Como vai fingir a virgindade para ele, posso saber?

— Thiago! — Ela enrubesceu, os olhos arregalados.

— O que foi? Só estou dizendo a verdade, não deveria ter se dado para mim, estando noiva de outro. — Ele estava amargo, ácido como limão.

— Eu me entreguei por amor, você sabe disso! — Ela estava começando a se sentir frustrada pela reação dele. — O que eu poderia ter feito, Thiago? Negado a ordem de meus pais? Como se uma mulher tivesse essa opção. Eu sou forçada a fazer a vontade deles, e a vontade é que me case com Lorde Marke. Um aliado, de acordo com mamãe, forte o bastante para valer a pena, mas não o bastante para diminuir meu poder. Um quase príncipe, filho de um amigo íntimo da rainha.

— Espera... está falando de Marke, filho de Brendan, o suposto amante da rainha?

— Eu não sabia dessa parte. — Ela deu de ombros, sem se ater muito a esse fato. Não importava quem ele era, quem o pai dele era, Marke não lhe importava, Thiago sim.

— Agora tudo faz sentido. É claro que sua mãe, sendo uma bastarda, iria querer lhe casar com outro bastardo, manter a linhagem impura da família! — ele explodiu de vez, se levantando e jogando o lençol, indo procurar roupas na cômoda.

— Não fale da minha mãe! — Beatrice começou a dar sinais de que também iria explodir, começando a subir o tom de voz.

— Por quê? São vocês que escolheram ter uma linhagem impura, só estou atestando o fato.

— Falou como um verdadeiro Montello — ela resmungou, se levantando enquanto ele vestia as calças, irritada.

— E o que acha que eu sou, Beatrice?! Não posso negar o sangue que tenho, por mais que queira ser diferente, eu *sou* um Montello, sem dúvida alguma do sangue que eu carrego.

— Você é diferente, Thiago. Você não é como os outros Montello, você é mais puro de coração, você é melhor.

— Eu não posso falar da sua família, mas você pode falar da minha, é isso? — ele resmungou, os olhos fechados numa tentativa de se acalmar.

— Não é isso, Thiago... Vamos conversar

com calma, por favor.

— Não temos mais o que conversar. Você não é minha, Beatrice. Deveria ter me contado antes e eu nem a teria desonrado, se fiz o que fiz, foi com a esperança de que pudéssemos burlar as regras e encontrar um modo de ficarmos juntos, sonho do qual você claramente já desistiu.

— Desisti?! Acha mesmo que se eu tivesse desistido, eu teria vindo aqui, ontem à noite? Que teria me arriscado, nua, em sua banheira, com o perigo de algum criado me ver e espalhar boatos sobre nós? Acha que eu estaria aqui, agora, tendo esta conversa, se tivesse desistido de nós?!

— Acho! — ele gritou. — Acho que só queria uma trepada [\[BP1\]](#) de despedida. — Ele a surpreendeu pela palavra forte, fazendo-a se encolher onde estava. — Acho que só queria umazinha antes de me contar que, a partir de agora, será de outro. Me diga, Beatrice, você vai gemer o nome dele como gemeu o meu? Também fará surpresinhas para ele na banheira, também o tocará como se fosse o único homem do mundo? Vai deixar que ele tome meu lugar?!



A mente de Thiago estava se envenenando por pensamentos dela com Marke. Não sabia como ele era, mas imaginava um homem o oposto de si mesmo, branco demais, com cabelos de menos e nem um pouco merecedor da deusa que ele, até pouco tempo, tinha nas mãos.

Thiago não conseguia mais tirar da mente a imagem dela nos braços de outro, da futura cerimônia de consumação, onde ela se deitaria com ele pela primeira vez, na frente de todos os lordes importantes e ele, é claro, seria convidado. Seria o casamento de uma Castelleri, o pai faria questão que ele visse. E Thiago o odiaria por isso.

— Thiago...

— Só saia daqui, certo? Suma da minha frente, antes que eu faça algo do que eu me arrependa.

— Não faça assim, meu amor...

— Não sou seu amor, Beatrice. Sou só o imbecil que se apaixonou por você, sabendo que nunca poderíamos ter nada e, agora, isso foi confirmado. Se quiser um conselho, suma da minha vida e eu sumirei da sua. — Ele bufou, passando a mão pelos cabelos. Estava com o colete desabotoado e os cabelos bagunçados, mas não se

importou. — Muito bem, se não vai sair, saio eu. — E saiu do quarto, batendo a porta.

Não conseguia mais tirar da cabeça as imagens venenosas que se formaram, enquanto discutiam. Encontrou a criada Mérida no caminho e, sabendo que ela era para Beatrice como a ama era para Julieta, a pediu que lhe mostrasse quem era o tal lorde Marke. Precisava ver a face de seus pesadelos, precisava saber quem era o homem que a tiraria dele para sempre.

— Vossa Alteza, milady Beatrice sabe que está me pedindo isso? — a criada perguntou, com medo.

— Não importa se ela sabe ou não, o que importa é que eu lhe dei uma ordem e, a menos que queira ser posta para fora daqui, eu recomendo que me obedeça — ele ameaçou, a voz séria. Estava tomando medidas drásticas, realmente agindo como o maldito Montello que era.

— Sim, alteza — ela respondeu, assustada, assentindo e começando a caminhar. — Me siga. Eu o vi esta manhã no campo de treinamento, ainda deve estar lá. — Ele seguiu a criada em silêncio, parando ao chegar nos jardins perto dos campos de treinamento. Ah, sim, ele estava lá, soube que era

ele antes mesmo que ela falasse. — Ali está, o careca e pálido.

— Obrigado, Mérida. Pode ir. — A criada não pensou duas vezes antes de sair, quase correndo.

Thiago se aproximou do campo de treinos, sentindo a raiva lhe aflorar na pele, enquanto o inglês golpeava o boneco de treinamento. Foi então que lhe ocorreu como poderia expulsar sua raiva: socando ou, quem sabe, acertando alguns belos golpes no maldito Lorde Marke.

Se aproximou dele, tentando disfarçar a raiva óbvia que sentia. Sim, o maldito não tinha culpa, mas só de imaginar que ele seria capaz de tocar em sua Beatrice, Thiago não era capaz de se controlar.

— Com licença, bom dia. Se importaria de treinar comigo? Estou precisando de alguma prática. — Thiago sorriu, forçando uma educação que não queria ter. O inglês assentiu, com uma simpatia doce demais.

— É claro, amigo. — “*Eu não sou seu amigo*”, Thiago pensou. — Pegue uma espada, mas já aviso que sou muito bom em combate.

— Isso é o que veremos, “amigo”. — Thiago pegou a espada, que parecia a mais afiada do

estande e se aproximou do outro, em pose de combate.

Ele ergueu a mão da espada, começando com um golpe, surpreendendo o outro. Golpe após golpe, eles foram duelando, até que Thiago conseguiu deixar a espada no pescoço do inimigo. Deu um sorrisinho de canto, arrogante.

— Você luta bem, amigo. Revanche?

— Por que não? — Thiago ainda estava com a espada no pescoço de Marke, e custou a tirá-la, preferindo a ideia de cortar o pescoço dele, ali mesmo, honrando o sangue de Montello que tinha. Se alguém tentasse roubar Christine, é isso que Carllos faria.

Mas não o fez. Ele retraiu a espada e se pôs em posição de combate novamente, deixando que o opositor desferisse o primeiro golpe, assumindo uma posição mais defensiva. O barulho das espadas se encontrando acelerava seu sangue, o fato de estar vencendo o fazia lutar ainda melhor. Não era por qualquer besteira, era como se estivesse lutando por ela.

Acertou um golpe com o lado da espada no braço dele e novamente estava com a ponta da lâmina apontada para seu pescoço, um sorriso ainda

mais arrogante no rosto. O “amigo” sorriu, levando na esportiva e afastando-se da ponta afiada, assumindo novamente a posição de combate.

— Uma última vez, amigo? — Thiago estava começando a se irritar, mais ainda, por ser chamado de amigo por aquele qualquer, aquele ladrão de Beatrice. Aceitou, assumindo posição e erguendo a lâmina.

Essa terceira batalha foi mais forte, lutaram de verdade, desafiadora, ambos tentando realmente vencer. Thiago conseguiu o que queria, estava com outro nas mãos e, em um golpe desafiador, cortou o rosto do inimigo com a ponta da espada, o derrubando no chão. Estava cuidando disso quando ouviu um suspiro feminino de surpresa atrás dele.

Era Beatrice.



Beatrice pensou que Thiago mataria seu noivo. Quando os viu ali, duelando, por um minuto, ela até quis isso, mas se arrependeu de seus pensamentos quando o sorriso arrogante de um Montello surgiu no rosto de Thiago, enquanto ele fazia um rasgo no rosto de seu noivo. Ela ofegou, de surpresa e de medo, vendo-o se virar. O olhar dele parecia diferente, ensandecido.

— Acho que você se empolgou um pouco. — Marke manteve o bom humor, se apoiando numa mão e se levantando. O corte ia de sua testa até sua bochecha, e o sangue escorria pelo rosto, mas ele não parecia se importar. Thiago parecia irritado

PERIGOSAS ACHERON

com o modo dele de levar tudo na esportiva, e Beatrice se aproximou dos dois. Marke sorriu quando a viu. — Ah, minha noiva. Talvez já a conheça, Beatrice, de Portugal. — Marke sorriu, fazendo uma careta com a dor no rosto.

— Marke, venha comigo, sim? Precisamos tirar esse sangue de seu rosto e cuidar desse machucado. — Ela não se importava com o machucado dele, não mais do que se importaria com qualquer outro que visse ferido, mas precisava tirar ele dali, antes que Thiago fizesse alguma besteira. — Nos desculpe, alteza, mas terei que levar meu noivo comigo. — Ela mal olhou para Thiago, que simplesmente deu de ombros, o olhar amargo.

— Alteza? — Marke perguntou, enquanto andavam para longe. Ela assentiu. — Quem é ele?

— Príncipe herdeiro da Espanha.

— Ah — Marke disse, simplesmente. — Seu inimigo, não é?

— Sim. — Ela caminhou com ele pelos corredores, parando na porta de seu quarto, ignorando as criadas que passavam e olhavam assustadas para o rosto ensanguentado dele. — Entre. Irei cuidar de seu machucado. — Ela abriu a

porta e ele entrou, seguindo o gesto dela e indo se sentar na poltrona do quarto. Ela andou até sua bacia com água e molhou um lenço, se aproximando dele. — Isso irá doer.

— Sem problemas. Tenho as mãos de um anjo para me cuidar. — Ele sorriu, sendo doce demais para o gosto dela, e Beatrice apenas sorriu de volta, começando a limpar o rosto dele.

— Teve sorte de o corte ser apenas superficial, mas já vai deixar uma bela cicatriz — ela comentou, passando o pano molhado no corte e escorrendo o sangue na bacia de água. A situação estava um pouco feia e ficaria uma cicatriz. — Vou pedir a uma criada que traga alguma erva ou unguento para passar. Thiago não devia ter feito isso...

— Foi um acidente. Poderia muito bem ter sido eu a feri-lo, é o que acontece em duelos, minha dama. — Ele sorriu, fazendo uma careta com a dor.

— Mas não foi. — Ela suspirou, no fundo aliviada por Thiago não ter se ferido. Não sabia como reagiria se fosse ele. — Vou chamar uma criada, me espere aqui.

Ela andou até a porta, vendo Mérida parada ali, com cara de culpada.

— Meri? Estava escutando atrás da porta?

— Estava lhe esperando para me desculpar. Fui eu que mostrei à Sua Alteza onde lorde Marke estava, se eu soubesse o que ele iria fazer, eu não teria o levado lá, eu sinto muito... — Ela se atropelou com as palavras, falando rápido, com um pequeno toque de desespero.

— Méri, está tudo bem, não foi culpa sua — Bea a tranquilizou, tocando o braço da amiga. — Agora, me ajude e vá buscar algum unguento curativo, preciso tratar do corte de Marke.

— Ele realmente está aí? Algumas criadas comentaram, mas eu não sabia se deveria acreditar.

— Está sim. Agora vá e pegue as ervas, sim?

— Volto em um instante. — Mérida saiu correndo e Beatrice voltou para dentro, deixando a porta encostada.

— Pronto, a criada já vem com as ervas, unguentos ou o que for. Agora basta esperar. — Ela suspirou, olhando para o corte no rosto de Marke. Estava profundo, feio. — Sinto muito por isso ter acontecido.

— Ei, não foi culpa sua. Duelos acontecem, minha dama, é normal. — Ele segurou as mãos dela, com um sorriso simpático no rosto, uma gota

de sangue escorrendo pelo rosto.

— Eu só... sinto muito. — Ele não sabia, mas era culpa dela, sim. Thiago só havia feito aquilo por causa dela, Deus sabe se não o teria matado. Ele era realmente um Montello, ela não podia mais negar esse fato.

— Vai ficar tudo bem. — Ele acariciou os dedos dela, a reconfortando, sendo forte através da dor. Uma batida na porta a fez levantar e ir pegar com Mérida um pequeno vidrinho.

— Peguei com o médico do castelo, ele disse que é só passar essas ervas e o corte melhorará.

— Obrigada, Mérida. — Beatrice sorriu, voltando a fechar a porta e se aproximando novamente de Marke, abrindo o pequeno pote de vidro e pegando um pouco do unguento curativo. — Isso vai doer um pouco...

— Eu aguento. — Ele sorriu, inclinando o rosto de lado para que ela tivesse uma visão melhor do corte. Ele fez algumas caretas, enquanto ela aplicava o unguento, mas pareceu bem mais aliviado depois, relaxando o rosto e sorrindo para ela mais uma vez. — Obrigado pelos cuidados, minha dama.

— É o mínimo que eu poderia fazer. — Ela

limpou as mãos no vestido, manchando um pouco as saias claras e dando de ombros quando viu o estrago. Não importava.

— Não precisa agir assim comigo, minha dama. Pode ser verdadeira, sem toda essa etiqueta que está demonstrando ter. Somos noivos, não somos?

— Somos, é que... — ela suspirou, se sentando na cama —... eu não esperava que fosse ser assim, que eu fosse saber de um noivado através de uma carta e pronto. Não é nada contra você, mas eu esperava ter, ao menos, alguma voz na decisão.

— Eu também não gostaria que fosse assim, alteza. — Ele deu de ombros. — Não é como se eu tivesse tido muita escolha no assunto. Tia Louise e meu pai que decidiram que eu deveria me casar, e você foi a candidata ideal.

— Uma princesa solteira, que precisa de uma aliança que coloque medo nos espanhóis. Quem melhor do que o protegido da rainha inglesa? — A voz de Beatrice saiu amarga. Ela suspirou, olhando para ele.

— Sinto muito, minha dama. Mas precisamos dar um jeito com o que temos. Não tentarei lhe forçar a se apaixonar por mim, mas

podemos nos tornar, ao menos, amigos. Deus sabe que será mais fácil suportar este casamento arranjado se não nos odiarmos.

— Sim, tem razão quanto a isso. — Era um alívio para ela saber que não era a única a ser forçada a um compromisso indesejado. Se levantou, estendendo uma mão para ele. — Amigos?

— Amigos. — Ele apertou a mão dela, sorrindo. Marke se levantou da cadeira, soltando a mão de Beatrice e tocando o próprio rosto, com cuidado, sentindo as ervas ainda úmidas sobre o machucado. — O que acha de darmos um passeio pelo castelo, exhibir meu novo rosto?

— Acho uma boa ideia. — Ela sorriu, entrelaçando o braço ao dele e saindo juntos do quarto. — Podemos passar na cozinha e pegar algo para comer, se quiser.

— Ótimo, eu estou faminto. — Ele devolveu o sorriso, caminhando com ela.

— Então, me fale mais sobre seu pai e a amizade dele com a rainha. O quão próximos os dois são?

— Próximos o bastante para o rei Brian ficar com ciúme e existirem alguns boatos sobre meu pai

e tia Louise serem amantes. Boatos sem sentido, é claro, mas o que mais me revolta é Brian ter ficado com ódio de minha tia quando os boatos surgiram. Ele nem é rei por direito, só tem a coroa por ter se casado com ela, mas é claro que ele pode ter uma amante oficial, afinal, ele é o rei. — Marke revirou os olhos, a voz se alterando um pouco. — Tão injusto isso. Ele pode exhibir o bastardo a olhos vivos, mas pobre da rainha se tiver meros boatos dela com outro homem.

— É o mundo em que vivemos. Injusto, mas é. Quem sabe, anos e anos no futuro, as rainhas também possam ter amantes e se casar apenas por amor, sem alianças ou obrigações... enfim, não importa. Por ora, isso é impossível. Me fale mais sobre sua família, peço que me perdoe, mas eu nunca havia ouvido falar muito dos lordes da Cornualha.

— Somos uma casa pequena. — Ele sorriu, dando de ombros. — Meu nome completo é Marke Thorne, filho de Brendan Thorne e Evelyn Morgan. Não sei muito sobre minha mãe, já que ela morreu durante o parto e meu pai nunca a menciona, às vezes é como se ela nunca tivesse existido. Sou filho único, meu pai nunca mais se casou e nem

teve bastardos. Sou somente eu no mundo.

— Às vezes eu queria ser só também. — Ela deu uma risadinha, caminhando com ele pelos corredores do castelo, algumas pessoas direcionando olhares a eles. — Ter uma irmã é complicado, principalmente, sendo a mais velha e herdeira. Seria tão mais fácil se eu fosse a mais nova, ou se Thessa fosse um menino, assim, o trono não seria meu e eu não teria preocupações.

— E nem um noivado indesejado — ele provocou, sorrindo.

— Ao menos, eu ganho um amigo de bônus com o noivo. — Ela sorriu, forçando um pouco a animação. Seria melhor se fosse um amigo com quem ela não fosse ser forçada a se deitar todas as noites e produzir herdeiros.

— E eu uma amiga. — Ele sorriu de volta. — Realmente, sinto muito pela nossa situação, minha dama.

— Não sinta. Pode não ser muito boa, mas poderia ser pior. — Ela deu de ombros, vendo pelo lado positivo. Pelo menos, ele era amigável e, claramente, não estava apaixonado por ela, então ela não teria que carregar o peso de enganá-lo.

— É, tem razão quanto a isso. — Ele sorriu

e eles entraram na cozinha.

— Me espere aqui, vou pedir para alguma criada nos preparar uma cesta com lanches para levarmos ao jardim. — Ela sorriu para ele e foi até uma das criadas, que a atendeu de prontidão, preparando uma cesta com pão, queijos e até uma garrafa de vinho, com dois cálices. Beatrice sorriu, agradecida, e voltou ao seu noivo, começando a caminhar com ele em direção ao exterior do castelo.

— Queijos, pão e vinho?

— Foi o que conseguiram tão rapidamente.
— Ela deu de ombros e ele riu. — O que, vai dizer que não gosta de queijo?

— Adoro queijo. — Ele sorriu, metendo a mão na cesta e quebrando um pedacinho do queijo que estava mais em cima, o colocando na boca. Fez uma careta ao mastigar com a dor do corte no rosto, mas sorriu novamente.

— Tem certeza de que seu rosto está bem?
— ela perguntou, preocupada.

— Estou bem, minha dama. Com o rosto um pouco danificado, mas contanto que não a cause desgosto, ficarei bem. — Ele piscou um olho, sorrindo.

— Desgosto? Parece não entender muito de mulheres, milorde. Cicatrizes dão um charme especial de guerreiro, ao qual nenhuma dama consegue resistir. — Ela deu uma risadinha, se lembrando de algo que Thessa havia dito uma vez.

— Entendo mais do que a senhorita imagina, mas não sabia quanto a esse detalhe. Talvez eu devesse ter me arrumado uma cicatriz anos atrás. — Ele riu e pareceu ter algo por trás daquela risada, mas ela não se importou muito.

— Talvez devesse. — Ela riu também, tentando com todas as forças apagar o pensamento rápido de que aquela cicatriz seria sempre uma mancha de Thiago entre os dois, seria sempre a presença dele. — Venha, por aqui, tem um pedaço de grama na entrada do labirinto onde podemos nos sentar.

— Mostre o caminho. — Ele fez um gesto, a mandando ir na frente, e ela sorriu, caminhando até o local que falou. Se sentaram na grama, ela com os joelhos dobrados, sentada sobre os calcanhares, as saias se esparramando à sua volta. Ela colocou a cesta entre os dois e tirou o vinho e os dois cálices, fazendo alguma força e puxando a rolha. Ele ergueu uma sobrancelha. — Eu poderia ter lhe

ajudado.

— Gosto de achar que sou capaz de me virar sozinha. — Ela sorriu, colocando o vinho nos cálices e deixando a garrafa de lado, a posicionando na cesta para que não virasse e derramasse. Entregou um cálice a ele e ergueu o que tinha em mãos. — Um brinde, à nossa amizade!

— À nossa amizade! — Ele sorriu, erguendo o próprio cálice de encontro ao dela. Enquanto ambos riam e conversavam, nenhum notou que, ao longe, Thiago os observava.



Ela o havia usado, seria isso? Thiago não conseguia encontrar outra resposta, além de que havia sido usado por ela. Beatrice, na noite passada, era dele, se desfazendo em seus braços, enquanto arfava seu nome e, agora, estava ali, dando risadinhas com o noivo. Talvez ele devesse ter agido como o Montello que era e perfurado o pescoço dele quando teve a chance, maldito fosse.

Thiago suspirou, se afastando, não suportando mais olhar para os dois, felizes da vida, e seguiu o caminho de volta para seu quarto. Era como se ainda pudesse sentir o cheiro dela no ar, o odor delicioso de Beatrice, algo floral e doce,

PERIGOSAS ACHERON

misturado com o sabão da espuma que havia na banheira na noite anterior. Era como se ainda pudesse sentir a presença dela ali, ainda pudesse senti-la em seus braços.

Se jogou na cama, fechando os olhos, não aguentando olhar para as imagens de Tristão e Isolda. O noivo dela se chamava Marke, assim como o Marc da história. Maldito fosse Thiago, havia se tornado seu próprio Tristão, e terminaria morto ou sozinho. Se tivesse escolha, preferiria morto. Ao menos, do túmulo ele não seria obrigado a ouvir notícias de Beatrice com o marido, não precisaria testemunhar a consumação dela e nem ouvir os rumores sobre herdeiros a caminho. Pelo menos, morto, ele não precisaria viver com a dor de imaginá-la nos braços de outro pela vida inteira, a vida que deveria passar ao lado dele.

Thiago naquele momento odiou ser um Montello. Se tivesse outro nome, qualquer outro, poderia estar com ela e poderiam se casar. Se fosse de qualquer outro país, poderiam estar juntos. Mas não era e não podiam.

Ficou rolando na cama o dia inteiro, remoendo os mesmos pensamentos, até que, ao entardecer, finalmente adormeceu, num sono

repleto de pesadelos com Beatrice sendo beijada e abraçada por um duque de cicatriz no rosto.

Maldito fosse esse amor, pensou Thiago ao acordar. Maldito fosse esse amor que não o deixava ter paz.



Passaram-se poucas semanas desde aquele dia e os pesadelos ainda o assombravam, tanto, que já havia se acostumado com os sonhos estranhos. Ele afundou a cabeça no travesseiro, grunhindo de raiva. Já não podia mais sentir o cheiro dela ali, já não tinha mais nada do que tiveram tão pouco tempo atrás.

Thiago vivia em ondas de tristeza, raiva e ódio. Estava apaixonado por ela, a amava com todas as forças, mas não tinha mais a opção de estar com ela. Se saía do quarto acabava por vê-la, como se seus pés, sem rumo, sempre o levassem a ela, e sempre a encontrava com Marke ao lado, dando

PERIGOSAS ACHERON

risadinhas, fazendo piqueniques ou lendo juntos. Até a biblioteca, que costumava ser o território dos dois, ele havia roubado.

Thiago às vezes remoía a manhã em que se falaram pela última vez, a forma como a tratou, como falou da mãe dela, como se fosse uma bastarda qualquer. Como se arriscou ao comentar em voz alta os boatos sobre Marke ser bastardo da rainha Louise, se fosse ouvido, estaria morto por calúnia.

— A vida é uma droga e depois se morre. Tivesse eu essa sorte... — ele murmurou, encarando o dossel da cama.

Ele não deveria ter sido tão duro com ela, não deveria ter sido o Montello que nasceu para ser, mas como lutar contra os próprios instintos, a própria criação? Ele não sabia a resposta e não sabia como lutar. Até conhecer Beatrice, ele nunca havia nem pensado que algo poderia lhe ser mais importante que o sangue em suas veias, mas começava a perceber que o seu sangue não valia de nada, se o seu coração não estava ali.

Ele a amava, com todas as forças que tinha, e seu coração já não batia no próprio peito e, sim, no dela, por ela. Por isso doía tanto imaginá-la com

outro, não importava quem fosse. Inferno, imaginá-la de qualquer jeito que não fosse com ele, já doía. Não queria vê-la solitária por toda uma vida, mas também não a queria ver em outros braços... Estar apaixonado era uma tarefa difícil.

Ele suspirou, se levantando da cama e andando até seu armário. Tinha um baile de máscaras nessa noite, aniversário de alguém com quem ele não se importava, mas seria deselegante se não fosse, então precisou se obrigar a sair da cama, ao menos, um pouco. Andou até sua cômoda, procurando por algum traje que servisse para a ocasião. Acabou por encontrar um traje azul de gala, que não havia usado ainda, e um casaco de mangas bufantes que paravam antes do cotovelo. As bermudas bufantes o incomodavam um pouco, após tanto tempo deitado em seu quarto, apenas de ceroulas, mas respirou fundo e se vestiu, sem perder tempo, chamando um criado para que o ajudasse. Prendeu o próprio colete, as próprias botas e saiu do quarto, pensando no quanto doeria vê-la dançando com outro.

Torceu para que não a reconhecesse de máscara, mas sabia que a reconheceria até se fosse cego. Ela era o amor de sua vida e de sua alma, não

havia hipótese na qual ele não a conhecesse. Se olhou no espelho, avaliando a própria situação. A barba estava maior que o normal, devido à falta de ânimo em se barbear, com um bigode e um cavanhaque medianos. Sua barba só crescia por completo se deixasse muito tempo, senão as laterais sempre ficavam atrasadas. Saiu de seu quarto, andando pelos corredores até o salão principal. No caminho encontrou alguns outros convidados muito bem vestidos, mas nada de Beatrice. Talvez ela não fosse e ele tivesse uma noite de paz.

Na entrada do salão de bailes havia vasos com máscaras para serem usadas, umas com laços para amarrarem-nas no rosto, outras tinham hastes para serem seguradas junto ao rosto. Ele encontrou uma azul de amarrar e a prendeu com um nó, de qualquer jeito. Estavam anunciando nomes falsos, uma brincadeira do baile de máscaras e ele pediu que o anunciassem como Tristan. Assim que acabaram de falar, ele começou a andar, adentrando o baile. Parou ao lado da mesa de bebidas e se serviu de um cálice de uísque, o tomando inteiro em um gole. E como se uma lufada de vento o fizesse se virar, ele olhou para a porta de entrada e lá estava ela, com Marke lhe ajudando a amarrar a

máscara. O cretino tinha vindo de azul também. Foram anunciados como Thaddeus e — para o choque de Thiago — Isolde. Até nisso os dois estavam conectados, não podia ser mera coincidência.

Thiago pensou em trinta maneiras diferentes de se aproximar dela, mas nenhuma fazia sentido. Eram planos desde apenas ir e cumprimentá-los, se desculpar com Marke pela enorme cicatriz no rosto ou, até mesmo, tropeçar e cair sobre ela. A que ponto estava chegando?! Thiago se sentia ridículo.

Beatrice estava linda, é claro. Com um vestido dourado de saia armada e com estampas quase invisíveis, mangas compridas e um colar de rubis. Na parte superior do vestido havia um corpete rosé com fitas vermelhas o prendendo e uma sobressaia com a mesma estampa e um babado branco. Estava maravilhosa, como sempre, talvez até mais com a máscara carmim no rosto, os cabelos presos com algumas fitas e os cachos soltos embaixo. Ele suspirou, perdendo o ar ao vê-la ali, tão maravilhosa, quase sua.

Ele se serviu de mais uísque e o tomou, pensando que se embriagar seria a melhor solução para afogar suas mágoas. Precisava pensar em algo

que não fosse ela, em qualquer coisa, além dela. Viu de longe a irmã chegando, acompanhada da princesa Lara e de... Theresa?! Desde quando sua irmã e a irmã de Beatrice eram amigas?

Balançou a cabeça, percebendo que nada o distraia dela, e se virou novamente para onde a havia visto. Ela e Marke estavam dançando, felizes da vida. E o coração de Thiago se partindo, cada vez mais.



Ela decidiu usar os títulos falsos como uma mensagem para ele. Se Thiago estivesse ali, ele entenderia o fato de ela usar Isolde. Era o nome em inglês de Isolda, casada com Marc e apaixonada por Tristan, seu Tristão. Podia ainda não estar casada, mas, de resto, sua história e a de Isolda eram idênticas. Até no nome do marido, que pronunciado não havia diferença entre Marc e Marke. Ela suspirou, colocando um sorriso no rosto, enquanto o noivo amarrava sua máscara. Escolheu uma em cor de carmim para combinar com o corpete e a sobressaia, enquanto o noivo escolheu uma num tom claro de azul, que ficava presa em uma haste. A cicatriz ainda estava muito recente para manter uma máscara fixa, então ficaria

PERIGOSAS ACHERON

com uma mais distante.

Entraram no baile, caminhando pelo centro repleto de pessoas e pelos músicos, que tocavam alegremente. Não precisaram se aproximar da mesa de bebidas para saber que Thiago estava ali. Até de máscara e de barba ela o reconheceu facilmente, se apaixonando novamente ao vê-lo. Estava lindo, com um ar mais maduro pela barba, a pele um pouco menos bronzeada devido à falta de sol abundante. Ele também estava de azul, assim como Marke, mas em tons mais escuros. Ela sorriu involuntariamente, sentindo o peito se apertar por saber que não poderia se aproximar dele.

— Quer dançar, minha dama? — Marke a tirou de seus pensamentos e ela assentiu, se forçando a sorrir para o homem errado.

— Adoraria — ela aceitou, segurando a mão dele e sendo guiada até o centro do salão de dança. Uma música nova estava se iniciando, e eles começaram a rodopiar, a mão dele em sua cintura, a segurando próxima a seu corpo. Eles não seguiam totalmente a música, rodopiando travessamente num ritmo próprio, como se tivessem uma música própria em suas mentes. Ela ria enquanto girava, pensando que seriam ótimos amigos, mas nunca

amantes. Ela não podia se imaginar como amante de alguém, além de Thiago.

Dançaram uma, duas, três músicas até se cansarem e decidirem parar, rindo. Ela estava se divertindo, era verdade. Havia se tornado fácil se divertir ao lado dele, mas ela, no fundo, não queria o divertido, o simples e o fácil. Ela queria o doloroso, devastador, extraordinário, capaz de mudar a vida. Ela queria Thiago.

— Vou pegar uma bebida, volto logo. —
Marke sorriu para ela, tirando-a de seus devaneios. Ela sorriu e assentiu, esperando por ele. Quando olhou, Thiago não estava mais perto da mesa de bebidas e, sim, em um canto, segurando o que parecia ser seu milésimo cálice de bebida. Estava embriagado, ela podia perceber, mesmo de longe. Olhou em volta, vendo Marke conversando com algum lorde na mesa de bebidas e aproveitou a oportunidade para se aproximar de Thiago, mesmo que relutante, não podia mais evitá-lo.

— Boa noite, Vossa Alteza. — Ela foi formal, com medo de quais ouvidos poderiam estar espreitando. Ele ergueu os olhos do copo que segurava, piscando algumas vezes. — Não crê que já tenha bebido demais por uma noite?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu sou uma piada de mim mesmo, querida. — A língua dele estava enrolada enquanto falava. — Nunca terei bebido o suficiente.

— Thiago... — ela sussurrou. — Você não é uma piada de si mesmo.

— Sou, sim. Estou apaixonado pela única mulher que nunca poderei ter e... Veja só, seu noivo está voltando! Vá falar com ele, que eu fico com meu uísque — ele murmurou, virando o conteúdo do cálice em um gole e se afastando a passos largos. Três segundos depois, Marke se aproximou dela, com duas bebidas nas mãos.

— Quem era aquele?

— Algum lorde, não reconheci com a máscara. — Ela deu de ombros, pegando o cálice que ele lhe entregou e bebendo tudo em um gole. Ele ergueu uma sobrancelha e ela deu um sorriso.

— Gostaria de dançar mais um pouco? Ainda temos muito tempo de festa à nossa frente. — Ele sorriu, bebendo um gole de seu próprio cálice. Ela deu outro sorrisinho leve, balançando a cabeça.

— Na verdade, eu... não estou me sentindo muito bem. Creio que irei me deitar um pouco, quem sabe mais tarde eu regresse.

PERIGOSAS ACHERON

— Quer que eu a acompanhe até seu quarto? O que está sentindo? — Ele parecia todo preocupado. Ela negou com a cabeça.

— É apenas uma dor de cabeça, pode ficar tranquilo. — Ela sorriu, entregando o cálice que tinha em mãos para ele. — Fique, aproveite a festa.

— Muito bem, se é o que prefere... — Ele sorriu, segurando a mão dela e a beijando levemente nos dedos. — Até mais, minha dama.

— Até mais. — Ela sorriu, se virando e indo em direção ao corredor por onde viu Thiago sair.

Sorriu no caminho ao ver Mérida com o vestido verde que ela havia lhe emprestado, a máscara nos olhos e os cabelos vermelhos soltos, dançando com seu Daniel. Ao menos, uma das duas seria feliz aquela noite. Ela manteve o sorriso até chegar no corredor e então desabou, seguindo o caminho até o quarto dele. Já não aguentava mais a distância e, até discutir com ele, seria melhor que ficar lá fora.

Abriu a porta dele sem bater, dando de cara com um Thiago desarrumado e ainda de máscara, com uma garrafa de uísque nas mãos. Ele ergueu o olhar para ela, dando um sorriso, bêbado.

— Bea! Minha linda, linda Bea... veio jogar

mais na minha cara o quanto está feliz com seu noivinho?

— Thiago...

— Não, melhor, veio pedir mais uma trepada de despedida, porque ele não é tão bom quanto eu.

— Ele deu uma risadinha irônica, deixando a garrafa de lado.

— Não use essa palavra. Não gosto quando fala assim comigo.

— É aí que está, princesa, eu não me importo com o que gosta ou não. Não cabe a mim me importar e, sim, ao seu noivo. Eu não sou ninguém, esqueceu? — Ele deu um riso, se aproximando dela e parando na porta, a segurando aberta. — Agora, se me fizer o favor de sumir daqui, para que eu possa me embebedar, sem a dor de precisar olhar para você, eu agradeceria.

— Não vou sumir, Thiago. Você claramente não está em condições de ficar sozinho, não desse jeito, tão bêbado...

— Estou bêbado, pois é a única forma que encontrei de suportar a dor de estar sem você. É como se tivesse um buraco no meu peito, Bea, e esse buraco é no seu formato.

— Thiago... — Ela suspirou, se

aproximando dele. — Sabe que eu não escolhi isso e que eu não estou nem um pouco feliz com a situação...

— Claro que não está feliz, é por isso que sempre a vejo rindo nos cantos com ele, não é? Está rindo de infelicidade, imagino. — Ele riu com escárnio, a mão se apertando na fechadura da porta. — Saia, Beatrice. Vá encontrar seu noivo, rodopiar com ele e se divertir. Deixe a infelicidade para mim.

— Você é burro ou é apenas o ciúme lhe cegando? — Ela começou a explodir, encarando-o. — Eu *não* estou feliz ao lado de Marke, nunca estarei. Sim, ele me faz rir um pouco e é um bom amigo, mas ele é só isso, Thiago, só um amigo. Eu nunca, jamais, em nenhuma hipótese, sentirei por ele um terço do que sinto por você. Nunca sentirei desejo por ele, nunca o amarei, como amo você. E se você não quer acreditar em mim por bem, eu lhe farei acreditar de outra forma.

E se jogou nos braços dele, o beijando.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Aquele foi um beijo forte, sem carinho ou ternura, um beijo cru de desejo e raiva, um beijo de amor e ódio misturados, que refletia bastante o que os dois sentiam naquele momento. Ele demorou um milésimo de segundo para responder, batendo a porta atrás de si e a tomando nos braços, a segurando com força, com medo de que fosse mais um pesadelo no qual ela se desfaria em seus braços e ele seria deixado sozinho. Não, dessa vez não era sonho nem pesadelo, dessa vez era real, ele sabia que era. O efeito da bebida passou em um instante, o deixando sóbrio, agora embriagado por ela.

Ela arfou seu nome enquanto se afastaram

PERIGOSAS ACHERON

para respirar, mas antes que ela falasse mais alguma coisa, ele a beijou novamente. Não queria que ela falasse, não queria que nada interrompesse o momento com o qual ele pôde apenas sonhar por três semanas. Ele a beijou com toda a força e desejo que tinha em seu corpo, a língua deslizando pela dela, as mãos envolvendo sua cintura, uma subindo até sua nuca e se alojando ali, entre os fios de cabelo dela.

— Eu amo você, sua maldita teimosa e irritante noiva de outro — ele sussurrou, descendo os lábios pelo pescoço dela e a beijando ali, afastando o tecido do vestido com a ponta do nariz. Ela suspirou, os dedos se enroscando nos cabelos dele, enquanto desfazia o nó da máscara que ele usava, a soltando e jogando no canto do quarto. Começou a tirar a própria máscara, mas ele a impediu. — Deixe-a aí. Esta noite eu não farei amor com a mulher comprometida a outro, farei amor com a dama misteriosa que pertence somente a mim. E farei direito — ele sussurrou, mordiscando a orelha dela, sentindo-a trêmula. — Irei beijar e lambe cada centímetro de seu corpo e irei penetrá-la. Primeiro com meus dedos, para que eu possa finalmente saboreá-la enquanto grita meu

nome e depois, finalmente, depois de tanto tempo, com a parte de mim que lateja por você todas as noites. Sabia que eu acordo pulsando enquanto chamo seu nome? E que preciso me aliviar com a própria mão, sem nem uma gota do seu toque para me acalmar? — Quando ele disse isso, ela tentou descer uma mão até a frente dos shorts bufantes dele, mas ele a parou. — Nada disso. Hoje sou eu quem dou as ordens, me entendeu? Eu quem estou no comando.

Ela assentiu, sem conseguir falar, e ele deu um sorrisinho de lado, soltando a mão dela e a empurrando na direção da cama.

— Thiago, eu...

— A menos que for me pedir para parar, eu obedecerei, caso não seja isso, não quero que fale nada. Quero que apenas sinta esta noite, me entendeu? — Ela assentiu. — Vai me pedir para parar? — Ela negou. — Ótimo.

Ele sorriu de lado, a virando de costas com um movimento brusco e a beijando na parte detrás do pescoço, se afastando um pouco e começando a desfazer os laços no cabelo dela, um a um, até os cachos estarem soltos. Sorriu de lado, começando então a soltar os laços do vestido dela. Foi soltando

laço a laço, botão a botão, numa tortura lenta, até ela estar quase implorando, e então deixou o vestido cair ao chão, ela ficando apenas de meias e o corpete por baixo dos seios, os levantando especialmente para ele. Thiago sorriu de lado, a virando novamente e a empurrando até a cama, a deixando com as costas contra o mastro do dossel.

— Eu disse que iria beijar cada centímetro seu, não disse? — ele sussurrou e ela assentiu, prendendo a respiração. Ele sorriu, um sorriso cheio de desejo e perversão, enquanto erguia as mãos dela e as colocou no mastro da cama. — Segure-se. — E avançou contra ela, a beijando no pescoço.

A posição dela deixava seus seios ainda mais erguidos, prontos para ele, e ele lentamente fez seu caminho com os lábios e com a língua, até alcançar aquele vale entre os seios. Podia sentir o cheiro que só ela tinha, uma aroma de doçura misturada com suor, flores e algo mais... Beatrice. Uma vez havia ouvido falar que entre os animais os machos farejavam a fêmea que mais desejavam, e estava começando a acreditar que aquilo funcionava com pessoas também.

Ele poderia reconhecer o cheiro dela a

milhas de distância sem nenhuma dificuldade. Ela era deliciosa. Começou a beijá-la ali, indo para o lado e beijando seu seio, até que sua língua finalmente encontrou o caminho até o mamilo. Ele arfou de desejo, sentindo o membro latejar dentro das calças e a abocanhou, lambendo e sugando o mamilo dela com força, sem gentileza nenhuma. Não seria gentil essa noite, seria firme e ela iria gostar. Garantiria que ela iria gostar.

A beijou e sugou um pouco mais, deslizando a língua pelo mamilo rígido e, então, passou para o outro lado, que implorava por atenção. Os mamilos dela não eram rosados como os de muitas mulheres que ele conhecia e, sim, mais puxados para o tom de pele dela, um pouco mais escuros. Eram lindos, maravilhosos, e no que dependesse dele, nenhum outro homem jamais os veria.

Ele a beijou mais uma vez, mordiscando o bico com a ponta dos dentes, ouvindo-a gemer. Ergueu o olhar e a viu cobrir a boca com uma mão, numa tentativa de ficar em silêncio.

— Gemer você pode, meu amor — ele sussurrou, soprando o mamilo úmido e observando enquanto ela se arrepiava dos pés à cabeça. Passou uma mão em volta da cintura dela e outra por baixo

da coxa e a puxou, a tirando do mastro e a deitando na cama, com as pernas bem abertas. Ela as tentou fechar, mas ele ergueu uma sobrancelha. — Não é o momento para vergonhas, meu amor. Garanto que irá gostar disso. — A voz dele estava grave de desejo, seu membro latejando com tamanha força, que poderia rasgar o tecido.

Ela assentiu e deixou que ele abrisse suas pernas, e ele sorriu de lado ao vê-la ali, pronta para ele, seu corpo implorando pelo dele. Thiago se inclinou na direção dela, começando a beijar seus pés por cima das meias, em seguida seus tornozelos, suas pernas, a parte detrás de seu joelho, suas coxas... até finalmente chegar à umidade latejante em seu centro. Quando a provou, foi como ir ao céu e ao inferno ao mesmo tempo, tamanha era a maravilha e o pecado daquilo. Ela era deliciosa, assim como ele já havia provado de seus próprios dedos, mas o gosto misturado com suor não era nada comparado ao gosto direto da fonte. Era deliciosa, de um jeito que só ela podia ser.

Os gemidos de Beatrice aumentaram de intensidade, enquanto ele a sugava com todo o desejo que tinha, saboreando seu interior, subindo

os beijos e lambidas até aquele pequeno centro de seu prazer, sabendo muito bem como fazer uma mulher arfar e pedir por mais. Enquanto fazia isso, ele deslizou um dedo para dentro dela e depois outro, iniciando um curto vai e vem, até que ela se desfez em seus braços. Mas ele não parou, quanto mais ela gemia mais ele aumentava a intensidade do que estava fazendo e, mesmo sem olhar, podia sentir os olhos dela arregalados, podia ver com clareza em sua mente os gemidos dela, e podia sentir enquanto ela se desfazia uma segunda vez, se contraindo em volta dos dedos dele, a carne macia pulsando em seus lábios. Ele sorriu de lado, depositando ali um último beijo que arrancou arrepios dela e, então, se levantou.

Enquanto dava tempo para ela se recuperar, ele foi desabotoando o colete e tirando a camisa, a jogando no chão junto com a pilha de roupas dela. Quase rasgou os shorts e desabotoou a calça às pressas, o membro pulando para fora. Beatrice, já um pouco menos ofegante, se ergueu sobre os cotovelos para olhar para ele. Parecia pensativa, inclinando a cabeça e se sentando na cama, esticando uma mão para ele. Thiago lhe deu um tapinha de leve, afastando sua mão. Ela deu uma

risadinha.

— Não me contive — ela sussurrou, mordendo o lábio inferior ao quebrar a regra dele sobre não dizer nada. Thiago balançou a cabeça negativamente, chutando a calça e as botas para o lado, enquanto se aproximava dela, tocando seu rosto.

— O que eu faço com você? — ele sussurrou, sorrindo de lado, empurrando seus ombros para que ela se deitasse. A observou rastejar até a cabeceira da cama e, lentamente, de forma torturante para ambos, se posicionou em cima dela. — Eu não vou ser gentil — ele sussurrou, mordiscando o lábio inferior dela e provocando sua entrada com a ponta do membro.

— Não espero que seja — ela sussurrou, entrelaçando os dedos no cabelo dele e o puxando para um beijo intenso, as línguas deslizando juntas, causando arrepios nos dois. Ele deu um sorriso durante o beijo e a penetrou de uma vez.

Ela interrompeu o beijo com um gemido, jogando a cabeça para trás, as mãos descendo até as costas dele. Ele sorriu de lado e começou a se mover, dando estocadas fundas, com força, fazendo-a gritar seu nome. Era isso que ele queria,

aqueles gritos de prazer, a forma como ela só gemia para ele. E aquele corpete levantando seus seios, aquela máscara que a deixava misteriosa... era a perfeição.

Thiago sorriu de lado, se inclinando e beijando-lhe o pescoço, mantendo o ritmo das estocadas, se guiando pelos gemidos dela. Já não estava mais aguentando quando ela finalmente se desfez uma terceira vez na noite, dessa vez olhando nos olhos dele, aquele mar verde azulado o olhando, a boca escancarada enquanto gritava “Thiago”, as pernas tremendo. Ele deu mais duas estocadas e se derramou dentro dela, sussurrando “Minha Bea” enquanto o fazia. Ela gemeu uma última vez, enquanto ele se afastava e caía deitado ao seu lado, ambos suados e ofegantes.

— Pode tirar a máscara agora — ele sussurrou, e ela deu uma risada, tamanha era a felicidade que sentia.



Bea estava tão satisfeita que podia simplesmente desmaiar por dias ali, nos braços dele. Ela ergueu os braços preguiçosamente e desfez o laço da máscara, a tirando e jogando no chão do quarto, se aconchegando no peito dele.

— Pronto? Passou a raiva, a bebedeira e o sofrimento?

— Passou — ele sussurrou, rindo baixinho, beijando a testa dela e a apertando contra si. — Me desculpe por aquela manhã. Eu não deveria ter gritado com você, nem insultado sua mãe. Eu apenas... fiquei sem reação, ao saber que você tinha um noivo.

— Tenho. No presente — ela sussurrou, abaixando a cabeça e escondendo o rosto no peito dele. — Eu não queria ter. Queria ser apenas eu, sem noivo nenhum, livre para estar com você. Sabe que se eu tivesse escolha nos casaríamos hoje mesmo.

— Sei disso. — Ele suspirou. — Gostaria que pudéssemos fugir para alguma colônia e nos esconder lá, mudarmos de nome e nos casarmos em segredo. Poderíamos até levar àquela criada amiga sua, Deus sabe o quanto ela nos ajudou. — Ele sorriu, beijando o topo da cabeça dela.

— Seria um sonho. — Ela ergueu a cabeça, apoiando o queixo no peito dele e o olhando, sorrindo para ele. — Mas é um sonho impossível.

— Eu sei. Eu sei. — Ele suspirou novamente, tocando os cabelos dela em um carinho

suave. — Eu amo você. Não se esqueça disso quando for a Senhora Marke sei lá o que, está bem?

— Thorne — ela respondeu por instinto e deu uma risadinha da reação dele. — Marke não é uma má pessoa, Thiago. Ele também não escolheu isso, também não queria um casamento arranjado. E ele é um bom amigo, não vou negar isso só por causa de seu ciúme. Talvez, se eu nunca tivesse lhe conhecido, eu até pudesse me encantar por ele e viver uma vida feliz, mas essa não é mais uma opção. Não com você existindo.

— Eu nunca vou me casar — ele comentou, fazendo carinho na bochecha dela com o polegar. — Irei te esperar até meu último dia, para garantir que tenhamos uma chance. Talvez, muitos anos no futuro, quando Marke estiver morto e a guerra for uma lembrança distante, nós tenhamos a chance de mostrar nosso amor para o mundo.

— É, talvez. — Ela sorriu, esperançosa, mesmo sabendo que isso jamais aconteceria. — Eu amo tanto você. — Ela o abraçou, os olhos marejados. — Amo tanto que chega a doer. Três semanas longe de você foi tempo demais... Prometa que não vai se afastar de novo. Prometa que vai ficar comigo por todo o curto tempo que possamos

ter aqui, prometa que será só meu para sempre, prometa... — Nesse ponto, ela já estava chorando. Ele secou suas lágrimas, sentindo o peito doer.

— Ei, não chore — ele sussurrou, beijando a testa dela. — *No llores, mi amor*. Eu serei seu, para sempre. E nunca mais cometerei a tolice de me afastar sem motivo ou por pura implicância minha. Sinto muito por essas três semanas. Também não foram nada fáceis para mim, sabia? Tive pesadelos todas as noites. Começavam como sonhos bons, você em meus braços, mas então algum lorde de cicatriz no rosto vinha e te tirava de mim, e você simplesmente se desfazia como poeira, desaparecendo dos meus braços. Não sabe o medo que eu tenho de que isso se torne real.

— Não foi o único a ter pesadelos, meu amor. Eu também os tive, sonhando que me odiava e não queria mais nada comigo, por eu ter lhe escondido o noivado. Não sabe quantas vezes pensei em lhe procurar e mudei de ideia no último instante.

— Também passei por isso. Eu os via rindo e pensava que talvez estivesse melhor sem mim... Agora vejo como fui tolo. — Ele riu, beijando a testa dela mais uma vez. Não conseguia ficar muito

PERIGOSAS NACIONAIS

tempo sem beijá-la.

— Fomos dois tolos. — Ela sorriu, se afastando um pouco e sentando na cama, virando as costas para ele. — Desamarre. — Ele a obedeceu, desamarrando o corpete e ela o jogou no chão, voltando a se deitar, ficando por cima dele, o abraçando. — Amo você. Nunca se esqueça disso, certo?

— Certo. — Ele sorriu e bocejou, puxando-a para deitar de costas para ele e a abraçando. — Se eu adormecer, você ainda estará aqui pela manhã?

— Estarei. — Ela sorriu. — Estarei sempre, mesmo depois que eu me for, meu coração ficará com você.

— Ótimo. — Ele sorriu e, momentos, depois pegou no sono. Ela ainda ficou acordada mais algum tempo, pensando na noite que havia tido, em como começou desanimada e acabou maravilhosamente bem.

Sim, ela realmente amava Thiago e, contanto, que estivessem juntos, mesmo que só em espírito em algumas semanas, tudo ficaria bem.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Beatrice caiu deitada ao lado de Thiago, rindo em meio a arquejos. Era a terceira noite consecutiva em que ele saía se esgueirando do próprio quarto e ia para o dela, no meio da madrugada, onde se encontravam e se amavam. Ela se sentia completa com ele ali, ao seu lado.

— Essa foi melhor que ontem, sem dúvida alguma. — Ela riu, deitada de barriga para cima, os seios balançando com a respiração ofegante.

— E amanhã será melhor que hoje. — Ele riu, beijando o rosto dela com um estalo e se sentando na cama, apoiando as costas na cabeceira. — Sabe, talvez devêssemos começar a tomar mais PERIGOSAS ACHERON

cuidado para que você não engravide. Deus sabe o problema que teríamos se isso acontecesse... — Ele parecia pensativo e ela ergueu uma sobrancelha.

— Não tinha pensado nisso ainda. — Ela se sentou, olhando para ele. — Que tipos de cuidados?

— Bem... — Ele, às vezes esquecia que, por mais que ela já havia se tornado uma mulher, ainda havia muitas coisas que Beatrice não sabia. — Como explicar sem termos vulgares? — Ele riu, e ela deu de ombros, com uma risadinha. — A responsabilidade é minha, na verdade. Tenho que tomar cuidado para não derramar minha “semente” em você.

— Ah. — Ela entendeu ou, ao menos, pensou ter entendido. Bea não gostava de ser tão inocente às vezes, mas isso parecia diverti-lo. — Tudo bem, então, vamos começar a tomar cuidado. Não há nada que eu possa fazer?

— Existem alguns chás, normalmente as garotas de bordéis que os tomam, mas dizem ser perigosos, caso já esteja grávida.

— Perigosos?

— Podem causar sangramentos, pelo que eu sei. Não quero você se arriscando, eu tomarei mais cuidado daqui para frente — ele garantiu, tocando o

rosto dela. — Não sei o que faria se algo te acontecesse.

— Morreria, é claro. — Ela riu, roubando-lhe um beijo. — Somos Tristão e Isolda, ou morremos juntos ou passamos a perna no destino e damos um jeito de ficar juntos e vivos.

— Me parece um bom plano — ele disse, inclinando um pouco o rosto ao observá-la. — Gosto de você assim.

— Assim?

— Nua, despreocupada, sentada com as pernas cruzadas sobre a cama, inteiramente minha... — Ele deu um meio sorriso, esticando os braços e puxando-a para junto de si, fazendo-a dar um gritinho e uma risada.

— Quem é você e o que fez com o Thiago sedutor e misterioso que eu conheci? — ela provocou, se aconchegando nos braços dele.

— Bem aqui, mas ele teve suas barreiras destruídas por uma certa princesa portuguesa, que o fez se apaixonar e se esquecer do próprio sangue. — Ele riu, apertando-a nos braços.

— Poderíamos ser uma tragédia clássica. Consegue imaginar? A história dos amantes que arriscaram tudo para terem alguns poucos

momentos juntos, antes de se separarem para sempre.

— Que tal não falarmos sobre a separação ainda?

— Eu adoraria evitar o assunto. — Ela suspirou, se afastando um pouco e se sentando de novo, olhando para ele. — Mas a realidade é que não temos muito tempo juntos, nossa curta temporada aqui já passou da metade. Em um mês e meio iremos embora e, então, eu terei que me casar com Marke. E você irá voltar para a Espanha e seguir os ensinamentos de seu pai, herdando o castelo, o nome e o reino dos Montello. Seremos inimigos novamente e não haverá mais visitas escondidas na calada da noite para nos unir.

— Acha que eu não sei? — Ele passou uma mão nos cabelos, algo que ela notou que ele fazia sempre que estava nervoso ou irritado. — Acha que eu não sei que em um ano receberei cartas de informantes me contando do nascimento do seu primeiro filho? Acha que eu estou ignorando o fato de que meu pai provavelmente me obrigará a me casar com alguma princesa estrangeira, por puro poder, e que logo depois será você a receber notícias de um herdeiro espanhol nascendo? Eu sei

ao que estamos destinados, Beatrice. Estamos destinados à poucas noites juntos e uma eternidade separados, só nos reencontrando depois de ambos irmos para a cova. Mas temos uma escolha agora. Podemos pensar nisso e sofrer, ou podemos aproveitar cada segundo que nos resta juntos, e deixar para nos preocuparmos com isso quando chegar a hora. O que me diz?

— Encontre algo para falarmos sobre, então. Qualquer coisa. — Ela sorriu, a cabeça um pouco inclinada. — Já sei! Se importaria de me ouvir falando sobre os problemas de uma amiga?

— Pode falar, eu sei guardar um segredo. — Ele piscou um olho e ela riu.

— Bem, sabe a nossa criada, a que nos ajuda em tudo? — Ele assentiu. — Ela está apaixonada pelo meu primo, Daniel. E ele está apaixonado por ela, mas não sabe disso.

— Explique.

— Na noite do labirinto e na do baile de máscaras, eles se encontraram, com ela vestida como uma lady e os cabelos soltos. Ela tem cabelos vermelhos, que diariamente esconde sob uma touca. Pois bem, eles se envolveram novamente quando ele a viu como criada, mas ela não foi

capaz de revelar quem era. E o pior de tudo, ele disse a ela que está apaixonado pela “dama de cabelos vermelhos”, sem saber que estava falando dela mesma!

— Não seria mais fácil se ela simplesmente contasse a ele quem é? E como diabos ele não a reconhece pelo rosto?! — Thiago fez a pergunta óbvia e Beatrice riu, balançando a cabeça.

— É mais complicado que isso. Daniel sempre teve problemas de visão, de acordo com Katherine, e enxerga tudo embaçado. Sem falar que estava escuro nas duas ocasiões em que ele a viu, o que dificulta mais as coisas. E ela não conta quem é justamente por ele dizer que ela é somente uma criada. Ela prefere que ele nunca saiba quem é, do que desapontá-lo ao revelar que a lady misteriosa é apenas uma criada!

— Parece história de livro, uma tragédia inventada.

— Exatamente! — Beatrice sorriu. — E eu prometi que quando for rainha, a farei uma lady, então, talvez no futuro, eles se reencontrem e se casem.

— Você quer mesmo ver um final feliz, não quer?

— Adoraria. Eles merecem ser felizes, Thiago, com todas as forças deste mundo. — Ela sorriu, animada. — Eles são como uma história daquelas bonitas, que se conta para crianças dormirem, sabe?

— Sei, sim. — Ele sorriu, bocejando. — Por falar em dormir, se importaria se eu ficasse aqui esta noite?

— Sabe que não. — Ela sorriu, se deixando cair deitada no travesseiro. — Mas terá que sair bem cedo, ao primeiro raiar do dia.

— Eu sei. — Ele suspirou. — Odeio ter que nos manter em segredo. Gostaria de gritar para o mundo que tenho a mulher mais perfeita que já existiu, com todos os defeitos e detalhes que uma mulher perfeita precisa ter. — Ele riu, e ela ergueu uma sobrancelha.

— Defeitos? Que defeitos?

— Bem, para começar... — Ele se deitou, o rosto no peito dela, aconchegado no vale entre os seios. — Você é teimosa. E irritante. E muitas vezes consegue ser tremendamente insuportável, na mesma medida que é desejável e adorável quando quer. Você é céu e inferno em uma única dose. — Ele sorriu, beijando de leve a lateral do seio dela e

PERIGOSAS NACIONAIS

ela riu baixinho, passando uma mão nos cabelos dele e fazendo carinho.

— Você também não é nada fácil, sabia? — ela disse, bagunçando os cabelos dele, enquanto os acariciava, vendo-o fechar os olhos.

— Sei disso — ele disse simplesmente, — Agora, me deixe dormir. Você me deixa exausto, princesa.

— Isso é um elogio?

— Com toda certeza é — ele confirmou, dando outro beijo nela. — Na verdade, se eu não estivesse tão exausto, eu lhe mostraria o quanto pode ficar cansada também. — Ele deu uma risadinha e ela sorriu, sentindo o rosto ficar cor-de-rosa. Imaginava que nunca seria capaz de ouvir essas coisas sem corar, mesmo já tendo feito de quase tudo com ele.

— Então, durma, e amanhã à noite você me mostra o quanto eu posso ficar cansada — ela sussurrou, beijando a testa dele e continuando a fazer carinho.

Ele foi, aos poucos, deslizando para o sono, enquanto ela ficou acordada e o observando, com um sorriso no rosto. Ele era lindo e ela o amava demais.

PERIGOSAS ACHERON

Começou a pensar em como havia sido seu dia, esperando o sono vir. Se sentia um pouco traidora ao pensar que durante à tarde passeava com Marke e à noite dormia com Thiago, mas o que podia fazer? Marke era um bom amigo, mas jamais seria mais do que isso. Sim, seriam forçados pelo casamento a se deitarem juntos, mas jamais seriam amantes de verdade. Beatrice duvidava que fosse sentir com ele um terço do que sentia com Thiago, e não estava errada. Mesmo que Thiago fosse sua única experiência, ela sabia que essas coisas eram diferentes quando o amor estava envolvido. Não era à toa que só se deitaram juntos a primeira vez, após confessarem seu amor.

E ela o amava, ah, como amava. Ele era seu tudo, seu céu, mar, sol e estrelas, seu Tristão — ela não se cansava de repetir isso — e seu Romeu. Ela não gostava nem de pensar em como seria quando a temporada acabasse e eles precisassem se separar, não conseguia respirar com a dor em seu peito ao imaginar sua vida sem ele. Mesmo casada com Marke, seria mais fácil de suportar se tivesse Thiago ao seu lado quando precisasse, mas sabia que não seria assim. O máximo que poderia acontecer era ela engravidar de Thiago, ainda

durante a temporada, e apressar o casamento para que os outros acreditassem ser de Marke.

Ela já estava fazendo planos de reserva para os planos de reserva, imaginando tudo o que faria caso isso ou aquilo acontecesse. Por mais que Thiago a dissesse frequentemente para não pensar nisso ainda, para se distraírem com outros assuntos, ela não conseguia. Até o conto de fadas de Daniel e Mérida a lembrava da tragédia dela e de Thiago. Ela suspirou baixinho, tentando não o acordar, o olhando dormir. Ele parecia tão em paz, um verdadeiro anjo caído no colo dela. E, sim, ela sabia que o único anjo caído era Lúcifer, mas o pecado do amor dos dois era tanto que até fazia sentido.

Ela acabou por adormecer, ainda pensando em outros planos, caso o que fizeram, desse errado.



Quando Thiago acordou, o dia estava clareando lá fora, e ele suspirou, se levantando e indo se vestir. Suas roupas estavam espalhadas pelo chão do quarto dela, tamanha a voracidade com que as tiraram na noite anterior. Ele sorriu ao lembrar, balançando a cabeça e pegando suas calças, as vestindo. Vestiu a camisa, abotoou o colete e se

PERIGOSAS ACHERON

sentou na poltrona ao lado da cama dela, a olhando dormir.

Ela era a coisa mais linda que ele já havia visto. Quando não estava tão cansado, quanto na noite anterior, ele adorava apenas observá-la dormir, sentir sua respiração. Um sempre dormia no peito do outro, já havia se tornado um hábito entre os dois. Estavam apaixonados e era assim que pessoas apaixonadas agiam. E, para sua total surpresa, ele estava feliz assim.

Ela abriu os olhos e ele sorriu.

— Bom dia — sussurrou, vendo-a se espreguiçar e se sentar na cama.

— Bom dia. — Ela sorriu, bocejando. — Já está vestido.

— Tenho que sair logo, lembra? — ele a lembrou, se levantando e indo sentar na cama, roubando um beijo dela. — Dormiu bem?

— Como uma pedra — ela disse, tocando o rosto dele e bocejando outra vez. — Que preguiça de acordar! — Ela riu. Nesse momento eles ouviram batidas na porta e ela franziu o cenho. — Quem será a esta hora da manhã?

— Não faço ideia.

Ela suspirou, se levantando e se enrolando

PERIGOSAS NACIONAIS

em um roupão, enquanto as batidas continuavam. Ela abriu a porta e ele a viu dizer algo para quem estava ali e quando ela se virou, estava com uma carta em mãos.

— Aparentemente é uma carta urgente de Portugal, insistiram que fosse entregue agora, mesmo que precisassem me acordar para isso. Estranho.

Ela rompeu o selo, abrindo a carta e começando a ler. Ele só observou as reações dela, vendo-a arregalar os olhos enquanto lia e, então, uma única lágrima escorrer. Ele sentiu seu peito gelar, com medo do que poderia ser.

— Bea? O que aconteceu?

— Eu... Meu pai morreu. — Ela ergueu o olhar para ele. — Eu sou a nova rainha de Portugal.

PERIGOSAS ACHERON



Thiago congelou onde estava com o baque das palavras dela, a olhando, espantado. Nova rainha? O pai dela estava morto? Mas como... Não havia nenhum ataque pretendido, não que ele soubesse, e reis não morrem simplesmente.

— Bea... — Ele não sabia o que dizer. Não sabia como reagir, não sabia o que aquilo significaria para os dois, para ele. — O que aconteceu?

— Eu... eu não entendo. Ele estava bem há duas semanas, quando recebi a última carta e, então, simplesmente morreu? Mamãe diz que ele sufocou enquanto trabalhava, e que o encontraram

já morto, com sangue saindo de suas orelhas e sua boca. Acreditam ter sido alguma doença. Que tipo de doença mata alguém assim, do nada?! — Ela se encolheu, apertando a carta com as mãos. Ele ficou sem reação, parado.

Thiago conhecia aqueles sintomas.

— Meu amor... — Ele deu um passo à frente, a tomando nos braços enquanto ela se desfazia em lágrimas. — Shh, se acalme, vai tudo ficar bem.

— Como pode tudo ficar bem? Como?! Leia isso, Thiago, leia a última linha. — Ela se afastou, entregando o papel a ele. — “Viva a rainha, longo seja seu reinado”. Eu não sou mais uma princesa inconsequente, eu sou uma rainha! Eu não estou pronta para ser rainha, não estou pronta para viver sem meu pai, simplesmente não estou pronta... — Ela estava tremendo dos pés à cabeça, as lágrimas caindo. Era a coisa mais triste que ele já tinha visto.

Sem dizer nada, ele se aproximou dela e a tomou nos braços, a abraçando com força, deixando que ela chorasse por quanto tempo precisasse, a segurando enquanto o mundo dela desabava. Ele a amava mais que tudo e, se pudesse, faria qualquer coisa para mudar o que aconteceu, mas não podia.

PERIGOSAS NACIONAIS

E enquanto ela chorava, ele pensava nas consequências que isso poderia ter para os dois, para ele. Não estava mais apaixonado pela princesa e, sim, pela rainha de Portugal.

Quando ela finalmente parou de soluçar, ele se afastou um pouco, secando as lágrimas dela com os polegares, segurando seu rosto.

— Vai ficar tudo bem — ele sussurrou, beijando a testa dela. Ela apenas assentiu, fechando os olhos. Ele a abraçou de novo, fazendo carinho nos cabelos dela. — Vai ficar tudo bem — repetiu, querendo tanto quanto ela acreditar naquilo.

— Obrigada, por estar comigo — ela sussurrou, abrindo os olhos e olhando para ele. — Mas acho que preciso ficar um pouco sozinha, se não se importar.

— Como quiser, minha princesa... minha rainha. — A voz dele foi baixando até não passar de um sussurro e ele deu um último beijo na testa dela. — Mande me chamar se precisar de qualquer coisa, certo?

— Certo. — Ela deu um sorrisinho triste, ficando na ponta dos pés e tocando os lábios dele com os seus. — Obrigada — ela repetiu e ele se retirou.

PERIGOSAS ACHERON

Assim que fechou a porta, Thiago pôde desmoronar também. Precisava ser forte na frente dela, mas agora que ela não o estava vendo, pôde remover a expressão de confiança que tinha no rosto. Nada ficaria bem, não mais. Enquanto ainda eram príncipe e princesa havia a vaga esperança de que pudessem fugir, ir para as colônias e não se preocuparem nunca mais com famílias, sangue ou herdeiros. Seriam só os dois, vivendo felizes e juntos, passando a perna no destino. Mas ela agora era a rainha e tinha obrigações a seguir. O casamento muito provavelmente seria adiantado e ele teria que assisti-la sendo tirada de seus braços.

Talvez ela até precisasse voltar logo da temporada, se chegasse mais alguma carta a chamando. Talvez a despedida viesse muito antes do que esperavam.

Thiago estava se sentindo nauseado, principalmente pela forma como o pai dela morreu. Doenças inesperadas eram tão comuns que quase ninguém notava os efeitos de um veneno poderoso, mas aquele ele conhecia. *El estrangulador*, veneno de origem espanhola que fazia a vítima sufocar. Ele desconfiava que o pai dela poderia ter morrido em um ataque e não por acaso. E se fosse verdade, a

família dele provavelmente teria algo a ver com isso.

Christine Habsburg Montello era expert em venenos, ervas e poções, tendo estudado por anos para se aperfeiçoar cada vez mais. Junto com Carllos, os dois formavam uma entidade capaz de matar quem quisessem, ele por combate, ela por envenenamento. Eram uma dupla imbatível, que o próprio Thiago temia, e agora suspeitava que eles haviam matado o pai de sua amada. Seria coincidência demais se ele tivesse apenas morrido de alguma doença, e Thiago não acreditava em coincidências.

Estava andando devagar até seus aposentos, a cabeça trabalhando rapidamente na tentativa de entender o que havia acontecido. Seria o fim precoce de seu relacionamento, pois se seu pai tivesse assassinado o pai dela, e ela o odiaria por tabela, assim como odiava no início. Um ódio não por ele como pessoa, mas pelo que ele representava. Thiago suspirou, continuando a andar. Parou na porta de seu quarto, com uma sensação estranha. Algo estava errado, podia sentir em seu interior que algo estava muito errado. Girou a maçaneta e entrou, entendendo o que era aquela

sensação.

Em seu quarto, o pai e a mãe o esperavam.



Beatrice estava assustada. Não sabia como reagir ou o que fazer. Ouviu batidas na porta, mas as ignorou, até ficarem insistentes demais. Quando abriu, deu de cara com a Imperatriz Melody.

— Ah, querida, acabamos de saber. Eu sinto tanto... seu pai era um bom homem. — A Imperatriz a abraçou, a apertando em seus pequenos braços, e Beatrice deu um sorriso fraco, tentando conter as lágrimas que queriam voltar a jorrar.

— Obrigada, Vossa Majestade — ela sussurrou, engolindo em seco. A Imperatriz se afastou e entrou no quarto dela, fechando a porta quando passou e se sentando em uma das poltronas em frente à lareira.

— Sente-se, querida. Tenho uma história para você, que talvez ajude a acalmar seu coração. — Beatrice obedeceu, se sentando em frente a ela. Melody sorriu, um sorriso triste e distante. — Também perdi meu pai quando era muito nova. Meu pai e minha mãe, na mesma noite. Meu pai estava doente do coração, de acordo com alguns.

PERIGOSAS ACHERON

Sentia dores no peito frequentes quando já estava no fim, e uma noite seu coração simplesmente parou de bater. Minha mãe, não suportando a dor da perda, me entregou a coroa e se jogou da janela.

— Sinto muito — Bea sussurrou, surpresa.

— Eu também sinto. E, por muito tempo, eu me culpei pela morte dela, pensei que se eu tivesse sido mais presente e menos ocupada com meu próprio drama pessoal, ela talvez tivesse tido algo pelo qual viver. Mas a questão aqui é que, não podemos nos culpar por estarmos lá ou não. Tudo o que podemos fazer é seguir com a vida, enquanto podemos. E vou dizer a você as mesmas palavras que ela me disse naquela noite, quando me entregou a coroa: “*A coroa é pesada. Use com cuidado*”. Sabe o que ela quis me dizer com isso?

— Bea negou com a cabeça. — Para não usar a coroa sempre. Não no sentido literal, de estar com a coroa na cabeça, mas no sentido de ser a rainha. Eu tive a sorte de ter meu noivo e meu melhor amigo ao meu lado e, com a ajuda deles, eu aprendi a separar a Melody pessoa da Melody rainha. E você terá que fazer o mesmo. Eu sei o quão difícil é arcar com a coroa tão cedo, Rudolf também sabe, somos muito parecidos nisso. Se precisar de

qualquer ajuda, pode nos procurar, certo?

— Obrigada, Vossa Majestade. Significa muito para mim, ter com quem contar.

— Pode contar comigo sempre, Beatrice. Somos primas, afinal de contas, não somos? — A Imperatriz sorriu.

— Somos. Às vezes até me confundo, com tantos parentes tenho, Deus sabe que meu avô teve filhos e netos demais. — Bea deu uma risadinha, seu primeiro riso depois da carta, e o sorriso da Imperatriz aumentou.

— Eu também me perco às vezes. Tio Louis teve uma família grande, bem maior que a de meu pai. — Melody se levantou. — Bem, vou deixar que fique em paz daqui em diante. Só queria mesmo lhe dizer isso, que qualquer coisa que precisar, pode procurar a mim ou a Rudolf, nós a ajudaremos. — Ela andou até a porta, parando e se virando para Bea antes de sair. — Longo seja seu reinado. — E saiu, deixando para trás uma Bea pensativa.



Thiago controlou a vontade que sentiu de sair correndo e encarou os pais, seu coração disparado no peito.

— Surpresa. — O pai deu aquele sorrisinho maligno, que só ele tinha, sentado na cama feita do filho. — Suponhamos que não tenha passado a noite aqui. Muito bem, eu não poderia estar mais orgulhoso.

— Só tome cuidado para não engravidar uma qualquer e nos arruinar, está bem? Não precisamos de sangue sujo misturado ao dos Montello. Eu fui escolhida a dedo por seu pai e sua noiva também será.

— O que estão fazendo aqui? — Thiago perguntou, sem ser capaz de fingir alegria, não naquele momento.

— Ora, não posso mais aparecer quando quiser no castelo de meu querido irmão? — Christine piscou os olhos, com uma voz forçada de inocência e riu. — Viemos celebrar em família nossa mais nova conquista.

— E qual seria? — Thiago ergueu uma sobrancelha, o corpo gelado. Ele sabia o que o pai diria antes mesmo que Carllos abrisse a boca, seus pressentimentos estavam certos.

— Nós matamos o rei de Portugal! Usando uma versão um pouco modificada do *estrangulador*, sua mãe e eu conseguimos com que

um criado se infiltrasse e envenenasse o vinho que o rei bebia. Sua mãe misturou o veneno com um pouco de essência de *sombra da noite*, retardando o efeito por tempo suficiente para que ninguém desconfiasse de envenenamento.

— Vocês foram muito espertos. — Thiago engoliu em seco, sentindo o estômago embrulhado. Então suas suspeitas estavam certas, seus pais haviam matado o pai dela.

— Sempre somos. — Christine sorriu, se levantando da poltrona onde estava. — Agora, se me der licença, irei chamar sua irmã para celebrarmos. Trouxemos vinho do porto, em homenagem ao falecido rei. — Ela deu uma risada, realmente se divertindo com aquilo. Thiago não conseguia imaginar como, algum dia, já quis ser como eles.

A mãe saiu e o deixou sozinho com Carllos. Thiago estava começando a se recusar a pensar nele como pai.

— Você parece pálido. O que foi, a noite não foi boa? Ou foi tão boa que a passou em claro? — Carllos deu uma risada, mas Thiago não riu.

— Não quero falar sobre isso.

— Contanto que não esteja nos arriscando,

não precisa falar. — Carllos deu de ombros, sem se importar nem um pouco com os sentimentos do filho ou com o que poderia estar se passando na cabeça dele. — Pinturas interessantes as de seu quarto. Tristão e Isolda?

— Sim — Thiago respondeu simplesmente, sentindo um aperto no peito ao ouvir os nomes que sempre o fariam se lembram de Beatrice.

— Interessante — o pai repetiu. — Não pensei que Rudolf fosse do tipo a deixar a esposa decorar o castelo, mas, pelo visto, ele é ainda mais fraco que pensei. A julgar pelo quanto negligenciou sua mãe quando eram pequenos, era de se imaginar que tivesse, ao menos, um pouco de colhões nele.

— A Imperatriz deve tê-lo dobrado.

— Sim, suponho que sim. — Ele deu de ombros, voltando os olhos para o filho. — Mas e, então, chegou a receber meu bilhete, sobre as princesas portuguesas? — Thiago assentiu. — E conseguiu fazer algo contra elas?

— Não tive a oportunidade.

— Uma pena, mas não me surpreende. Continua sendo fraco, meu filho. O mais fraco dos Montello, até Jennifer, melosa como é, tem mais maldade em si. Eu diria que não sei onde errei com

você, mas o erro com certeza não foi meu. Sua mãe os mimou demais na infância, talvez tenha sido isso. Mas não importa, eu mesmo farei algo... divertido, com as princesinhas.

— Já matou o pai delas, não acha isso o bastante?

— Nem de longe. Agora a mais velha, Be alguma coisa, é a rainha.

— Beatrice — Thiago o corrigiu, automaticamente, mordendo a própria língua depois.

— Tanto faz. Ela é rainha agora. Se, ao menos, eu conseguisse envenenar a ela e a irmã também, a guerra estaria terminada. Uma dinastia inteira acabada com uma gota de veneno. — Ele deu um sorriso que fez estremecer todos os ossos de Thiago. — Mas gastamos todo o suprimento de *estrangulador* que tínhamos com o rei, e não teria graça matar todos da mesma forma. Talvez seria divertido desonrar uma delas antes de matá-la. Sua mãe ficaria com um pouco de ciúme, mas nada que algumas joias não resolvam.

— Não! — A voz de Thiago se elevou e ele pigarreou para se recompor. — Quer dizer, não, pai, não vejo que bom teria nisso. Seria suspeito se

todos os Castelleri morressem de uma vez, talvez seja melhor se esperarmos algum tempo para atacar as princesas. — Carllos pareceu desconfiado por um instante, apertando os olhos. O filho estaria escondendo alguma coisa?

— Que seja. Esperamos alguns meses, então. O que importa é que acabem todos mortos e humilhados. — Ele deu aquele sorriso maligno, e Thiago se viu obrigado a concordar com o pai, mesmo contra sua vontade. Não sabia o que faria dali para a frente.



Beatrice estava procurando por Theresa quando Mérida a achou, ofegante por ter corrido muito, parando diante dela com os olhos arregalados.

— Alteza, eu estive lhe procurando por todo o castelo e...

— Agora não, Méri. Preciso encontrar minha irmã, contar a ela que nosso pai morreu. — Ainda queimava seu peito dizer essas palavras, mas ela disse, mesmo assim. Precisava se acostumar a dizer.

— Eu sinto muito, princesa, , mas você precisa saber sobre o que eu vi. — Mérida a

PERIGOSAS ACHERON

segurou, impedindo que ela continuasse a andar. Beatrice suspirou.

— O que foi, Mérida?

— Eu... — Ela ainda estava tentando recuperar o fôlego. — Eu acabei de ouvir uma criada dizer que o rei da Espanha está aqui, com a esposa.

— Os pais de Thiago? — Beatrice arregalou os olhos, surpresa.

— Eles mesmos. Chegaram hoje mais cedo, logo antes do dia clarear.

— Está me dizendo que Carllos e Christine Montello estão aqui, neste exato momento?

— Sim, alteza. Eu sinto muito não ter lhe avisado antes, estava lhe procurando desde cedo.

— Onde... onde eles estão? — Bea perguntou, engolindo em seco, sua cabeça ainda sem processar tudo o que estava acontecendo.

— A última vez que foram vistos, eles estavam entrando no quarto do príncipe Thiago. Eu sinto muito, alteza, sei que isso era a última coisa que gostaria de saber hoje...

— Obrigada por me avisar, Méri — Beatrice a interrompeu, antes que ela falasse mais. Se sentia mal, entorpecida, incapaz de digerir todas as

notícias de uma vez. — Agora, eu preciso encontrar Theresa, se me der licença.

— Eu a vi saindo da ala leste mais cedo, talvez já esteja no quarto dela a essa altura.

— Obrigada. — E saiu, indo em busca da irmã. Não parou para pensar no que Theresa estaria fazendo na ala leste, que era a ala dos reis e rainhas, não parou para imaginar boatos ou pensar no que dizer à irmã. Não parou nem para respirar, andando o mais rápido que podia, fazendo um contorno por dentro do castelo para evitar a porta de Thiago.

Chegou ao quarto de Theresa e bateu na porta, esperando a irmã. Thessa estava descabelada, com um sorriso bobo no rosto, que se desfez ao ver a expressão de Beatrice.

— Bea? O que aconteceu?

— Eu... eu recebi esta carta. — Ela entregou o papel amassado à irmã, que arregalou os olhos enquanto lia, as lágrimas começando a cair.

— Papai morreu? — Ela ergueu o olhar para a Beatrice, que assentiu. As duas se abraçaram, e Bea se segurou para não chorar novamente. Já havia chorado demais e sempre ouviu que rainhas não podiam se dar ao luxo de serem emotivas demais.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu sinto tanto... — Bea sussurrou, abraçando a irmãzinha, percebendo, pela primeira vez, que por mais que Thessa fizesse muito mais coisas do que ela, ainda era sua irmãzinha dois anos mais nova.

— Estamos sozinhas, então? Somente nós duas e mamãe? E... você é rainha agora? — Ela assentiu. — Ah, Bea... Sei que não queria que fosse assim. Não esperávamos perder papai tão cedo. — Thessa estava fungando, contendo a vontade de chorar mais.

— Eu não estou pronta, Thessa. Não estou pronta para ser rainha de nada, sou só uma menina ainda...

— Vai dar tudo certo — a mais nova sussurrou, abraçando a irmã novamente. — Você será uma ótima rainha.

— E tem mais. Hoje cedo, os pais de Thiago, rei e rainha Carllos e Christine, chegaram aqui. Mérida quem me contou.

— Ah não. Bea... tudo isso de uma vez só, não deve estar sendo fácil.

— Não está. — Beatrice engoliu em seco, sentindo um arrepio. — O que eu faço?

— Não sei. Mas vamos pensar em algo.

PERIGOSAS ACHERON



Thiago estava se sentindo nauseado. Os pais finalmente haviam o deixado em paz e ele estava sozinho em seu quarto, olhando para a pintura com a morte de Tristão, imaginando se seu destino não estaria mais perto do que imaginava. Suspirou, tentando processar tudo o que havia acontecido. Seus pais haviam assassinado o pai de Beatrice, a guerra entre os dois havia aumentado de vez e quando ela descobrisse, o odiaria acima de tudo. Ele seria uma lembrança constante do crime dos pais, mas não podia esconder isso de sua amada.

Pegou papel e uma pena e rabiscou um bilhete, pedindo a ela que o encontrasse no labirinto, onde se viram pela primeira vez, e pediu a uma criada que lhe entregasse em mãos. Já era meio da tarde e ele andou a passos largos até o labirinto, torcendo para não esbarrar em mais nenhum familiar no caminho. Bem, seu tio Rudolf ou sua tia Melody não seriam um problema, mas não podia esbarrar no pai, mãe ou na irmã. Chegou no labirinto e se apoiou contra o muro de galhos, esperando por ela, se perguntando se Bea realmente apareceria. Não sabia o porquê da dúvida, era óbvio que sim. Ela apareceu alguns minutos depois, os

PERIGOSAS ACHERON

olhos um pouco inchados, um semblante triste. Thiago deu um sorriso desanimado, se aproximando e a tomando nos braços, sem dizer nada.

Ficaram ali, abraçados, por só Deus sabe quanto tempo, aproveitando o calor um do outro. Mas ele sabia que precisava falar.

— Meus pais estão aqui. Eles...

— Eu sei. Mérida os viu e me contou — ela sussurrou, se afastando um pouco dele e o olhando nos olhos. — O que vamos fazer?

— Bea, *mi amor*, há algo que precisa saber. A morte de seu pai... não foi por acaso.

— O quê?

— Meus pais, bem, mais especificamente minha mãe, o envenenaram. Eu reconheci os sintomas quando li a carta, mas decidi dar o benefício da dúvida, e eles acabaram com ela. Estavam rindo, Bea. Rindo! — Ele se afastou dela, frustrado, apertando as mãos em punho. — Não sabe o quanto eu quis gritar com eles, pedir que me deserdassem, mas não tive coragem. Já me arrisquei demais inventando desculpas para que não fizessem nada com você e sua irmã nem tão cedo, para que eu tivesse tempo de lhe avisar para tomar

cuidado.

— Thiago... — Ela se encolheu, lágrimas voltando a cair. — Seus pais mataram o meu...

— Sim. — Ele engoliu em seco, os olhos marejados. — Eu sinto tanto, *mi amor*, tanto.

— Esse é o nosso fim — ela sussurrou e ele quase pôde ouvir o coração dela se partindo.

— Não precisa ser — ele pediu, tocando o rosto dela. — Eu não sou como eles.

— Precisa ser, se quiser se manter vivo. — Ela segurou a mão dele sobre seu rosto, fechando os olhos. — Eu já perdi tanto hoje, não posso te perder também...

— Não precisa me perder. Ainda podemos nos encontrar, com menos frequência que antes.

— É arriscado demais com eles aqui. E se nos pegarem?

— Eu sou bom mentiroso, posso inventar algo. Dizer que estava tentando te seduzir para te humilhar ou algo assim. — Ele fez uma careta, o peito se apertando com essa ideia. — Eles são tão cegos para o amor, que nunca perceberiam a mentira em minha voz, nunca notariam a dor em te deixar ir. O único amor que minha mãe algum dia teve foi por ele, e ele, mesmo a amando, faz o que

PERIGOSAS NACIONAIS

quer quando quer. Só enxergam poder, por mais que ela ainda tenha um coração e ele não, o dela só vê ele. Nunca amou a mim e a minha irmã, no máximo, sentiu carinho por nós.

— Sua mãe soa como uma bela contradição a si mesma.

— Ela é. Existe a Christine antes de Carllos e a Christine depois dele, e as duas vivem em conflito. Mas isso não importa agora, o que importa somos nós, e como vamos sobreviver a esta crise. — Ele a abraçou, repousando os lábios na testa dela.

— Queria tanto que as coisas fossem mais fáceis.

— Vão ser. Um dia, quando Carllos e Christine estiverem mortos, quando seu marido estiver morto e formos bem velhos, nos encontraremos novamente, rei e rainha juntos outra vez. E morreremos juntos, para que destino nenhum acredite que pode nos separar.

— Eu amo você — ela sussurrou, abraçando-o apertado. Ouviram passos no labirinto e se afastaram em um pulo, ela com os olhos arregalados. — Me diga quando pudermos nos ver novamente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Se pudermos, eu direi — ele sussurrou, beijando a mão dela e saindo rápido por uma das curvas do labirinto.

PERIGOSAS ACHERON



Beatrice já não se aguentava mais. Há dias e dias que não via Thiago, e tinha ficado mal-acostumada vendo-o toda noite. Estava criando coragem para fazer algo totalmente arriscado e nada apropriado de uma rainha: se esgueirar para o quarto dele no meio da noite. Queria fazê-lo seu uma última vez, queria ser dele uma última vez. Mal conseguia se lembrar de qual foi o último beijo que deram, pois nunca se imagina que vai ser o último. Sempre se espera que tenham mais, mais beijos, mais noites, apenas... mais. Sabia que ele havia dito que a procuraria, mas já havia esperado demais. Estava na hora de tomar os próprios riscos.

PERIGOSAS ACHERON

Ela se levantou de sua cama, com uma onda repentina de coragem e vestiu seu vestido favorito dos que havia trazido, saindo do quarto e caminhando até o dele. Ela caminhou rápido, parando na porta dele. E se os pais dele estivessem ali, o que ela faria? Bea suspirou, criando coragem. Eles não estariam, não tinham por que estar. Abriu com cuidado a porta destrancada, olhando com medo, mas graças a Deus não havia ninguém ali. Ela sorriu, aliviada, andando até a cama dele e se sentando.

Amava o quarto dele. Depois de tanto tempo ali, o lugar já tinha o cheiro dele, e ela não poderia estar mais feliz em estar cercada por coisas de Thiago. Era um alívio para sua saudade, para a dor que a consumia por estar longe. Ele estava se tornando uma parte muito maior da vida dela do que ela poderia ter esperado, e estava mais que apaixonada por ele. Beatrice o amava com todas as forças que tinha em seu corpo e não sabia como seria quando em algumas semanas se despedissem para sempre.

Suspirou, se levantando e começando a desamarrar o vestido. Faria uma surpresinha para ele, uma despedida digna dos dois. Sabia que

PERIGOSAS NACIONAIS

estava se arriscando demais e que essa seria a última noite juntos, então aproveitaria cada segundo, cada detalhe, tudo dele que pudesse.

Tirou o corpete, o vestido, as roupas de baixo e até as meias, os dobrando e deixando de lado, na poltrona próxima à cama. Se deitou, puxando um lençol fino sobre si e esperando por ele, analisando as imagens de Tristão e Isolda para passar o tempo. Sim, eles também eram amantes proibidos, mas não acabariam mortos. Já era óbvio que não tinham como passar a perna no destino, mas agora, Bea não podia mais se dar ao luxo de morrer com ele. Não poderia deixar a mãe e a irmã sozinhas no mundo, tão cedo, após a morte do pai, então, teria que ser a rainha que sempre esperaram dela.

Estava já começando a ficar impaciente quando a maçaneta da porta girou e ele entrou. Ela deu um sorrisinho, vendo-o arregalar os olhos ao fechar a porta e se virar para ela.

— Surpresa — sussurrou, rindo baixinho da expressão dele, empurrando o lençol para o lado, revelando seu corpo nu para ele. Thiago engoliu em seco, paralisado. — Pensei que nunca fosse aparecer.

PERIGOSAS ACHERON

— Ficou louca, Beatrice? — A voz dele não passava de um sussurro, mas ela conhecia aquele tom rouco. — E se não fosse eu a abrir a porta?

— Valia a pena o risco. — Ela se sentou, as pernas esticadas. — Nós merecemos uma despedida, não acha?

— Bea... — Ele balançou a cabeça e ela riu, um sorriso confiante. — Você me deixa louco, sabia?

— O objetivo é esse. — Ela deu um sorrisinho de canto que havia aprendido com ele. — Lembra como na noite do baile de máscaras você foi meu dono? — Ele assentiu. — Muito bem, hoje é a minha vez.



Thiago achou que havia ficado louco, que estava alucinando de tanta saudade. Como ela poderia estar ali, nua e pronta para ele, um sorrisinho cheio de más intenções no rosto, a língua passando pelos lábios. Ele ficava duro só de imaginar o que ela poderia ter em mente.

— Muito bem, Vossa Majestade. O que quer que eu faça? — Ele sorriu, vendo-a morder o lábio inferior enquanto pensava. Era a coisa mais linda que ele já havia visto em toda a sua vida.

— Tire suas roupas — ela pediu e ele assentiu, entrando em seu joguinho, se perguntando até que ponto ela iria. Desabotoou o colete, bem devagar, provocando-a. O deixou cair no chão e arrancou a camisa por sobre a cabeça, a jogando de lado e desabotoando as calças em seguida. Ela apenas observava, com o lábio entre os dentes, pensativa, fascinada. O membro dele pulou para fora, duro, latejando por ela. Bea deu um sorriso, se levantando da cama e andando até ele. — Hoje você é inteiramente meu, entendeu?

— Sim, senhora. — Ele sorriu, sentindo a boca dela na sua e correspondendo ao beijo, sentindo a força dos lábios dela e da língua contra a sua, o forçando a se entregar. Era fascinante deixá-la tomar as rédeas, podia ver o quanto ela havia aprendido desde aquele beijo no labirinto até aquele momento, e saber que ele era o único a ensinar tudo aquilo a ela, o deixava orgulhoso, cheio de desejo.

— Me diga se eu fizer algo errado — ela sussurrou, soltando os lábios dele e descendo beijos por seu rosto até seu pescoço, onde deixou uma mordida. Ele deu um gemido, uma mistura de dor com prazer, ouvindo a risadinha dela enquanto sugava a pele dele, descendo aos poucos pelo peito,

parando um pouco e inclinando a cabeça enquanto pensava. Ele não teve tempo de se perguntar o que ela tinha em mente, apenas sentiu os dentes dela em seu mamilo, fazendo com que arregalasse os olhos, jogando a cabeça para trás. Aquela mulher era doida! E ele a amava.

Bea passou a língua por onde havia mordido, brincando com o mamilo dele como ele fazia com o dela, sentindo enquanto ele se mexia com a excitação, o membro dele se pressionando contra ela, de forma que ela podia sentir o quanto pulsava. Ela desceu uma mão pelo corpo dele, o envolvendo. Se surpreendeu por um momento, como algo tão duro poderia ser tão macio ao mesmo tempo, mas logo deu um sorrisinho e o acariciou, deslizando a mão por sua extensão.

Thiago gemeu, deliciado com o toque suave dela. Sua Bea era deliciosa, até as mãos dela eram capazes de levá-lo ao paraíso. Nas mãos dela, ele se esqueceu de todos os riscos e perigos, de todos os problemas e medos pelos quais estavam passando e apenas se entregou. Se ela queria uma última noite, uma despedida, ela teria. Ambos mereciam isso.

Ela começou a descer mais os beijos, passando a língua pelo abdome dele e se

ajoelhando em frente a ele. Thiago arregalou os olhos ao perceber o que ela faria.

— Bea, você não precisa...

— Você fez isso em mim. Também quero tentar. — Ela sorriu, um sorriso cheio de malícia, com os olhos piscando e pedindo *por favor*. Ele gemeu, se segurando num dos pilares da cama, deixando que ela fizesse o que quisesse com ele.

Beatrice começou devagar, explorando as opções, descobrindo como fazer aquilo. Primeiro beijou a ponta de seu membro e, percebendo que tinha uma reação positiva, repetiu. Eram beijos leves, molhados, e ele poderia ter morrido apenas com isso, mas ela foi além. Pouco a pouco o colocou na boca, explorando a extensão dele até ter tudo o que conseguia. Ele gemeu mais alto, apertando a mão no mastro da cama e a outra na própria cintura, sem querer segurá-la. Queria ter certeza de que ela pudesse parar quando quisesse.

Ela deu uma risadinha que ele amaldiçoou e começou a brincar com ele. Em alguns momentos beijava sua extensão, em outros passava a língua e, por vezes, o abocanhava novamente. Ele não estava aguentando mais quando a segurou pelos ombros e fez com que se afastasse, praguejando em espanhol

enquanto ela ria.

— O que foi? — Ela se fez de inocente, piscando os olhos.

— Se continuasse, eu iria... sabe muito bem o que iria acontecer — ele murmurou, apertando os olhos, enquanto ela ria baixinho e ficava de pé. Ela se inclinou na direção dele, roçando-lhe os lábios.

— Muito bem, vamos para a próxima parte. Deite-se. — Ela sorriu e ele obedeceu, sem pensar duas vezes. — Se lembra da banheira? — Ele assentiu. — Eu gostei de ficar por cima. De estar no controle...

— Sou todo seu. — Ele deu uma batidinha na coxa, a chamando e ela sorriu, engatinhando para cima da cama e se posicionando sobre ele, sem deixar que ele a penetrasse, ainda.

— Não tão rápido, meu amor. Só temos esta noite, iremos aproveitar cada segundo. — Ela se esfregou sobre ele, o provocando, vendo-o revirar os olhos com a força do desejo e deu uma risadinha. Continuou essa doce tortura até que nem ela aguentava mais.

— Bea...

— Peça com jeitinho. — Ela sorriu de canto, se movendo mais uma vez.

— Por favor — ele implorou e ela sorriu. Com uma mão o guiou para dentro de si. Gemeu alto ao senti-lo a preenchendo, e começou um lento processo de subir e descer, sem nunca o tirar por completo.

Thiago gemeu mais alto, segurando a cintura dela, subindo as mãos até os seios, a atijando, jogando álcool na fogueira, a fazendo gemer o nome dele. Bea parou com ele até o fundo e girou os quadris, revirando os olhos ao fazê-lo, descobrindo o próprio prazer com o corpo dele. Continuou a rebolar, chegando perto e parando por alguns instantes para, então, começar de novo. Thiago estava se segurando, mas não se deixaria ir, enquanto ela não fosse primeiro. Essa noite era dela.

Ela continuou chegando tão perto e parando, até que ela gemeu baixinho e se remexeu toda, arrancando um gemido dele.

— Thiago... me toque — ela pediu e ele obedeceu, a tocando exatamente onde ela queria. Diabos, deveria ter percebido antes que ela não conseguiria gozar sem aquilo, mas ficou tão distraído com os movimentos dela que não se lembrou. No momento que ele a tocou, ela explodiu

em segundos, continuando a rebolar sobre ele, sem parar, até que ele a sentiu se apertando sobre ele a segunda vez, a terceira. As pernas dela estavam tremendo sobre ele, enquanto se contorcia toda, e ele não pôde mais se segurar. Sabia que era arriscado, mas não havia tempo, e se derramou dentro dela, com um gemido rouco que misturava palavras com o nome dela.



Beatrice se jogou ao lado dele na cama, ofegante, as pernas ainda bambas, sentindo seu corpo inteiro tremer. O que diabos havia sido aquilo? Já havia acontecido duas vezes, na noite do baile, mas três vezes seguidas, quase quatro? Pelo amor, era demais!

Ela ofegou, tentando recuperar o fôlego, ouvindo a risada de pura alegria dele ao seu lado e ergueu uma sobrancelha.

— Do que... está.... rindo? — sussurrou entre suspiros, se virando para ele.

— De nós. Eu já havia escutado boatos sobre mulheres conseguirem chegar lá várias vezes seguidas, mas você é a primeira que eu vejo pessoalmente. E é simplesmente incrível! Seu rosto... ficarei duro a vida inteira só de lembrar.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Então, não é normal isso acontecer? — Ela arregalou os olhos e ele negou com a cabeça, sorrindo de canto.

— É mais uma coisa especial que temos entre nós. — Ele se deitou de lado, tocando o rosto dela, acariciando sua bochecha, os olhos brilhando. — Você é maravilhosa.

— Você também é — ela disse, fechando os olhos. — Estou exausta! — Ele riu, puxando um cobertor sobre o corpo nu dela, dando um beijo em um mamilo antes de cobri-la.

— Durma um pouco. Ainda temos horas e horas até o amanhecer, podemos tentar bater seu próprio recorde. — Ela deu um gritinho ao ouvir isso e ele riu. — O que foi?

— Está tentando me matar na base do prazer?

— Se estiver, morremos juntos — ele disse, beijando-lhe os lábios. — Durma, *mi amor*. Prometo lhe acordar em algumas horas para fazermos de novo.

— Se eu só acordar ao amanhecer, você será um homem morto — ela sussurrou, sonolenta.

— Eu prometo — ele prometeu, e ela não demorou muito para adormecer.

PERIGOSAS ACHERON

Ele realmente a acordou duas horas depois, e passaram a noite se amando, até que o amanhecer veio para separá-los.



Beatrice se levantou da cama, sem a mínima coragem, olhando para um Thiago adormecido. Ele havia pegado no sono depois da última vez que se amaram, mas ela continuou acordada, o observando, memorizando cada detalhe. Não sabia quando ou se teriam uma oportunidade dessas novamente, então queria absorver cada pequeno centímetro dele, a forma como seus olhos se moviam sob as pálpebras quando estava sonhando, a forma como seu rosto repousava num sorriso calmo, a posição descontraída em que se encontrava. Thiago dormindo era um anjo digno de pinturas, e ela o amava.

Ela suspirou baixinho e foi pegar suas roupas na poltrona. Pegou o vestido e o vestiu, prendendo o corpete de qualquer jeito e dando um nó no lugar do laço. Ela se sentou na poltrona, observando-o por mais alguns instantes, em dúvida se deveria se despedir ou não. Achou por melhor deixar que ele descansasse um pouco. Andou até a escrivaninha dele e deixou um bilhete simples, “Amo você, hoje e para sempre. Vamos dar um jeito na situação com seus pais, nosso amor dará um jeito. Com carinho, Bea”.

Se retirou do aposento, fechando lentamente a porta e seguindo o corredor para seu quarto, com um sorriso no rosto. Não percebeu que, do outro corredor, rei Carlos a observava.



Thiago acordou com a porta sendo escancarada e ao abrir os olhos e ver o pai ali, deu graças a Deus por estar coberto com um lençol e... Bea! Piscou os olhos, olhando em volta. Ah, graças a Deus, ela havia saído!

— O que está fazendo aqui tão cedo? — ele reclamou com o pai, se sentando na cama, mantendo o cobertor da cintura para baixo.

— Eu vi, Thiago. Acabei de ver a vadiazinha

PERIGOSAS ACHERON

portuguesa saindo daqui. — Carlos deu um sorriso maldoso, com o canto da boca. — Então você finalmente tomou uma atitude e a desvirtuou. Muito bem! — O pai fechou a porta e Thiago sentiu seu corpo gelar. O pai havia visto Beatrice e achava que Thiago estava com ela por maldade, para arruiná-la. Ao menos, assim, ele teria uma chance de mentir. Engoliu em seco e assentiu, forçando um sorriso a surgir no rosto.

— Ela está arruinada. Fiz questão de ser o primeiro, para ela ter que se explicar na noite de núpcias em algumas semanas. — Ele torceu para que o pai não notasse o quão forçada estava saindo a sua voz. Thiago sempre foi bom mentiroso, mas dessa vez era mais difícil. Tinha que dar a entender que tinha repulsa do amor de sua vida.

— Ela é boa? Me parece ser boa, nova daquele jeito e fresca...

— Ótima. — Thiago se forçou a dizer, sentindo vontade de vomitar. Era doloroso falar assim da mulher que amava.

— Bom saber. Quem sabe eu não faça uma visitinha a ela. — Carlos sorriu de canto, se virando de costas. — Vista-se, temos um longo dia pela frente.

— Temos?

— Logo você entenderá. Sua irmã tem algo em mente para ferir o emocional da outra princesa.

— Ele se virou para a escrivadinha de Thiago, remexendo nas canetas. Thiago se levantou rapidamente, pegando as ceroulas do chão e as vestindo, indo pegar uma camisa branca no baú. — O que é isso?

— O quê? — ele perguntou, sem dar atenção, vestindo as calças.

— “Amo você, hoje e sempre” — Carllos leu o bilhete e Thiago sentiu seu corpo congelar onde estava. É, sua farsa não havia durado muito. Olhou para o pai, vendo a ira surgir nos olhos de Carllos. — “Nosso amor”. *Nosso*. Me diga que estava mentindo para ela que a amava, que foi assim que a arruinou. Me diga que não se apaixonou pela vadiazinha portuguesa!

— Eu...

— E não ouse mentir para mim, Thiago Montello! Vou saber se mentir e você vai se arrepender amargamente.

— Sim! Eu estou apaixonado por ela e ela por mim, satisfeito?! — Thiago explodiu e, por mais que estivesse se condenando, estava aliviado

por, pelo menos, não precisar dizer mentiras sobre ela.

— Satisfeito? Você é uma desgraça, se apaixonando assim, pelo primeiro rabo de saia que aparece! — o pai gritou, a raiva agora palpável no ar.

— O senhor se apaixonou pelo primeiro rabo de saia que apareceu também! E pelo que eu me lembro, mamãe também era uma inimiga — Thiago atacou, se arrependendo no momento que seus lábios se fecharam.

— Primeiro? Primeiro?! Você ficou burro com o tempo, Thiago? Eu analisei muito bem minhas opções e sua mãe era uma inimiga útil. Ela odiava o irmão tanto quanto eu odiava o império dele, ela foi minha aliada, acima de tudo. Sua princesa, por acaso, odeia o reino do qual é rainha agora? Por acaso, ela comemorou a morte do pai da mesma forma como Christine comemorou a quase morte de Rudolf naquele baile italiano? — Thiago abriu a boca para responder, mas o pai o calou com um tapa. — Não! Sua princesa provavelmente chorou e... estava com ela na manhã em que chegamos? Foi de lá que veio?

— Foi. E se está esperando que eu me

desculpe, vai continuar esperando e... — Thiago foi mais uma vez calado com um tapa, dessa vez mais forte. Seu rosto ardia, mas ele não iria abaixar a cabeça.

— Só não lhe deserdo porque é meu único herdeiro homem e ainda é melhor do que deixar sua irmã reinar. — A voz de Carllos estava amarga, ácida.

— Deveria me deserdar, ao menos assim, eu estaria livre para me casar com ela.

— Está muito enganado, se acha que eu lhe deixarei ser feliz com sua vadia portuguesa.

— Não a chame assim!

— Eu a chamo do que eu quiser! — Carllos gritou, explodindo. — Você não venha defendê-la para mim, se não quiser apanhar novamente e, dessa vez, com mais força!

— Todas as surras do mundo não vão calar meu sentimento por ela. Não quer ver Jenny rainha? Você não terá escolha! Eu vou morrer solteiro, me recuso a casar com outra.

— Você vai se casar com quem eu mandar, pois eu sou seu pai e seu rei!

— Você não é nada! — Thiago gritou. — Beatrice é minha rainha, você e Christine são

apenas os pais que eu desejaria não ter.

— Seu maldito ingrato! — Carllos acertou um soco no rosto do filho, que caiu no chão. — E não ouse se levantar! Você é uma vergonha para mim e para sua mãe, para nosso país. E a partir de agora vai ficar longe da vadiazinha, já que se importa tanto com a vida dela. Se eu sequer sonhar que vocês se viram novamente, ela terá um destino ainda mais doloroso que o pai.

E saiu, batendo a porta atrás de si, deixando a ameaça no ar. Thiago congelou onde estava, sabendo que aquelas palavras eram tão verdadeiras quanto a noite é escura. Não tinha mais escolha, precisava se afastar de Beatrice e precisava ser breve.



Beatrice estava sentada na biblioteca, mais de uma semana depois da última noite com Thiago. Não tinha mais tido notícias dele e estava começando a ficar desconfiada, mas o pai dele parecia estar sempre por perto, então, não teve mais chances de se esgueirar para o quarto dele no meio da noite. Uma pena, outra despedida não seria nada mal.

Ela sorriu para si mesma, olhando para a

PERIGOSAS ACHERON

chuva lá fora. Era um dia bastante chuvoso, com um temporal cheio de trovões, e ela estava sozinha na biblioteca. A maioria estava em seus quartos, aproveitando o frio para ficar debaixo das cobertas descansando, principalmente porque só faltavam mais duas semanas da temporada e então todos iriam embora.

Ela não havia conseguido dormir. Já vinha dormindo mal nos últimos dias, mas essa noite especificamente ela ficou se revirando na cama, sem conseguir pregar os olhos, não importava o quanto estivesse cansada. Ela, de jeito nenhum, conseguiria passar o dia inteiro parada, então, por isso resolveu ir até a biblioteca. Não havia nenhum livro que lhe chamasse a atenção que ela ainda não tivesse lido, então optou por reler, pelo que parecia a milésima vez, *Tristão e Isolda*, mas não estava conseguindo se concentrar na leitura. Suspirou, apoiando a cabeça no vidro da janela e olhando para a chuva, pensando em Thiago.

Como ele estaria? Por que não havia mandado nem um bilhete, nem uma tentativa que fosse de se aproximar... Será que finalmente havia se cansado dela? Ela acreditava que não, amor não desaparece assim, e tinha certeza do amor dele.

Não estava sendo usada, por mais que ele fosse um bom mentiroso, ele não era tão bom assim, a ponto de fingir o olhar. E ela via nos olhos dele o quanto a amava. Não, ele não estava mentindo para ela.

Então, por que havia se afastado? Ela não achava que fosse somente por causa dos pais, deveria haver alguma forma de driblá-los... a menos que eles tenham descoberto sobre os dois.

Ela sentiu um arrepio só de pensar nisso, com medo do que aconteceria se os pais dele descobrissem. Ela já tinha medo que a própria mãe descobrisse, e Arystelle não era uma conhecida assassina sanguinária como Christine. Bea conhecia as histórias, principalmente do baile italiano onde Christine esfaqueou o próprio irmão pelas costas, quase o matando.

Bea morria de medo, talvez mais de Christine que do próprio Carllos, considerando que ela matava por emoção, enquanto Carllos era por estratégia. Beatrice já havia providenciado um provador para todas suas refeições e bebidas, e logo precisaria avisar a mãe para fazer o mesmo, mas tinha medo de mandar o aviso por carta e ser interceptada. Se não pudesse provar que o pai fora envenenado, ela perderia toda a credibilidade como

rainha e se tornaria uma mocinha assustada, que inventa mentiras. Não podia arriscar sua reputação, era tudo que ainda tinha.

Suspirou, fechando os olhos e escutando o barulho da chuva, tentando pensar em outra coisa, qualquer coisa. Começou a gastar sua imaginação com besteiras, criando como seria sua vida se ela e Thiago não fossem inimigos.

Ainda teriam se conhecido no labirinto e ela ainda teria sido seduzida, não mudaria essa parte. Mas não teria problemas ao descobrir quem ele era, pois seria permitido, e se apaixonariam gradativamente num amor forte e intenso. Teriam se deitado juntos na adega, ela também não mudaria isso, mas ele não estaria bêbado e já teria dito antes o quanto a amava. Se casariam ainda na Germânia, e depois iriam viver juntos no palácio dela. Nesse mundo de fantasia, Thiago era um importante lorde da fronteira portuguesa, por isso, ele ainda falaria espanhol. Ela amava os “*te quiero*” dele, não gostaria de mudar isso. Quando casados, ela engravidaria, primeiro de uma menina, chamada Eleonora Ailee e, depois, de um menino, o qual Thiago escolheria o nome, já que seria o herdeiro. E por ser ele, ela não se incomodaria de

ter seu poder diminuído por um rei consorte.

Tudo seria perfeito, se ele não fosse o maldito herdeiro espanhol. Ou, se ela não fosse a herdeira portuguesa, também daria certo. Se ela fosse apenas uma lady rica com poder suficiente para ser aprovada pelo maldito rei espanhol, ela e Thiago poderiam se casar.

Mas ela era Isolda e ele era Tristão, não havia escapatória para os dois. Ela se casaria com Marke e ele com alguma lady que o pai escolhesse, e viveriam separados por toda uma vida. Mas morreriam juntos, isso ele havia lhe prometido.

Ela suspirou, abrindo os olhos e se levantando do assento na janela. Não adiantava imaginar contos de fadas se vivia num conto de tragédia. Deixou o livro na prateleira e saiu da biblioteca, andando pelos corredores desertos. Parou perto da porta dele, pensando em bater, mas desistiu, se virando e seguindo o caminho para seu quarto. Tinha dado poucos passos, quando ouviu a voz atrás de si, um tom rouco e firme, com um sotaque carregado.

— Então, é você a vadia portuguesa que enfeitiçou meu filho.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Beatrice sentiu seu corpo congelar ao ouvir a voz de Carlos. Soube que era ele no momento que escutou sua voz, e se virou, sentindo seu sangue frio correndo nas veias.

— Do que me chamou? — Fingiu uma força que não tinha, desafiando o próprio diabo. Suas mãos estavam tremendo, então, as fechou em punhos atrás de si, para que ele não visse.

— De vadia portuguesa. É isso que você é, não é? Uma vadiazinha qualquer que se acha capaz de roubar meu filho, que achou que acabaria uma guerra com o que tem entre as pernas. Eis uma notícia para você, “majestade”, você não vai acabar

PERIGOSAS ACHERON

guerra nenhuma com a sua linda, pequena e rosinha...

— Não admito que fale assim comigo! — Ela souou mais firme do que se sentia, se perguntando onde estaria Thiago. Sentia que precisaria de um herói em breve, se Carllos não fosse embora.

— Por que não? Somos família, não somos? — Ele foi se aproximando, provocando, indo em direção a ela. Bea tentou recuar, mas ele dava passos mais largos que os dela e, em instantes, estava em frente a ela. — Meu filho já esteve dentro de você, isso me faz seu... o quê? Sogro? Vamos dizer sogro, para todos os efeitos. Somos famílias, *princesita*, o que me dá o direito de falar como eu bem entender.

— Não somos família, seu... argh! Não sou nada sua.

— Mas é do meu filho. Já foi dele, imagino que várias vezes, a julgar pelo sorriso que tinha no rosto ao sair do quarto dele. — Ah, então, ele a havia visto naquele dia. Era esse o problema... droga! — Aposto que estava vindo de lá agora.

— Eu não...

— Não minta para mim, garota. Seu falecido

pai não lhe ensinou a não mentir?

— Meu pai não é da sua conta, seu assassino miserável! — ela praticamente rosnou, falando entre os dentes, a voz amarga.

— A gatinha tem garras. — Ele riu, um riso de escárnio, dando mais um passo para junto dela. — Você é tão gostosinha quanto parece ser, gatinha?

— F-fique longe de mim — ela gaguejou, dando um passo para trás, mas ele não os deixou ficarem distantes por muito tempo, se aproximando dela mais uma vez, a encurralando contra uma parede.

— Está com medo, garotinha? De mim? — ele provocou, rindo, erguendo uma mão e tocando um cacho de cabelo dela. Puxou de leve, enrolando a mecha em um dedo e ela, por instinto, deu um tapa na mão dele, o fazendo erguer uma sobrancelha. — Toque em mim de novo e vai se arrepender, garota.

— Se. Afaste. De. Mim — ela disse pausadamente, se encolhendo, tentando se afastar dele.

— Você pode até ser rainha, mas não me dá ordens, garota.

— Toque em mim de novo e vai ter que se ver com Thiago — ela ameaçou, esperando que surtisse algum efeito. Mas não funcionou, pelo contrário.

— Acha que eu tenho medo dele? Tolinha, Thiago não me assusta, pergunte sobre olho roxo que deixei nele quando descobri sobre vocês. Aliás, talvez depois de hoje eu deixe mais um.

— Não o machuque!

— Ah, está preocupada com seu queridinho, é? — Novamente aquele riso de escárnio, enquanto ele voltava a tocar o cabelo dela. — Quem sabe, se você me deixar provar um pouco dessa sua magia que o conquistou, eu não faça nada...

Bea não se conteve, ergueu a mão em um tapa bem dado no rosto dele. Não era obrigada a aturar aquela sujeira, aquela maldade, aquelas insinuações... sentia nojo só de ouvi-lo falar.

— Eu avisei que iria se arrepender. — Ele puxou os braços dela, segurando-lhe os pulsos sobre a cabeça. Bea sentiu seu corpo gelar, enquanto ele a prensava na parede. — Eu estava até pensando em lhe deixar ir, mas depois disso... Vou provar um pouco do que conquistou meu filho, quem sabe você não conquista um rei também? —

Ele riu, se inclinando e forçando um beijo na boca dela.

Bea fechou a boca, sem corresponder, tentando afastar-se, se debatendo. Carllos era mais alto e mais forte do que ela, e a segurou firme onde estava, a prendendo contra a parede, puxando a parte de cima do corpete dela com uma mão e o rasgando, expondo um seio. Deu um sorriso de canto, tão diferente do sorriso doce de Thiago com o qual ela havia se acostumado, e ela se remexeu, tentando se soltar.

— Socorro! — ela gritou quando pôde, se contorcendo, sentindo o desespero crescer em seu peito.

— Ninguém vai vir lhe salvar, garotinha. — A voz dele havia mudado, para algo completamente maligno, uma voz que ela nunca havia escutado antes, quase que não era humano. — Você agora é minha.

— Não, por favor, não... — ela implorou, se debatendo, tentando com todas as suas forças se soltar.

O aperto dele em seus pulsos doía e ele começou a descer uma boca pelo corpo dela, tocando o seio com os dentes, numa mordida forte

e nada gentil. Ela fechou os olhos, se contorcendo novamente, sentindo dor. Não era nada como os carinhos doces de Thiago, como os toques suaves e amorosos. Era bruto, duro, sem se importar em como ela se sentia ou se estava gostando. Ele não queria que ela gostasse, queria machucá-la. Bea já havia ouvido histórias de criadas que eram tomadas contra a vontade, mas nunca pensou que isso aconteceria com ela, muito menos, sendo rainha.

Ele começou a subir as suas saias e desabotoar as próprias calças, e ela começou a tremer de pânico. Alguém ia aparecer, alguém precisava aparecer, ela precisava de um herói.

Carllos a jogou no chão e ela bateu com a cabeça contra a pedra fria, sentindo-o ficar sobre si. “*É isso*”, ela pensou. “*Estou arruinada, destruída e humilhada. Não há escapatória*”.

— Socorro! — Ela meio que chorou, meio que gritou mais uma vez, antes de ter sua boca tapada pela mão dele. Foi então que sentiu a mão dele chegando perto demais de onde não deveria tocar e percebeu que era tarde demais. Ninguém lhe salvaria.



Thiago estava se sentindo mal o dia inteiro.
PERIGOSAS ACHERON

Provavelmente era o único fora de seu quarto naquele tempo chuvoso, mas não tinha mais o que fazer trancado em seus aposentos. Estava andando pelo labirinto, sem se importar se adoeceria no temporal, parte de si rezando para que um raio o atingisse bem na cabeça e acabasse com seu sofrimento.

Depois de um bom tempo caminhando sem rumo na chuva, ele andou até o campo de treinamento, com sua própria espada em mãos, e começou a atacar um dos bonecos de treino, visualizando o rosto do pai. Estava com um ódio profundo de Carllos — a quem recusava a chamar de pai depois de tudo o que aconteceu — e só queria que ele desaparecesse. Mas, sendo ruim como o diabo, provavelmente viveria por décadas e décadas até finalmente lhe dar algum descanso.

Ele atacou o boneco mais uma vez, cortando o rosto de pano da mesma forma como cortou o de Marke no outro dia, se interrompendo ao pensar no que havia se tornado. Naquele dia, ele agiu como o pai agiria, marcando seu território e atacando sem piedade... E se odiou por isso. Precisaria se desculpar com Marke em algum momento, o coitado não tinha culpa se o pai de Beatrice o havia

designado como noivo dela.

Fosse como fosse, Thiago se afastou do boneco, suspirando e decidindo voltar para seu quarto. Andou devagar pelos corredores vazios do castelo, deixando poças de água por onde passava. Pensou ter ouvido um grito distante em um momento, mas achou estar ficando louco. Era o amor o enlouquecendo, a falta de Beatrice fritando sua mente.

Ele parou na porta da biblioteca, olhando para o banco onde ela sempre se sentava e se perguntando onde ela estaria. Seria arriscado demais lhe fazer uma visita? Talvez não. Pegou o caminho mais curto até o quarto dela, andando mais depressa e batendo na porta dela, olhando em volta para garantir que o pai não estava ali por perto.

Bateu de novo, sem nenhuma resposta. Suspirou, desistindo e se virando de costas, indo em direção ao seu quarto. Estava quase dobrando o corredor quando ouviu um grito, um pedido de socorro, e seu coração quase parou. Conhecia aquela voz, a conheceria até nos confins do inferno. Era Bea, a sua Bea.

Ele correu, com todo o peso das roupas molhadas o atrapalhando, parando por um milésimo

de segundo ao se deparar com aquela cena horrível.

Sua Bea estava no chão, no final do corredor, com um homem sobre ela. Naquele momento, Thiago não reconheceu os cabelos ou a nuca do homem, não parou para pensar e sentindo-se mais lento que o normal, ele puxou a espada da bainha e a atravessou pelas costas do homem.



Beatrice estava de olhos fechados, chorando, sentindo-o quase penetrá-la, quando, de repente, ele parou, ela abriu os olhos para encontrar os olhos dele arregalados e uma mancha de sangue surgindo na frente de seu colete, com a ponta de uma espada atravessada. A espada sumiu e ele foi jogado para o lado e ali, de pé, estava seu salvador. Seu Thiago.

Ela não conseguiu parar de chorar, tremendo assustada, parada onde estava no chão. Viu quando Thiago arregalou os olhos ao ver o rosto do pai no homem sangrando, e ouviu mais do que viu Carllos dar um último sorriso de escárnio.

— Você agora é um Montello de verdade —

ele murmurou para o filho, perdendo as forças. Thiago se abaixou e puxou Beatrice do chão, a abraçando o mais forte que podia, enquanto ela ainda chorava, tentando confortá-la.

Ele a puxou consigo, aproveitando que seu quarto era ali no corredor ao lado e entrou com ela nos braços, a colocando sentada na cama e a observando, os olhos assustados.

— Você está bem? Ele não conseguiu... ah, Bea, eu sinto tanto *mi amor*, tanto — ele sussurrou, tocando o rosto dela, sentindo o estômago se embrulhar ao ver a marca de mordida no seio dela. Pegou um colete que estava em cima do baú e a cobriu com ele, escondendo sua nudez.

— E-e-ele... Ele tentou... — Ela estava soluçando de tanto chorar, as mãos tremendo. Thiago segurou suas mãos, só então vendo que as dele também estavam tremendo. Ele a abraçou novamente, a segurando junto de si.

— Está tudo bem, ele não conseguiu... certo?

— Você... você chegou bem na hora — ela sussurrou, os olhos ainda escorrendo lágrimas, se segurando com toda a força nele. — Você... Você o matou.

— Eu precisei. Nem vi que era ele, eu

apenas vi que era alguém em cima de você e não suportei a ideia de permitir que aquilo acontecesse. Quando dei por mim, a espada já estava atravessada nas costas dele e eu estava olhando para o rosto de meu próprio pai... de Carllos. Ele nunca foi um pai, não vai ser agora. E não sabemos se ele está morto... — Thiago se encolheu um pouco, a abraçando com força, a beijando na testa.

— Como não estaria? Você o atravessou com uma espada, Thiago, ninguém sobrevive a isso... — ela sussurrou, se afastando um pouco e segurando o rosto dele nas mãos. — Como está se sentindo?

— Mal — ele sussurrou, fechando os olhos. — Eu já havia matado antes, mas em combate. Nunca espetei um homem pelas costas, nunca havia atravessado ninguém com uma espada antes. Não sei nem de onde tirei forças para fazê-lo, apenas precisei tirá-lo de você... nada pode acontecer com você, minha vida.

— Thiago... muito obrigada — ela sussurrou, chorando um pouco menos, se abraçando a ele de novo. — Eu sinto tanto, eu não consegui afastá-lo...

— Ei, não foi sua culpa. Não foi sua culpa,

mi amor, não foi sua culpa — ele repetiu, fazendo carinho nos cabelos dela, beijando sua testa.

— O que vamos fazer agora, Thiago? Se alguém descobrir, você será condenado por regicídio...

— Ninguém vai descobrir, me ouviu? Ninguém. Vão apenas encontrar o corpo dele pelos corredores e abrirão um questionamento sobre quem foi, mas nunca vão ter provas para acusar ninguém. Não saberão que fui eu. Não saberão que eu fiz o mesmo que ele...

— O quê?

— Carllos matou o próprio pai, quando se tornou rei, anos antes de conhecer minha mãe. Ele sempre se gabou sobre isso, sobre como foi forte o bastante para matar o homem que o espancava e que ninguém era páreo para ele. Eu fiz o mesmo. Eu... eu sou igual a ele — Thiago sussurrou, se afastando dela e indo se sentar na poltrona, apoiando os cotovelos nos joelhos e escondendo o rosto nas mãos.

— Ei... você não é *nada* como ele — ela disse, se virando para ele. — Você não é como ele nem um pouquinho que seja. Ele era um monstro, Thiago, e você é um anjo. Você é o meu anjo da

PERIGOSAS NACIONAIS

guarda, você me salvou, e eu te amo tanto por isso.... você não é como ele. Não é nem um pouco como ele.

— Bea, eu...

— Não! Eu me recuso a deixar que você fale qualquer coisa sobre isso. Você *me salvou*. Ele estava quase... quando você chegou. Você me salvou. Você não o matou por esporte ou vingança, você o fez para me proteger. Você foi o meu herói, Thiago, e eu te amo por isso. Eu te amo ainda mais do que antes, se é que isso é possível, pois você me protegeu. Eu amo tanto, tanto você. — Ela se levantou, indo até ele e se abaixando junto à poltrona, puxando as mãos dele e o fazendo olhar para ela. — Obrigada.

— Bea... eu tive tanto medo. Quando ouvi seu grito, quando vi aquilo, pensei que o pior já tivesse acontecido. Se eu tivesse me demorado mais dez segundos, seria tarde demais, tem noção do quanto eu me odeio por isso? Eu estive passeando pelos jardins e pelo campo de treinamento, enquanto você precisava de mim. Eu cheguei a tempo por um milagre, mas eu nunca deveria tê-la deixado sozinha, mesmo com as ameaças, eu não deveria ter me afastado...

PERIGOSAS ACHERON

— Espere aí, ameaças? — Ela não estava entendendo mais nada. Segurou as mãos dele, o olhando nos olhos, confusa.

— Sim, *mi amor*, por que acha que eu me afastei? Ele descobriu sobre nós e ameaçou matá-la se nos aproximássemos novamente, e eu não poderia arriscar que alguma coisa lhe acontecesse. Mas eu deveria ter lhe avisado para tomar cuidado, deveria saber que ele não era confiável e que lhe atacaria, mesmo sem que eu tivesse quebrado a maldita regra dele. Eu deveria ter se lembrado de que sou filho do próprio diabo e do quão arriscado seria. Devia ter lhe dito para ir embora quando tivesse a primeira oportunidade, e fosse sem olhar para trás. Eu deveria ter lhe protegido, minha amada.

— Você me protegeu. No momento certo, você me protegeu.

— Ele ainda te feriu — ele sussurrou, fazendo um sinal em direção ao peito coberto dela. Bea estremeceu só de lembrar, lentamente tirando o colete dele e, pela primeira vez, olhando o estado de seu corpo. Tinha mordidas no seio e nas costelas, manchas horríveis de dentes que demorariam a sarar. — Ah, *mi amor*, *lo siento*

tanto...

Ele, lentamente para não a assustar, ergueu uma mão e contornou as manchas na pele dela, sem nenhuma segunda intenção, apenas dor no olhar. Ela se encolheu um pouco e ele parou, deixando a mão cair ao lado do corpo.

— Eu deveria ter fugido, não deveria ter provocado a ira dele — ela lamentou, fechando os olhos e deixando mais uma lágrima cair. — Eu tive tanto medo...

— Shh, não precisa mais se preocupar com isso, ele nunca mais poderá te tocar. Ele nunca mais fará mal a ninguém. — Ele a abraçou, aconchegando a cabeça dela em seu peito, a segurando com todo o carinho que podia. — Você vai ficar bem, *mi amor*, você vai ficar bem.

— O que vamos fazer quando descobrirem? E se alguém levar a culpa? E se...

— Não pense nisso, *mi amor*, deixe que eu me preocupo com isso. Agora, você precisa voltar ao seu quarto, antes que seja tarde demais. Acha que consegue fazer isso?

— Consigo — ela sussurrou, se levantando e envolvendo o colete dele novamente sobre o tecido rasgado do vestido.

— Ande rápido e não passe pelo corredor onde o deixamos. Se encontrar algum criado, o que eu acho difícil, aja naturalmente. Seja superior e não irão lhe fazer perguntas, me entendeu? — Ela assentiu. — Ótimo. Agora vá e não conte a ninguém sobre o aconteceu, nem à Mérida.

— Tudo bem, não vou contar, nunca — ela sussurrou, se levantando do chão. Ele se levantou também, abraçando-a mais uma vez e beijando sua testa.

— Vai ficar tudo bem — prometeu-lhe, beijando a testa dela uma última vez, e então ela saiu.

Meia hora depois, ele ouviu o grito de espanto de uma criada e soube que seu crime havia sido descoberto.



Beatrice andou rapidamente, a passos largos, tentando chegar ao seu quarto o mais rápido possível. Quando finalmente chegou, ela passou a chave duas vezes, se trancando na sua bolha de segurança e se sentando no chão, escorrendo o rosto entre os joelhos dobrados, sentindo seu corpo voltar a tremer. O que seria deles agora? O que ela faria, o que ele faria, como resolveriam isso?

Ela estava tremendo, de medo, de pânico, sem saber o que seria dali para a frente. Não sabia quanto tempo ficou sentada ali, tremendo, mas eventualmente ouviu passos correndo do lado de fora e soube que o corpo havia sido encontrado. Se forçou a se levantar e a trocar de roupas, colocando um vestido claro e feliz, o oposto de como se sentia, mas precisava manter as aparências de garota inocente. Pegou o vestido rasgado e, com muita pena, o jogou no fogo. Não podia deixar que ninguém o encontrasse, ainda mais com a mancha do sangue de Carllos que havia escorrido sobre ele. Ela pôs uma mão sobre a costela que estava doendo devido à mordida, e nem queria pensar na dor do mamilo. Ele realmente a havia machucado.

Respirou fundo, se recompondo o máximo que podia e destrancou a porta. Não saiu do quarto, esperando que alguém a viesse chamar. Minutos depois, veio a primeira batida na porta. Ela a abriu, dando de cara com uma Mérida de olhos arregalados.

— Bea, meu Deus do céu, você não vai acreditar no que aconteceu.

— O que foi, Méri? — Ela sabia a resposta, sabia o que viria, e se preparou para fazer uma

expressão de choque.

— Carllos Montello, rei da Espanha, foi encontrado morto num corredor do castelo. Estão dizendo que foi apunhalado pelas costas, uma criada o encontrou e não tiveram mais como salvá-lo. A arma, ela... o atravessou. — Méri tremeu, se encolhendo onde estava ao pensar naquilo.

— Meu Deus — Bea sussurrou, forçando uma expressão surpresa. — Já... — ela engoliu em seco —... já sabem quem foi?

— Não. Estão esperando a rainha chegar para ver o corpo... Bem, creio que seja Rainha-Mãe agora, e... oh! Thiago é o novo rei. Você e ele são rei e rainha, inimigos... Ah, Bea... — Mérida abraçou a amiga, que apenas ficou parada, em choque, de verdade. Ainda não havia pensado naquele detalhe.

— Eu...

— Não, não diga nada. Não precisa dizer nada, eu imagino como deve estar se sentindo... lhe recomendo não ir ao corredor norte, ele ainda está lá, de acordo com o que ouvi. Se tranque em seu quarto e espere o Imperador dizer algo sobre isso, até lá, você precisa ser forte. Quem sabe isso não seja bom para você e Thiago? Sem ter quem os

separe... Ah, que horror acabei de dizer! Quase comemorei a morte de um homem, isso não é nada cristão... — Mérida estava tagarelando sem parar, provavelmente por causa do nervosismo.

— Tudo bem. Vai ficar tudo bem. E, Méri, só uma coisa, antes de você partir. — Beatrice correu até o baú e pegou o primeiro vestido que viu pela frente, o entregando à Mérida. — Use isso. A partir de agora você é uma lady, minha lady de companhia... A vida é curta demais para não a aproveitarmos.

— Bea... obrigada! — Mérida abraçou Beatrice, que deu um sorriso que era uma mescla de alívio com tristeza. Ao menos, ninguém desconfiava dela ou de Thiago. E ela havia feito a amiga feliz, criado uma distração.

— Não me agradeça ainda. Vá contar para seu Daniel quem você realmente é, e se tudo der certo, então, você me agradece. — Bea sorriu. — Meu final feliz não irá acontecer, mas você ainda pode ter o seu. Sinto muito por não ter feito isso antes, mas fiquei tão confusa essas semanas, que não me lembrei de lhe dar o título de lady.

— Não se desculpe, Vossa Majestade. Eu entendo. — Mérida sorriu, a abraçando novamente

PERIGOSAS NACIONAIS

e se despedindo dela, saindo correndo com o vestido em mãos.

Beatrice ficou sozinha, pensativa, se perguntando o que fazer. Ao menos, havia feito alguém feliz, era um certo equilíbrio ao crime que Thiago cometeu naquela tarde. Por mais que Carllos fosse o próprio diabo, matá-lo ainda era um crime. Bea precisava se sentir bem sobre algo nesse dia, e esse algo foi Mérida.

Fechou a porta de seu quarto, se trancando novamente e indo se deitar, mas não conseguiu dormir. Passou a noite acordada, com medo dos pesadelos, e a lembrança vívida do diabo sobre si.

PERIGOSAS ACHERON



Havia se passado uma semana até que Rudolf finalmente convocou uma reunião com os ali presentes sobre o assunto da morte de Carllos. Ele tinha em mente uma conversa civilizada, mas a irmã tinha outros planos. Christine Montello havia reagido terrivelmente mal à morte do marido e estava, aos poucos, enlouquecendo. Dias atrás, quando encontrou o corpo dele, soltou um grito tão gutural que parecia vindo dos confins do inferno, a própria Lilith chorando a morte de satã, como diriam alguns. Era assim que eles eram conhecidos e assim seriam muitos anos após suas mortes.

Ela havia chegado gritando ao salão do
PERIGOSAS ACHERON

trono, os olhos enfurecidos, carregando uma adaga dourada em mãos. Rudolf ergueu uma sobrancelha ao vê-la, sentado em seu trono e foi o primeiro a dizer algo.

— Christine, você precisa se acalmar. Sabemos que seu marido está morto e podemos apenas imaginar a dor que deve estar sentindo, mas estamos tomando as providências necessárias para encontrar o culpado.

— Ah, estão? Estão, é? Eu não creio que estão realmente, eu creio que o culpado está bem aqui, livre e falando, enquanto o *meu homem* está sendo enterrado longe de casa, pois o corpo não aguentaria uma viagem de dias, é nisso que eu creio. — Ela estava ensandecida, os olhos exalando loucura, de uma forma que ninguém nunca havia visto. Nem mesmo os dois filhos a estavam reconhecendo. Ela era uma mulher de coração partido, e ninguém ali sabia o que fazer para confortá-la.

— Christine, você precisa se acalmar — Rudolf repetiu, sem saber o que mais dizer.

— Eu não vou me acalmar! Não até o culpado estar tão morto quanto Carllos.

De um lado do salão ao outro, todos se

entreolharam, procurando alguém com rosto de culpado. O único rosto no qual não olharam era o de Thiago, afinal, quem suspeitaria do filho do falecido? Não, ele, Jennifer e a própria Christine eram os únicos a não ser considerados suspeitos.

— Não sabemos quem é o culpado. Era um dia chuvoso, ninguém estava fora dos quartos, os criados estavam na cozinha, ninguém viu nada, Christie. Por favor, se acalme.

— Não me chame assim! — Ela estremeceu, os olhos arregalados. — Você perdeu o direito de me chamar assim. *Ninguém* me chama de Christie. Não sou Christie, sou Christine, Christine Montello, rainha da Espanha. — Alguém na multidão a corrigiu para “Rainha-Mãe” e ela se virou na direção da voz, os olhos mais furiosos que antes. — Eu sou a rainha! Se acham que vou permitir que um garoto reine em meu lugar, estão muito enganados, eu sou rainha até morrer. — Ela cravou os olhos furiosos no filho.

Carllos, antes de morrer, havia lhe contado sobre a paixão do filho pela maldita herdeira portuguesa, e Christine desenvolveu um ódio profundo pelo menino ao qual antes tinha tanto amor.

— Mãe, eu sei que a senhora está nervosa — Thiago falou com calma, escondendo a culpa que sentia. — Mas a senhora não está pensando direito. Eu também quero saber quem matou meu pai — ele mentiu —, mas não é assim que vamos descobrir, apontando adagas e...

— É assim, sim! — ela gritou, se aproximando do filho, segurando firme o cabo da adaga. Era uma bela adaga, de cabo dourado com minúsculos rubis formando a letra M, do outro lado a mesma estampa do anel dos Montello. Era a adaga que antes pertencia a Carllos, e que estava com ele quando morreu. — Acha que eu não sei quem está realmente por trás disso? — Ela se virou, os cabelos quase chicoteando o rosto do filho, encarando novamente o irmão. — Você nunca pôde me ver bem, Rudolf. Não depois de nossos pais morrerem e você se tornar Imperador, e não me venha com aquela maldita ladainha de que era jovem demais, você não era jovem demais, eu era! Eu era uma menina de três anos, e fui negligenciada, deixada para passar fome e depender da boa vontade de criados, enquanto todos só se preocupavam com o novo Imperador!

— Christine, você não entende, não foi culpa

minha como te trataram, eu não sabia...

— Não, você estava ocupado demais sendo fraco! “*Pobre de mim, mamãe morreu e papai se matou*”, bem, grande novidade para você, seu maldito, eu estava viva! Estava viva e era quem mais precisava de atenção e não tive nem uma sombra de carinho, de aceitação. Eu, aos três anos, fui mais forte do que você, com nove, e até hoje continuo sendo mais forte! Eu perdi o amor da minha vida e aqui estou, lutando por justiça, enquanto você não aguentaria dois dias sem *essazinha* aí. — Ela apontou a adaga para Melody, um sorriso maligno surgindo no rosto.

— Não fale da minha mulher. — Rudolf conseguiu manter a calma, mas Christine nem o ouviu.

— Talvez se eu a matasse, você entendesse a dor que eu estou sentindo. Sabe muito bem que eu poderia atirar essa adaga agora mesmo, eu sempre tive uma boa pontaria. — O sorriso aumentou, beirando à insanidade. — Sim, eu poderia muito bem matá-la e nenhum de vocês teria tempo de me impedir. E, aí, o que você faria? Olho por olho, Rudolf, olho por olho...

— Eu não matei Carllos, Christine. Poderia

muito bem ter matado, mas não o fiz. Não sou como ele era, não sou baixo a ponto de matar um hóspede. Sabe disso.

— Eu não sei de nada! Nada! Tudo que eu sei é que perdi tudo o que tinha, e que agora eu não tenho nada, nada, absolutamente nada, perdi minha coroa, perdi meu marido e a culpa é toda sua! Pode dizer que não e pode não ter sido você a cravar a espada nas costas dele, mas foi culpa de sua maldita temporada de inverno. Bem, não sua, da sua *mulherzinha* inútil e tola, que se acha capaz de ser Imperatriz. Esse título deveria ser meu, meu!

— Christine...

— Pare de dizer meu nome! — ela gritou, apertando mais as mãos no cabo da adaga. — Eu quero meu marido, eu quero meu marido! — ela gritou, olhando em volta, os olhos se enchendo d'água. — Tragam meu marido de volta!

— Sabe que não podemos fazer isso...

— Eu o quero de volta! Carllos não teria apenas morrido assim, ele teria lutado, quem o matou foi um covarde, covarde! Matando um homem pelas costas! — Ela girava, de um lado para o outro, fazendo contato visual com todos ali presentes, segurando a adaga com as duas mãos,

com tanta força que os nós dos dedos estavam brancos.

— Sim, foi um covarde. E vamos encontrar o responsável.

— Eu quero a cabeça dele! Eu quero a cabeça de todos aqui, alguém foi o responsável e se não se entregar, eu matarei todos... Começando pelas vadias portuguesas e, depois, minha adorada cunhada. — Ela parou, apontando a adaga para onde Beatrice e Theresa estavam. — Eu matei o papaizinho de vocês, sabiam? Matei e mataria de novo! — Ela estava tão ensandecida que não se importava mais em confessar aquilo em alto e bom tom, dando risadas de loucura.

— Mãe! Não diga mais nada, por favor — Jennifer pediu, pensando em se aproximar da mãe, mas com medo do que poderia acontecer se tentasse.

— Por que não? Eu já perdi tudo, o que mais tenho a perder, o que vou perder? Você e seu irmão? Eu não me importo! Nada mais me importa, não sem Carllos!

— Você acaba de se confessar uma regicida, Christine. Não me deixa outra escolha. — Rudolf se virou para os guardas, dando um aceno com a

cabeça. — Prendam-na.

— Não! — ela gritou, erguendo a adaga com uma mão, o corpo inteiro tremendo. — Não vou ser sua prisioneira, não vou ser seu motivo de chacota, não vou... não vou! — ela gritou.

E enquanto a filha e o irmão gritavam “*não!*”, ela ergueu a adaga e a forçou contra o próprio peito, dando um grito descontrolado e caindo de joelhos, o sangue escorrendo da ferida aberta em seu peito.

E esse foi o fim de Christine Montello, rainha da Espanha, esposa de Carllos, e posteriormente conhecida como “a rainha louca”.



Três dias depois havia um ar estranho no lugar. Carllos e Christine foram sepultados juntos no cemitério do castelo e todos estavam tentando seguir adiante, após os acontecimentos, mas a temporada havia sido encurtada e acabaria no dia seguinte.

Beatrice imaginava que não teria uma chance de se despedir de Thiago, e estava passeando com Marke, que ainda estava positivamente chocado com tudo o que havia acontecido. A cicatriz no rosto já estava rosada e

PERIGOSAS ACHERON

totalmente fechada, e Bea percebeu que agora era o melhor momento para falar com ele, para dizer a verdade.

— Marke, precisamos conversar. É sobre o nosso noivado, eu...

— Não, não precisa dizer. Agora que é rainha, irá conversar com sua mãe para desfazer nosso compromisso, acertei?

— Não errou. — Ela deu um sorriso de desculpas e ele deu de ombros, sorrindo em resposta.

— Imaginei que isso fosse acontecer. Não vou mentir, estou até aliviado.

— Aliviado? — Ela ergueu uma sobrancelha. — A ideia de se casar comigo é tão desagradável assim? — Ela deu sorriu.

— Não é isso. — Ele riu. — É que, bem... eu não iria lhe contar, já que nos casaríamos, mas creio que agora não fará mal lhe dizer. Estou apaixonado por outra pessoa, uma mulher da corte inglesa, Lady Brianna. Ela não é tão rica como você, obviamente, e não tivemos tempo de levar nosso amor a público, antes de meu pai e tia Louise me noivarem com a senhorita.

Bea olhou bem para ele e teve uma crise de

riso nervosa, vendo-o erguer as sobrancelhas, enquanto ela ria, uma verdadeira gargalhada daquelas que caem lágrimas dos seus olhos.

— Posso saber do que está rindo?

— Me desculpe, é que... — Ela riu mais, balançando a cabeça. — Eu também estou apaixonada por outro! Era isso que eu iria lhe dizer, o motivo de desfazer nosso noivado...

— Você também tem um amor! Há! — Ele riu também, os dois se divertindo com aquilo.

— E minha situação é um pouco pior que a sua. Ele...

— Ele é um plebeu?

— Ele é Thiago Montello.

— O quê?! — Marke arregalou os olhos e ela deu um sorriso amarelo.

— Isso mesmo que você ouviu, Thiago Montello, o amor da minha vida. E ele também me ama! Mas obviamente nunca poderemos ter nada oficialmente, já que somos inimigos declarados e, agora, com a morte dos pais dele...

— Aquilo foi trágico demais. Quer dizer, o homem era o diabo em pessoa, mas morrer com uma espada nas costas, não é um bom jeito de ir. — Marke balançou a cabeça. Ele ergueu uma

sobrancelha, só agora se dando conta de algo. — Espere, quando Thiago Montello me acertou no rosto com aquela espada...

— Foi por ciúme. E ele sente muito.

— Não entendo como você, doce como é, se apaixonou por um Montello. — Ele balançou a cabeça e ela deu de ombros, sorrindo. — Mas diga a ele que está perdoado.

— Ele não é como os outros Montello. Ele é bom, realmente bom, com um coração de ouro. Ele fez tanto por mim, que você nem imaginaria, ele é tudo para mim. — Ela suspirou e Marke a observou, assentindo.

— Você realmente o ama?

— Amo.

— Então, não deixe que nada os separe. E qual o problema em serem inimigos? Os pais dele estão mortos e seu pai também, vocês poderiam começar uma nova dinastia! Não deixe que nada os impeça de ficarem juntos, mesmo que precisem esperar o período de luto apropriado, antes de tomarem uma atitude, ainda pode dar certo entre vocês. O fim de nosso noivado é uma chance, tanto para vocês quanto para mim e Brianna. Nós quatro recebemos uma nova chance e devemos aproveitá-

la.

— Você é sempre tão bem-humorado...

— Preciso ser. — Ele sorriu, se inclinando e beijando a bochecha dela. — Agora, se me der licença, preciso ir pensar no que dizer à Brianna quando chegar em casa.

— Diga que a ama e que está livre para se casar com ela. Isso deve bastar. — Ela sorriu, se aproximando e o abraçando. — Obrigada por ser meu amigo.

— Digo o mesmo, minha amiga. — Ele sorriu, abraçando-a apertado e a soltando. — Lembre-se de escrever para mim, certo?

— Escreverei. — Ela sorri, e ele se afastou, andando para o próprio quarto. Ela suspirou e se virou, voltando sozinha pelos corredores, um peso retirado de seus ombros.

Ela amava Marke como a um irmão e era bom saber que ele sentia o mesmo, que seriam sempre amigos, agora, sem a obrigação do noivado. Havia feito dois bons amigos na Alemanha, Marke e Mérida. Inclusive, com tudo o que ocorreu, ela não soube o que aconteceu entre Mérida e Daniel, mas tudo indicava que estavam bem. Ela esperava que sim.

Suspirou, mais uma vez, sentindo sua carga mais leve e abriu a porta de seu quarto. Lá estava Thiago, sentado na poltrona, esperando-a.



Thiago havia estado o dia inteiro impaciente. Andando para lá e para cá, sabendo que seu tempo com Beatrice estava prestes a se acabar. Ainda se corroía com a culpa de ter matado o próprio pai e ter a loucura e morte da mãe também em suas mãos. Não havia superado tudo o que tinha acontecido, em tão pouco tempo, não conseguia ainda compreender toda a bagunça pela qual passou.

Havia decidido fazer uma surpresa para ela e a estava esperando no quarto dela. Quando Beatrice entrou no quarto, com um sorriso calmo no rosto, ele não pôde evitar sorrir também.

— Boa noite, *mi amor*. — Ele sorriu, vendo a surpresa dela e deu uma curta risada. — Surpresa?

— O que está fazendo aqui? — ela sussurrou, fechando a porta atrás de si e passando a chave.

— É nossa última noite aqui. Pensei que poderíamos passá-la juntos. — Ele sorriu, um sorriso agora triste, dando um tapinha na própria perna para ela ir se sentar.

— Thiago, eu não sei se depois de tudo já estou pronta para...

— Eu sei disso, meu amor — ele a interrompeu. — Já tivemos nossa despedida de diversão entre quatro paredes. Esta noite apenas ficaremos juntos, conversando ou dormindo, até que a luz do sol venha nos separar.

— Eu amo você — ela sussurrou, aliviada, indo até ele. Thiago estava com as pernas abertas e ela sentou sobre uma coxa dele, passando as mãos em volta de seu pescoço. — Obrigada por me entender — agradeceu, encostando a cabeça no ombro dele, fechando os olhos. Ele sorriu, fazendo carinho nos cabelos dela.

— Sempre, *mi amor*, sempre. — Ele

continuou a fazer carinho nela, com a calma de quem tinha uma joia preciosa nas mãos, pois era isso que ela era. Sua joia mais preciosa. — Como foi seu dia?

— Foi bom. Passei a tarde passeando com Marke e, no final, acabei desfazendo nosso noivado e contando a ele sobre nós.

— Contou a ele? — Thiago se espantou e ela deu uma risadinha, abrindo os olhos.

— Conteí. Ele foi bem compreensivo, aliás, sabia que ele também está apaixonado por outra pessoa? Lady Brianna da Inglaterra, uma garota da corte com quem ele cresceu. E ele disse que te perdoa pelo ciúme e pelo corte no rosto.

— Eu não pedi desculpas — Thiago resmungou e ela deu outra risada, tocando o rosto dele.

— Eu disse que você sentia muito e não menti. Agora, pare de teimosia com o pobre Marke, ele é meu amigo, eu o amo como a um irmão. Não precisa se preocupar nunca mais, ele não é uma ameaça a nós. — Ela sorriu, acariciando o rosto dele. — Uma ameaça a menos. Agora, só sobrou a guerra.

— “Só” — ele resmungou, mas sorriu e

tocou o rosto dela. — Queria tanto que as coisas fossem mais fáceis.

— Elas vão ser, eventualmente. — Ela sorriu. — Marke me convenceu a ser otimista, então, nem que precisemos esperar anos e anos, um dia estaremos juntos novamente. E ainda vamos nos reencontrar em seis meses no casamento de Klaus e Katherine, e em outros eventos que surgirem e requisitarem a presença do rei espanhol e da rainha portuguesa. Não vamos passar uma vida inteira sem nos ver. Ao menos, temos isso de consolo. — Ela suspirou, fechando os olhos de novo e voltando a repousar a cabeça no ombro dele. — Queria que pudéssemos ter mais.

— Um dia nós teremos, nem que seja em outra vida — ele sussurrou, beijando os cabelos dela e passando um braço embaixo de suas pernas, se erguendo da poltrona com ela no colo. Ela deu um gritinho e ele riu, a colocando sentada na cama. — Trouxe algo para você sempre se lembrar de mim. — Ele pegou a camisa que estava no braço da poltrona e a entregou a ela. — Usei ontem o dia inteiro, então tem meu cheiro. Pode dormir com ela sempre que sentir minha falta e será como se eu estivesse lá. — Ele sorriu, e ela sentiu os olhos

marejados. Era algo tão simples e, ainda assim, tão lindo.

— Obrigada — ela sussurrou, pegando a camisa das mãos dele e a abraçando. Realmente tinha o cheiro dele. — Não tenho nada para você, a não ser... já sei! — Ela se levantou da cama, indo revirar o baú, já arrumado, até encontrar o que queria. — Essa era minha manta favorita, eu dormia com ela todas as noites... Agora é sua. — Ela sorriu, vendo-o balançar a cabeça, com um sorriso, e pegar a manta das mãos dela.

— Viu, só? Nunca ficaremos sem nada um do outro. Essas serão as provas de que o que tivemos foi real, e não apenas um doce sonho.

— Amo você — ela disse baixinho, se aproximando e dando um beijo suave nos lábios dele, um beijo cheio de carinho e doçura.

— *Te quero tanto, mi amor* — ele sussurrou, beijando a testa dela e a abraçando. Ela encostou o rosto no peito dele, ouvindo seu coração bater. Era um som maravilhoso, a prova de que ele estava vivo e ali com ela.

Ficaram assim, abraçados sem dizer nada, pelo que pareceu tempo demais, até que ela finalmente se afastou um pouco. Os olhos dela

estavam marejados, com um sorriso triste de quem sabia que tinha as horas contadas.

— Preciso trocar de roupa para dormir — ela disse, pensando por um instante. — Para deitar. Não vou dormir esta noite, ficaremos acordados e conversando até o dia clarear. — Ela sorriu e ele assentiu, sorrindo em resposta, colocando a manta dela na poltrona.

— Ficaremos só nós dois, acordados até estarmos prestes a desmaiar. Podemos muito bem dormir na carruagem de volta para casa amanhã.

— Exatamente! — Ela riu baixinho, indo até a cômoda pegar a camisola que havia deixado de fora do baú para essa noite, junto com o vestido que usaria na viagem. — Eu iria te pedir para se virar, mas acho que não há motivos para isso. — O rosto dela ficou levemente rosado, enquanto ela se virava de costas. — Me ajuda a desamarrar?

— Não precisa pedir duas vezes — ele provocou de leve, com uma risada, indo até lá e desfazendo os laços que prendiam o vestido dela, até estar todo solto e a ajudou a deslizar o vestido para baixo e, então, a desamarrar o corpete que havia por baixo, vendo-a respirar mais livremente quando este caiu no chão. Era a última vez que a

veria nua. Sentiu o peito se apertar com esse pensamento, e a viu se virar, com um sorrisinho triste de quem estava pensando a mesma coisa.

Ela vestiu a camisola e começou a desabotoar o colete dele, lentamente, puxando a camisa sobre a cabeça e desabotoando seus shorts bufantes. Ele os tirou, ficando apenas de ceroulas e ela deu uma risadinha quando olhou para baixo.

— Thiago...

— Eu não controlo isso. — Ambos riram, balançando a cabeça.

— Sinto muito, por não...

— Não se desculpe. Depois do que você passou, não me surpreende que precise de um tempo. E eu vou respeitar o tempo que for. Seu bem-estar é muito mais importante que uma ereção ou duas deixadas de lado. — Ele tocou o rosto dela, sorrindo.

— Obrigada — ela sussurrou, ficando na ponta dos pés e dando mais um beijo suave nele, sorrindo. — Amo você.

— *Así como yo te quiero* — ele sussurrou, beijando-a com calma, um beijo sem segundas intenções ou maldades. Um beijo de amor. — Como estão os machucados? Não me lembrei de

olhar antes.

— Melhores. Agora são só manchinhas amareladas. — Ela ergueu os pulsos, mostrando onde havia sido segurada, e as manchas realmente quase não existiam mais. Ela, então, ergueu a camisola até exhibir um seio, mostrando que as mordidas, antes roxas e vermelhas, agora eram manchas num tom claro de amarelo. Thiago ergueu uma mão e contornou de leve as manchas, com cuidado, fazendo um carinho.

— Logo logo não vão mais existir. — Ele deixou a mão cair e ela soltou a camisola, que voltou a alcançar seus pés. — Você vai ficar bem. Vai ficar bem, vai superar este trauma e vai ter filhos lindos algum dia. — Ele sorriu, se aproximando e beijando a testa dela.

— Não quero filhos, se não for com você — ela declarou, mas ele balançou a cabeça, a puxando para a cama.

— Sabe que isso não é possível — ele disse, puxando-a para se sentar ao seu lado. — Gostaria muito que fosse. Teríamos muitos filhos, o suficiente para encher um castelo. — Ele riu, beijando a testa dela e a vendo erguer as sobrancelhas.

— Está me achando com cara de parideira?
— ela provocou, rindo baixinho. — Eu tinha pensado em uma menina e um menino. Eleonora Ailee, e o menino você escolheria o nome.

— Diego. Diego Castelleri Montello, herdeiro de um império. — Thiago sorriu, os olhos pensativos, a cabeça longe. — E mais uma menina. Djessica. — Ele sorriu, olhando para ela. — As meninas seriam parecidas com você e teriam a sua doçura. Diego cresceria num lar de amor, no qual nunca precisaria matar o próprio pai. — Ele fez uma piadinha de mau gosto, que ela riu, dando um tapa no braço dele. — Falando sério, ele seria feliz, todos eles seriam criados em um lar de amor. Teriam tudo o que eu nunca tive. — Thiago sorriu, beijando o rosto dela.

— E eles nunca precisariam saber do legado de maldade dos Montello, ao menos, não até crescerem. — Ela sorriu, se deixando cair deitada na cama, escorregando para os travesseiros.

— E eles seriam bons. Os primeiros Montello a serem bons de nascença, puxando a mãe deles.

— Você também é bom, Thiago.

— Graças a você. Se não lhe conhecesse, eu

PERIGOSAS NACIONAIS

provavelmente seria como meu pai, um bruto que não se apaixona nem se importa com ninguém, além de si mesmo. — Ele balançou a cabeça, sem nem querer imaginar aquilo.

— Mas você não é assim. Você é um doce de pessoa, sabia? — Ela sorriu, beijando o rosto dele. — Você é o meu doce de pessoa. Por mais provocador e irritante que fosse no começo, você sempre teve um coração de ouro. Eu não teria me apaixonado por você se fosse diferente — ela completou, vendo-o se deitar ao seu lado e olhar para ela.

— Obrigado por me tornar um homem melhor. — Ele sorriu, tocando o rosto dela e acariciando sua bochecha.

— Obrigada por me salvar. — Ela respondeu, sorrindo. — Meu Tristão.

— Minha Isolda. — Ele beijou os lábios dela levemente e a puxou para se deitar em seu peito. — Se importaria se eu desse um pequeno cochilo? Prometo acordar assim que você quiser.

— Pode dormir, meu amor. Eu estarei aqui quando acordar. — Ela sorriu, com uma risada baixinha, fazendo carinho nos cabelos bagunçados dele.

PERIGOSAS ACHERON



Enquanto Thiago dormia, ela parou para pensar em tudo o que viveram, sua história inteira passando em flashes em sua mente. Tudo começou naquele labirinto, com ele a seduzindo sem que ela imaginasse quem ele era e, então, veio o choque: era um inimigo. E disso começou o jogo de sedução entre os dois, até o dia em que se encontraram naquela adega e ele disse que a amava. Foi a melhor noite de sua vida, a forma como ele repetiu “*te quiero*” durante todo o tempo. E depois vieram as noites e noites que passaram juntos, a briga quando ele descobriu o noivado dela, as discussões e reconciliações... Ele havia sido a coisa mais incrível que havia acontecido a ela.

Bea passou a noite acordada, deixando-o descansar, fazendo algo que tanto gostava e o observando dormir. Era lindo, seu anjo adormecido. Ela fez um leve carinho nos cabelos dele, vendo-o se mexer um pouco e sorrir em seu sono. Ela sorriu também, sentindo os olhos se encherem de lágrimas. Era a última vez que o veria assim. Era a última vez que o veria e ponto, não importavam os reencontros aleatórios em eventos, em nenhum eles teriam a mesma liberdade que tiveram ali. A PERIGOSAS ACHERON

Germânia havia se tornado uma segunda casa para os dois, um lar. O lugar onde se encontraram e se apaixonaram.

Beatrice deu um sorriso triste, beijando levemente os lábios adormecidos dele. Ele se mexeu um pouco, mas não acordou e ela lentamente o abraçou, fechando os olhos e adormecendo também.

Acordou pouco antes de o sol nascer, dando de cara com ele a encarando, um sorriso no rosto.

— Bom dia, *mi amor* — ele sussurrou.

— Mau dia, péssimo dia, último dia — ela sussurrou em resposta, fazendo uma espécie de bico e arrancando uma risada curta dele.

— Você é linda — ele elogiou, tocando o rosto dela. — Nunca se esqueça do quanto eu a amo.

— Não vou esquecer. — Ela sorriu, se aconchegando junto a ele, o apertando entre os braços.

— O dia já vai clarear — ele disse, a voz falhando um pouco. — Por que não me acordou durante a noite?

— Você fica lindo dormindo e precisava descansar, depois de tudo o que aconteceu nas

PERIGOSAS NACIONAIS

últimas semanas. Acha que não notei as olheiras? — Ela deu um sorrisinho triste, tocando o rosto dele, contornando seus olhos com o polegar. — Sem falar que eu adoro te ver dormindo, parece um anjo.

— E você parece uma deusa. — Ele sorriu, puxando-a para cima de si e a olhando bem, tentando memorizar cada detalhe. — A minha deusa.

— Sua Afrodite — ela disse, rindo baixinho e suspirando. — Vou sentir sua falta. Todos os dias da minha vida, eu vou sentir sua falta.

— Digo o mesmo, *mi amor*. — Ele tocou o rosto dela, sorrindo. — Sentirei sua falta em todos os momentos de todos os dias, até que nos encontremos novamente.

Pela janela, a primeira luz do dia começava a surgir, e ela suspirou, se inclinando e dando um beijo nele, se levantando em seguida. Thiago balançou a cabeça.

— Precisamos nos vestir. Logo as carruagens começarão a chegar e os criados virão buscar minhas coisas... Chegou ao fim — ela declarou, engolindo em seco, indo pegar seu vestido de viagem.

PERIGOSAS ACHERON

— Queria que as coisas fossem diferentes.

— Eu também — ela sussurrou, tirando a camisola e a jogando em cima do baú, pegando seu corpete e o envolvendo no corpo, se atrapalhando com os nós. — Me ajuda?

— Claro. — Ele se levantou, indo até ela e prendendo as fitas do corpete, sem apertar demais e, em seguida, ajudando-a a vestir o vestido, amarrando a segunda leva de fitas. Deu o último laço e a virou para si, segurando seu queixo e a beijando levemente. — Amo você.

— Assim como eu amo você — ela sussurrou, com um sorriso triste.

Enquanto ele se vestia, ela guardou a camisola, o vestido do dia anterior e a camisa dele no baú de viagem, o fechando e prendendo as travas. Se virou para ele, todo de preto como o luto mandava e se aproximou, o tocando no rosto.

— Chegou a hora — ele disse, passando os braços em volta da cintura dela.

— Chegou a hora — ela repetiu, suspirando. — Eu não quero ir, Thiago. — Ela o abraçou, começando a chorar. — Não é justo.

— Eu sei, *mi amor*, eu sei — ele sussurrou, beijando o rosto dela várias vezes, até chegar em

seus lábios. — Sinto muito por ter que ser assim.

— Eu sei — ela disse, o puxando para si e o beijando com todo o amor que sentia, com toda a força que tinha, o mantendo junto de si. Foi um beijo lento, salgado pelas lágrimas dela que insistiam em cair, amargo com o gosto da despedida e, ainda assim, doce com todo o amor que sentiam. Alguns beijos saíam da alma e outros do coração, e era mágico quando se encontravam, pois o amor vinha de ambos.

— Adeus, minha Bea, minha Isolda, minha rainha. — Ele a beijou mais uma vez, se afastando com muita dor.

— Adeus — ela sussurrou e ele saiu do quarto, levando consigo a manta dela e seu coração.



Thiago estava de coração partido. E enquanto todos estavam no pátio principal para esperar as carruagens, ele não pôde evitar sentir inveja dos casais que podiam se despedir em público. Klaus e Katherine estavam abraçados, com promessas de se casarem em seis meses. Daniel e Mérida iriam juntos para Navarra, haviam finalmente se entendido com toda a confusão dela ser e não ser a amada dele. Se casariam no próximo

PERIGOSAS ACHERON

mês, em uma cerimônia em Portugal, já que ela agora era dama de companhia da rainha. Da sua rainha.

Havia outros casais, alguns dos quais ele sabia menos. A princesa Lara agora tinha um noivo, o rei irlandês. Estranho, Thiago pensava que o rei tivesse uma amante. Lady Theresa estava de mãos dadas com o rei polonês, e Thiago se perguntou quando aquilo havia acontecido. Lady Rachel, uma das amigas de Beatrice, estava entrando na mesma carruagem que Lorde Brandon, o bastardo do rei inglês. As gêmeas germânicas estavam ambas se despedindo dos noivos. Eleanor estava com Edward, e Elena com o rei russo, Dimitri. Eram casais felizes por todos os lados.

Ele suspirou, forçando um sorriso quando algumas pessoas vieram se despedir dele. Uma dessas pessoas fora Marke.

— Boa sorte com ela, amigo — Marke sussurrou, com um sorriso, se despedindo. Thiago sorriu, assentindo.

E então as carruagens começaram a chegar e Thiago foi encontrar a irmã. Do outro lado do pátio, Beatrice estava entrando na carruagem. Ela deu uma última olhada para trás, para ele, e entrou, indo

PERIGOSAS NACIONAIS

embora para sempre de sua vida.

PERIGOSAS ACHERON



Treze meses depois

Já havia acontecido casamentos demais, mas nenhum havia sido com Beatrice. Ela havia sido a convidada de honra em vários, afinal, todos queriam uma nova rainha presente.

O primeiro fora o de Mérida e Daniel, ali no palácio de Lisboa. Depois de todos os problemas, eles haviam se resolvido e descoberto que ele tinha problemas de visão, por isso nunca a reconheceu com os cabelos escondidos. Então, tudo fez sentido, e Bea e ela riam da situação como as boas amigas que eram. Mérida tornou-se uma lady da corte

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

portuguesa, navarrense, e esposa do filho do regente. Era alguém bem importante, para quem começou como criada.

O segundo casamento fora dois meses depois da temporada, de Marke e Brianna. Ela e Marke trocavam cartas frequentemente, tornaram-se realmente irmãos, e soube que Brianna estava grávida. Sorria só de lembrar que seria madrinha em breve.

O terceiro casamento aconteceu seis meses depois, o de Klaus e Katherine. Quando ela reencontrou Thiago, mas não tiveram mais que uma dança juntos, sendo puxados o tempo todo para lados opostos, e sendo designados a quartos novos no palácio. Adeus, Tristão e Isolda.

O quarto fora em conjunto, Brandon e Rachel, Lara e Ryan. É claro que todos sabiam que o rei irlandês tinha uma amante chamada Agatha, mas isso não parecia importar muito para a rainha Louise, que queria ver a filha fazer um bom casamento, ainda mais porque ela mesma convivia com a amante do marido há anos e anos. Bea sempre achou injusto somente os homens poderem ter amantes, mas as regras eram o que eram.

Nesse meio tempo, também aconteceu o

PERIGOSAS ACHERON

casamento em conjunto das gêmeas, uma com um lorde francês — Edward — e a outra com o rei russo — Dimitri. Nesse evento, ela e Thiago não se encontraram, a agenda dele estava muito lotada e ele não pôde ir até a Alemanha. Uma pena, pois ela já sabia em qual quarto ele havia ficado da outra vez.

Sua irmã ainda não havia se casado, mas estava noiva do rei polonês. Beatrice ainda não havia entendido como Thessa e Sam se apaixonaram, e a irmã não falava muito, mas o amor dos dois parecia genuíno. Bea estava feliz pela irmã e triste por si mesma. Nunca se casaria, havia feito esse voto de que se não fosse com Thiago, não seria com ninguém, então, um dia o trono passaria para a irmã e o marido e, graças a Deus, ele parecia um bom homem, e sabia como reinar. Era bem melhor do que o histórico dela de cavalaria.

O início do reinado de Bea estava sendo pacífico, sem mais ataques espanhóis. Ela sorriu com esse pensamento. Sabia que Thiago nunca lhe atacaria, principalmente agora que não tinha mais o pai e a mãe o forçando a isso, então estavam sem problemas. Bea também cessou os ataques, dizendo

que dariam uma chance ao novo rei de se mostrar superior aos problemas do passado e que só atacariam dali em diante, se fosse para se defender.

Tudo estava correndo bem. A única tristeza em sua vida, além da falta óbvia de Thiago, era a mãe que definhava cada vez mais no luto. Já havia passado mais de um ano e ela continuava a usar preto para todos os eventos, em todos os dias. Arystelle e Thomas eram um casal lindo de se ver, e era uma pena terem acabado daquele jeito. Bea se entristecia só de pensar na mãe trancada naquele quarto, sozinha.

Suspirou, continuando a andar. Estava na beira da praia, aproveitando o castelo no litoral, com os pés descalços na areia. Estava usando um vestido em tons claros de rosa, aproveitando a temperatura amena de fim de inverno. Nunca fazia realmente frio, ao menos, não como na Alemanha. Era meio da tarde e a praia estava deserta, sendo só dela. Estava aproveitando sua solidão quando uma criada chegou, acompanhada.

— Vossa Majestade, acabou de chegar esse mensageiro espanhol, com ordens de só falar diretamente com a senhorita. — O coração de Beatrice gelou. Thiago não mandaria alguém, se

não fosse algo grave, algo importante.

— Obrigada, Carla. Pode ir, está tudo bem.
— A criada obedeceu e Beatrice foi até o mensageiro. O rosto dele estava coberto por um capuz e, sem dizer nada, ele lhe entregou uma carta dobrada.

Ela rompeu o selo espanhol e começou a ler.

“Vossa Majestade Real, Beatrice Castelleri de Portugal,

Por meio desta, eu lhe trago boas notícias, notícias de paz. Durante esses treze meses que passamos separados, eu vim pensando muito sobre o que fazer para resolver nossa situação e a resposta me pareceu óbvia. Um acordo de paz!

Nesta carta tem um acordo, que se assinado por você, trará paz definitiva aos nossos reinos, pondo fim de uma vez por todas nas guerras e problemas entre nossos povos. É uma proposta simples, na verdade, é um pedido.

A única forma de acabar com a inimizade entre Portugal e Espanha, é através da união destes dois em apenas um país, um império. E a única forma de fazermos isso, é nos casando. Isso mesmo, mi amor, estou lhe pedindo em casamento. Sei que essa não é a forma que gostaria de ser pedida e que não deveria ser tão formal entre nós, mas sabe que é necessário. Se disser que sim, essa será nossa salvação, nossa união eterna.

Di que sí, mi amor. Diga que sim.

Eternamente seu, Thiago Montello, rei da Espanha.

P.S: olhe para cima”

Beatrice sentiu seu coração disparar
PERIGOSAS ACHERON

inúmeras vezes enquanto lia a carta de Thiago e franziu o cenho. *Olhe para cima?* Ela ainda estava tentando processar tudo, quando ergueu a cabeça, vendo o mensageiro retirar o capuz.

— Thiago! — ela gritou, arregalando os olhos ao vê-lo ali, disfarçado de mensageiro, dando um sorriso de canto.

— Surpresa. — O sorriso dele aumentou e ela largou a carta no chão, se jogando nos braços dele, se agarrando em seu pescoço com todas as forças que tinha. — Imagino que tenha sentido minha falta. — Ele riu, beijando os cabelos dela, enquanto a abraçava apertado, a segurando nos braços com todo o amor que sentia, com toda a saudade que corroía seu peito.

— O que... como... quando... Thiago! — Ela se enrolou nas palavras, rindo baixinho, sentindo-o a abraçar mais forte. — Me explique isso direito. Casamento?

— Sim. Conversei muito com meus conselheiros, como se fosse algo puramente estratégico e nada ligado ao amor que sentimos, dizendo que isso nos tornaria em um império e tudo mais. Depois de treze longos meses, eles finalmente concordaram que era uma boa ideia e que eu

deveria mandar um emissário para tratar com você.

— E, então, você se disfarçou de emissário para vir me fazer uma surpresa — ela completou e ele assentiu, sorrindo. Ela se afastou um pouco dele para poder olhá-lo e sorriu, o puxando para si e o beijando.

Foi o beijo mais forte que já haviam trocado, um beijo com gosto de reencontro, com gosto de segunda chance. Um beijo sem a amargura da despedida ou a dor da incerteza, um beijo de puro amor, sem medo, sem dor, sem preocupações. O primeiro de muitos que seriam assim.

— O que me diz, Majestade? — Ele sorriu, segurando as mãos dela e se ajoelhando aos seus pés, tirando um anel dourado do bolso. — Se casa comigo?

— *Sí* — ela sussurrou em espanhol, rindo baixinho. — Sim, Thiago, sim, eternamente sim. — Ela sorriu, o puxando para cima e o beijando novamente.



Três dias e muitas sessões com o conselho depois, tudo estava acertado. A mãe dela, por incrível que parecesse, foi a primeira a aceitar o casamento. Thiago nunca se esqueceria das

PERIGOSAS ACHERON

palavras da futura sogra quando descobriu sobre os dois.

— Vá, case-se com ela e a faça feliz. Queria eu, que tivessem se apaixonado mais cedo e evitado tantos anos de guerra — ela disse, compreensiva, abraçando os dois. Thiago não pôde evitar se sentir mal ao vê-la ainda em roupas de luto, mas entendia a dor que ela estava passando. Também ficaria de luto a vida inteira se perdesse seu coração.

Eles agora estavam focados nos preparativos do casamento e na fusão dos dois reinos em um império. Seria complicado, principalmente, para os povos, que eram quem mais sofria com as guerras, mas pouco a pouco tudo se organizaria. Mandaram mensageiros irem a todas as vilas que conhecessem com a notícia da união dos dois e ordenaram que retornassem com as opiniões do povo.

Thiago havia praticamente se mudado para o palácio por tempo indeterminado, e ele e Beatrice se esgueiravam para o quarto um do outro todas as noites, matando aos poucos a saudade que quase os matou. Tudo estava perfeito e eles estavam felizes. Nada mais os separaria.

— Vou me casar de vermelho. É minha cor favorita. — Ela sorriu, pensando em voz alta,

enquanto ele se vestia para voltar ao próprio quarto. — Vermelho e dourado. E vou querer mangas de veludo, com estampas florais na saia. E você usará cor de vinho, num tom escuro misturado com preto e um ou outro detalhe dourado para combinar com meu vestido. Nos casaremos na Espanha, é claro, já que estamos há tempo demais aqui. E convidaremos todos os presentes da temporada germânica, eles merecem.

— Não tenho opinião na minha própria roupa? — Ele ergueu uma sobrancelha, rindo.

— Não, não tem. Bem-vindo à vida de casado, é a mulher quem dá as ordens. — Ela riu, se sentando na cama com as pernas cruzadas.

— Sabe que eu amo quando me dá ordens. — Ele riu, se aproximando e a beijando uma última vez. — Agora, me deixe voltar para o quarto. Te encontro mais tarde, na reunião do casamento?

— Claro — ela concordou, dando uma risadinha. — Sabe, talvez precisemos antecipar um pouco o casamento. Nesse ritmo que estamos, não me admiraria se engravidasse cedo.

— Não seria má ideia. — Ele sorriu, abrindo a porta. — Amo você — disse, saindo do quarto, deixando para trás uma Beatrice satisfeita e mais

PERIGOSAS NACIONAIS

feliz do que nunca.

PERIGOSAS ACHERON



Sete meses após o casamento, o primeiro herdeiro nasceu, Diego Castelleri Montello, futuro Imperador do recém-nascido império Português-Espanhol.

Beatrice havia engravidado ainda durante o noivado e houve um pequeno escândalo, mas ela não se importava. Estava feliz. E dois anos depois, vieram as gêmeas, Djessica e Eleonora Ailee, suas duas princesinhas. Eram lindas, com os cabelos castanho claros da mãe, enquanto Diego era a imagem exata do pai. Estavam morando em um castelo que ficava na divisa entre o que costumava ser Espanha e Portugal, e as crianças estavam

PERIGOSAS ACHERON

crescendo muito bem. Diego, agora com cinco anos, era um pequeno prodígio. Já estava aprendendo a ler e era fluente em português e espanhol, facilitando muito a vida dos pais, que não precisavam ficar trocando de idioma sempre quando estavam junto ao filho.

As gêmeas estavam com três anos e usavam lindos vestidos vermelhos e dourados, as cores oficiais do novo império. Djessica era a mais sapeca, escalando árvores baixas e correndo pelos corredores do castelo a toda hora, se divertindo com todas as brincadeiras possíveis, enquanto Ailee — só a chamavam pelo segundo nome — era uma princesa de porte e pompa, agindo como tal, sem correr ou gritar demais. Eram opostos completos, ainda que idênticas.

Beatrice estava grávida de novo e as apostas eram que seria mais um menino. Fosse como fosse, estavam todos felizes e a vida não poderia melhorar mais.



Quinze anos depois.

Diego havia sido convidado para uma temporada germânica, algo que, após a Imperatriz

PERIGOSAS ACHERON

Melody, havia se tornado uma tradição. O Imperador agora era Klaus Habsburg, desde que o falecido Rudolf abdicou do trono para ir viajar com a esposa. Klaus e Katherine faziam um par e tanto, e era divertido para Diego pensar que eles haviam se conhecido na mesma época que seus pais, já que eram totalmente diferentes.

Claro que ele já era familiarizado com as lendas ao redor do amor entre Thiago e Beatrice. Eram como Romeu e Julieta, Tristão e Isolda, o casal de inimigos que se apaixonou e teve um final feliz. Como o pai dizia, passaram a perna no destino. Diego admirava os dois, a história que tiveram.

Estava agora andando pelos labirintos, se lembrando de que os pais se conheceram ali, e acabou sorrindo, imaginando como deveria ser há quase vinte e dois anos, quando ainda existia uma guerra e seu avô assustador ainda estava vivo. Ele era um dos poucos a saber a verdade sobre a morte de Carlos, havia escutado os pais conversando uma vez, por trás da porta, mas não falou nada para eles sobre saber a verdade. Se eles queriam manter segredo, ele manteria assim.

A única guerra existente agora eram

PERIGOSAS ACHERON

pequenas batalhas de um país contra o outro por território, batalhas essas das quais ele se sentia honrado em participar. Era um ótimo guerreiro, aprendeu bastante com o pai e treinava todos os dias, ao amanhecer. Podiam estar em paz agora, mas tudo mudava num piscar de olhos, e precisava estar preparado para um dia ser Imperador.

Naquela manhã não havia treinado ainda, já que, pelo visto, ninguém acordava cedo na Germânia, e ele não gostava de treinar com bonecos. Estava quase saindo do labirinto quando ouviu uma risadinha vindo de outra curva e ergueu uma sobrancelha. Era uma risada de mulher.

Andou lentamente, espiando por entre os arbustos, pensando que, talvez, encontraria um casal em um momento comprometedor, mas tudo com o que se deparou foi uma garota de cabelos pretos e olhos azuis, rindo para um livro. Ele ergueu uma sobrancelha, se aproximando dela, curioso.

— Pensei que só eu estivesse aqui a esta hora. Bom dia, senhorita...

— Susanna, bom dia. — Ela sorriu, tirando os olhos do livro. — Também pensei que estivesse a sós. Pelo visto, ambos nos enganamos.

— O que está lendo? Sua risada me chamou a atenção.

— Shakespeare. Uma comédia, para ser mais exata... Se bem que, todas as peças dele me parecem comédias, mas esta é uma oficialmente. O mercador de Veneza, é como essa se chama.

— Já ouvi falar, mas nunca li. Quem gosta de livros é minha irmã, eu prefiro passar meu tempo treinando. É sobre o quê?

— Amor, dinheiro, preconceito e injustiça social. — Ela sorriu, dando de ombros. — É uma boa história, mas ainda não li tudo. Aliás, não me disse seu nome.

— Diego. — O sotaque dele era acentuado, mais acostumado a falar em espanhol.

— Muito prazer, Diego. Agora, se me der licença, preciso encontrar outro lugar para ler, já que meu esconderijo foi descoberto. Tenha um bom dia. — E se levantou, saindo, passando por ele e deixando um cheiro suave de flores no ar.

Diego sorriu de canto, imaginando que aquela não seria a última vez que a veria. Esperava que não fosse.



Em casa, Beatrice não parava de andar para
PERIGOSAS ACHERON

lá e para cá, o filho mais novo a olhando com uma sobrelanceira erguida. Martín tinha quatorze anos e já achava que a mãe era doida.

— Mãe, o que aconteceu?

— O que aconteceu é que seu irmão e suas duas irmãs estão sozinhos, lá na Alemanha. E se algo acontecer com eles?

— Mãe, não vai acontecer nada. Lá é seguro, *tú e mi padre* se conheceram lá, eles vão ficar bem.

— Ele misturava bastante o português e o espanhol nas frases, desde pequeno era assim.

— Mas, e se...

— E se, nada — Thiago os interrompeu, entrando na sala. — Pare de se preocupar, *mi amor*. — Ele se aproximou, a abraçando.

— Certo, é agora que eu saio daqui. — Martín riu, saindo pelos corredores para seu quarto, enquanto deixava os pais a sós.

— Não tenho como não me preocupar. São meus bebês que estão à solta no mundo, quando foi a nossa temporada, duas pessoas morreram e corações foram partidos, e se...

— *Mi amor*, não há mais guerra, não há risco, não precisa se preocupar. Nossos filhos e os corações deles ficarão bem. — Ele sorriu, beijando

a testa dela. — E ainda temos Martín aqui conosco, não estamos completamente sozinhos sem nossos bebês.

— Ainda acho arriscado demais deixá-los sozinhos. Você sabe como é Djessica, para ela arrumar uma confusão seria num piscar de olhos. E nossa Ailee é tão frágil, e se alguém magoá-la?

— Ela é mais forte do que parece, e terá a sua ajuda, se algo acontecer. Sem falar que, Diego mataria o homem que magoasse sua irmãzinha mais nova. — Thiago sorriu, beijando a testa dela mais uma vez. — Você precisa ficar mais calma, *mi amor*.

— É fácil para você falar, não é você quem deu à luz as quatro criaturas mais perfeitas desta terra.

— Eu os fiz tanto quanto você. — Ele riu, mas parou quando a viu fechar a cara. — Tudo bem, tudo bem, eu não passei pelas dores do parto, mas, mesmo assim... eu sou pai deles também, e os amo tanto quanto você. São nossos bebês, estou preocupado também, mas precisamos deixar que sejam livres.

— Eu sei. — Ela suspirou, encostando a cabeça no ombro dele. — Tudo bem, estou mais

calma. Mas vou escrever cartas.

— Escreva quantas quiser. — Ele sorriu, a soltando e indo se sentar em uma das poltronas. — Consegue acreditar que há pouco mais de vinte anos éramos nós na Germânia, sendo seduzidos em um labirinto?

— O tempo passou voando. — Ela sorriu, indo se sentar no colo dele. — Naquela época, nunca imaginávamos que, vinte anos depois, ainda estaríamos juntos.

— Eu disse que daríamos um jeito de passar a perna no destino. — Ele riu, passando os braços em volta da cintura dela. — *Te quiero mucho, mi amor.*

— Assim como eu também amo você. — Ela sorriu, se inclinando e beijando o rosto dele e depois os lábios, com um sorriso de pura felicidade.



Anos depois, Thiago e Beatrice morreram, juntos, na mesma noite, enquanto dormiam, cumprindo mais uma promessa de que só morreriam velhinhos e juntos, deixando para seus filhos e netos um legado, sendo dali em diante conhecidos como *o amor que pôs fim à guerras e mudou a história.*

PERIGOSAS NACIONAIS

Fim.

PERIGOSAS ACHERON

Agradecimentos

Oi, meus amores. Este livro foi muito especial para mim e eu espero mesmo que vocês tenham gostado. Têm algumas pessoas que me ajudaram durante o processo de escrita, a quem eu gostaria de agradecer, então, lá vai.

A começar pela Lis Maddox, que quando o prazo do livro apertou, ficou me mandando mensagem todo santo dia para me lembrar de escrever. Quero agradecer também à Bah Pinheiro, por aturar meus atrasos até entregar o livro para a revisão, muito obrigadinha mesmo!

Quero agradecer também ao meu pai e a minha mãe, pela paciência que tiveram em me ouvir falando deste livro por dias e dias sem parar, desde a época em que Thiatrice ainda eram só uma história de RPG virtual. E queria agradecer à Djessie, por ter me ajudado com as cenas de Carllos e Christine. Chrislos foi um casal muito importante para a gente e foi bom poder revivê-los uma última vez.

E queria agradecer a você, leitor(a), por ter dado seu tempo para conhecer esta nova versão de

Romeu e Julieta, Tristão e Isolda, e todos os outros amores impossíveis em quem você conseguir pensar. Espero que esta história seja tão importante para você quanto foi para mim.

Beijinhos, Aline Rubert.

[\[BP1\]](#)
